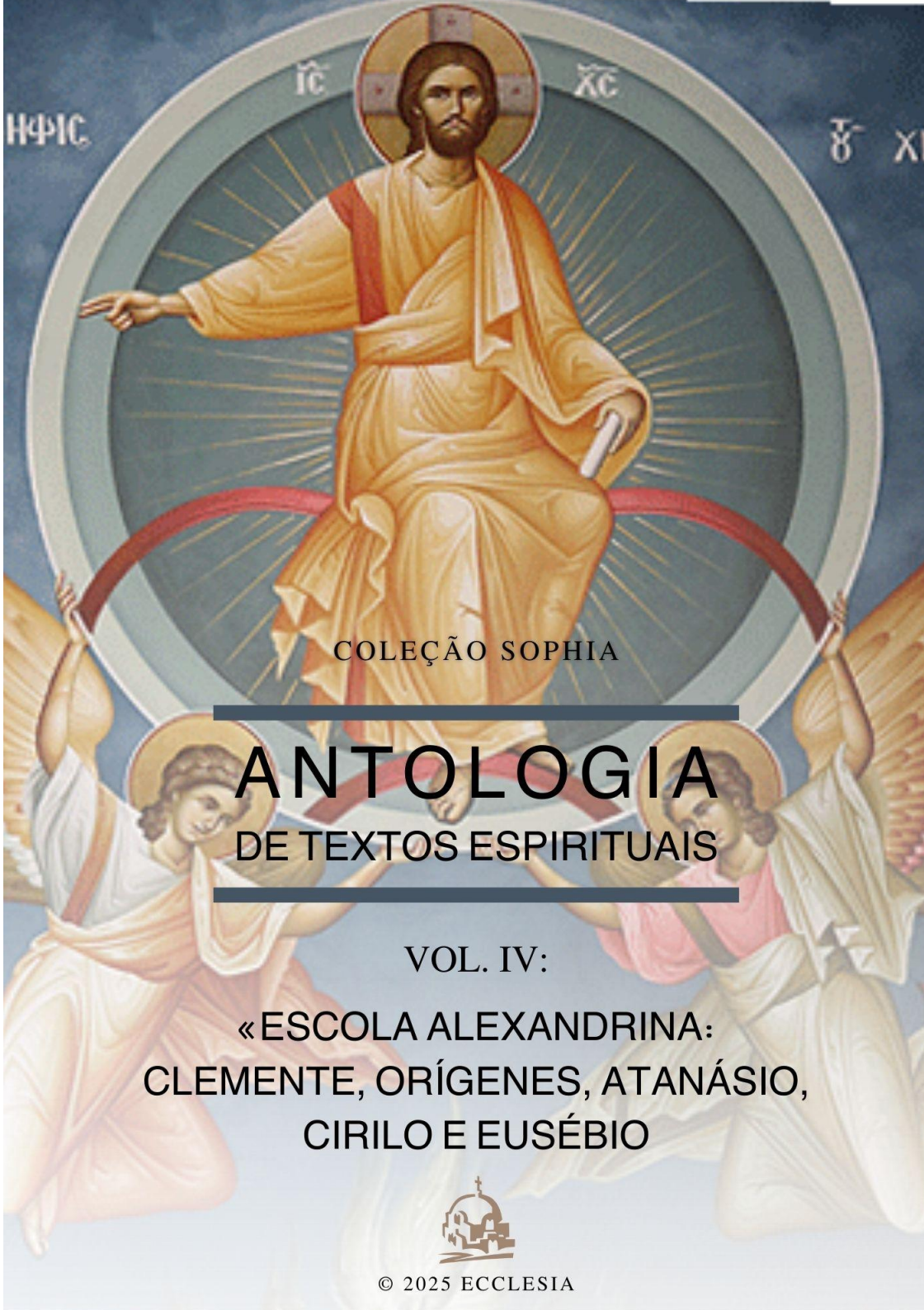




COLEÇÃO SOPHIA

ANTOLOGIA

DE TEXTOS ESPIRITUAIS

VOL. IV:

«ESCOLA ALEXANDRINA:
CLEMENTE, ORÍGENES, ATANÁSIO,
CIRILO E EUSÉBIO



© 2025 ECCLESIA

S O P H I A

ANTOLOGIA DE TEXTOS ESPIRITUAIS:

«ESCOLA ALEXANDRINA: CLEMENTE, ORÍGENES, ATANÁSIO, CIRILO E EUSÉBIO

Textos recolhidos da seção SOPHIA,
de ECCLESIA (Brasil)



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
VOL. IV: ESCOLA ALEXANDRINA: CLEMENTE, ORÍGENES, ATANÁSIO, CIRILO E EUSÉBIO.....	11
CLEMENTE DE ALEXANDRIA.....	15
1. «João Batista convida-nos à salvação».....	15
2. «Os cobradores de impostos e as meretrizes vão preceder-vos no Reino de Deus».....	16
3. «Os dois mandamentos».....	17
4. «Sobre a Salvação dos Ricos».....	18
5. «Não podeis servir a Deus e ao dinheiro».....	23
6. «Ouvi, ó Meu povo, sou Eu Quem vai falar» (Sl 49, 7).....	24
7. «O barco chegou imediatamente à terra para onde iam».....	26
8. «Delas é o Reino do Céu».....	26
9. «A quantos O receberam, aos que n'Ele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus».....	28
10. «Teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor».....	28
11. «É da vontade de vosso Pai que está no Céu que não se perca um só destes pequeninos».....	30
12. «Arranjai amigos».....	31
13. «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?».....	32
14. «O Cântico Novo: «Ana proclamava os louvores de Deus».....	33
15. «A nova lei inscrita no coração dos homens».....	34
16. «Logo o barco chegou à terra para onde se dirigiam».....	35
17. «Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.».....	36
18. «Eu vim para que [...] tenham vida e a tenham em abundância.».....	37
19. «Os coxos andam».....	38
20. «Por isso, estai vós também preparados».....	39
21. «Jesus suspirou [...] e respondeu-lhes: 'Porque pede esta geração um sinal?'».....	40
22. «Ouve, meu povo, sou Eu quem vai falar» (Sl 49,7).....	41
23. «A luz veio ao mundo».....	42
24. «Compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor».....	43
25. «Quem acolher em meu nome uma criança como esta, acolhe-Me a Mim».....	45

26.	«Àqueles que O receberam e acreditaram no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus»	46
27.	«Tem piedade, Senhor, dos teus pequenos».....	46
28.	«Os publicanos e as mulheres de má vida irão diante de vós para o Reino de Deus».....	47
29.	«Os ricos podem salvar-se?»	48
ORÍGENES		51
30.	«O Filho do homem é Senhor do sábado»	51
31.	«Não penseis que vim revogar a lei [...]; não vim revogá-la, mas completá-la» (Mt 5, 17).....	53
32.	«Se permanecerdes fiéis à minha mensagem [...], a verdade vos tornará livres».....	54
33.	«Estavam fixos em Jesus os olhos de toda a sinagoga».....	55
34.	«Vais ficar mudo [...] até ao dia em que tudo isto acontecer, por não teres acreditado nas minhas palavras.»	57
35.	«Não sabeis que sois templo de Deus?» (1Cor 3,16)»	58
36.	«Ao ver a cidade, Jesus chorou sobre ela»	59
37.	«Eles, porém, não entendiam aquela linguagem»	60
38.	«Cristo, alimento das almas»	61
39.	«Cristo, alimento dos anjos».....	61
40.	«Eis o meu servidor».....	62
41.	«Herodes procurava ver Jesus».....	63
42.	«Começou então a ensinar-lhes muitas coisas»	64
43.	«Limpa antes o interior do copo».....	65
44.	«Cristo, Bom Samaritano»	66
45.	«Venha o Teu Reino (Mt 6, 10)»	67
46.	«O Verão está próximo»	68
47.	«Deixarás ir em paz o Teu servo».....	69
48.	«Ninguém Lhe deitou a mão»	70
49.	«Se permanecerdes fiéis à Minha palavra, sereis realmente Meus discípulos; então conhecereis a verdade, e a verdade tornar-vos-á livres» 71	
50.	«Vai e faz tu também o mesmo».....	73
51.	«Sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus»	74
52.	«Tu és, realmente, o Filho de Deus!»	75
53.	«Os dons de Deus e a liberdade do homem»	76
54.	«O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não hão-de passar» 77	
55.	«Preparai o caminho do Senhor, endireitai as Suas veredas».....	78
56.	«Ele expulsa os demônios».....	79
57.	«Ir em paz»	80

58.	«Apertado é o caminho que conduz à vida»	81
59.	«São cegos a conduzir outros cegos».....	82
60.	«E o Verbo fez-Se homem e veio habitar conosco. E nós contemplamos a Sua glória, [...] cheia de graça e de verdade» (Jo 1,14)»	83
61.	«E em três dias o levantarei».....	84
62.	«A casa encheu-se com a fragrância do perfume»	85
63.	«Três dias depois, encontraram-n'O no templo».....	87
64.	«Vi o Espírito que descia do céu como uma pomba e permanecia sobre Ele».....	88
65.	«Então, verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens com grande poder e glória»	89
66.	«Limpa antes o interior do copo»: preparar um caminho no nosso coração».....	90
67.	«Aquela linguagem estava-lhes velada»	92
68.	«Ele falava do templo que é o seu Corpo».....	92
69.	«Tem na mão a pá de joeirar»	93
70.	«O grão de trigo caído na terra»	94
71.	«Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão».....	95
72.	«Tudo quanto pedirdes em meu nome, Eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.».....	96
73.	«Caminhai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos envolvam» (Jo 12,35)»	97
74.	«Será cheio do Espírito Santo desde o seio materno»	98
75.	«Tu és verdadeiramente o Filho de Deus».....	99
76.	«Os seus exércitos, servidores dos seus desejos» (Sl 102,21)».....	100
77.	«Então vai e faz o mesmo.».....	101
78.	«A fim de reconheceres a solidez da doutrina em que foste instruído» (Lc 1,4)».....	102
79.	«A palavra dos apóstolos Simão e Judas ressoou por toda a terra» 104	
80.	«Ao ver a cidade, [Jesus] chorou sobre ela».....	105
81.	«Fundado sobre a rocha, que é Cristo»	106
82.	«Grande aos olhos do Senhor».....	106
83.	«Se eu, ao menos, tocar nas suas vestes, ficarei curada.»	107
84.	«Quem não junta comigo dispersa».....	108
85.	«Do Oriente e do Ocidente virão muitos sentar-se à mesa, com Abraão, Isaac e Jacob, no reino dos Céus».....	109
86.	«O reino de Deus está no meio de vós»	111
87.	«A verdadeira violência que se apodera do reino dos Céus».....	112

88.	«Mas tu vais guardar silêncio [...] até ao dia em que tudo isto aconteça, por não teres acreditado nas minhas palavras».....	113
89.	«Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá»	114
90.	«Ninguém Lhe deitou as mãos»	115
91.	«Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia; ele viu-o e exultou de alegria»	116
92.	«O poder da cruz»	117
93.	«Eu sou a Ressurreição e a Vida».....	118
94.	«O Bom Pastor».....	119
95.	«A mulher samaritana».....	120
96.	«Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» 121	
97.	«Eles, porém, não compreendiam aquelas palavras».....	122
98.	«A arca da Igreja»	123
99.	«Se não tos lavar, não terás parte comigo»	124
100.	«São cegos a guiarem cegos».....	125
101.	«Jesus retirou-Se para os lados de Tiro».....	126
102.	«Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo»	127
103.	«Vós procurais a verdade no íntimo dos seres» (Sl 50,8).....	128
104.	«Porque estais tão assustados?».....	129
105.	«Segue-Me».....	131
106.	«Nesses dias, jejuarão».....	132
107.	«Cumpru-se hoje mesmo esta passagem da Escritura»	133
108.	«Desposar-te-ei em fidelidade e tu conhecerás o Senhor» (Os 2,22)» 134	
109.	«Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que acredita em Mim não fique nas trevas».....	135
110.	«Porque nasceram da ressurreição, são filhos de Deus»	137
111.	«Deixareis ir em paz o vosso servo».....	137
112.	«Testemunha de Cristo na vida e na morte».....	138
113.	«Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão».....	139
114.	«Eis o meu servo».....	140
115.	«Ser uma pedra viva»	141
116.	«Eu vi o Espírito Santo descer do Céu como uma pomba e permanecer sobre Ele».....	142
117.	Precursor de Cristo no nascimento e na morte.....	143
ATANÁSIO DE ALEXANDRIA		145
118.	«Jesus entrou, tomou a mão da menina e ela ergueu-se».....	145
119.	«Terás um tesouro no céu».....	146

120.	«Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria?».....	147
121.	«Não vindes do mundo, pois fui eu que vos escolhi do meio do mundo».....	148
122.	«Eu e o Pai somos Um».....	149
123.	«Quem Te deu essa autoridade?».....	150
124.	«Uma cura ao sábado, símbolo da conclusão da criação».....	151
125.	«Cristo é a imagem de Deus invisível; nele temos a redenção e a remissão dos pecados (Col 1,14.15)».....	153
126.	«Não sois do mundo, pois a minha escolha vos separou do mundo».....	154
127.	«Sobre a encarnação do Verbo».....	155
128.	«Todos os que sofriam de algum padecimento corriam para Ele, a fim de Lhe tocarem».....	156
129.	«Restaurar a imagem de Deus no homem».....	157
130.	«Para que todo o homem que acredita nele [...] tenha a vida eterna».....	158
131.	«Quem Te deu autoridade para o fazeres?».....	159
132.	«Terás um tesouro nos Céus».....	160
133.	«O Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido».....	161
134.	«Nascer com Cristo».....	162
135.	«André, a primeira planta do jardim apostólico».....	163
136.	Façamos aumentar todos os dias o nosso ardor na esperança da vida eterna!.....	164
CIRILO DE ALEXANDRIA.....		166
137.	«Moisés e Elias [...] falavam da Sua morte, que ia acontecer em Jerusalém».....	166
138.	«De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações».....	167
139.	«Hosana! Bendito seja O que vem em nome do Senhor!» (Mc 11, 9-10).....	168
140.	«Aqui está o meu servo».....	170
141.	«O meu tempo está próximo. É em tua casa que Eu quero celebrar a Páscoa».....	171
142.	«Para congregar na unidade todos os filhos de Deus, que andavam dispersos».....	172
143.	Vós também haveis de dar testemunho.....	174
144.	«Se acreditásseis em Moisés, acreditaríeis em Mim, pois ele escreveu a meu respeito».....	175
145.	«Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto».....	177

146.	«Quantos O tocavam ficavam curados».....	178
147.	«Pai, tenho manifestado o Teu nome aos homens»	179
148.	«Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo»	180
149.	Cristo abre-nos o caminho	181
150.	O discípulo bem formado será como o mestre	182
151.	«E o pão que Eu hei-de dar é a Minha carne, pela vida do mundo» 183	
152.	Se o grão de trigo morrer, dá muito fruto.....	184
153.	Quando estas coisas começarem a acontecer, cobrai ânimo... (Lc 21, 28)	186
154.	Preparai o caminho do Senhor.....	187
155.	Assim «renovas a face da terra» (Sl 103, 30).....	188
156.	É meu Pai que vos dá o verdadeiro pão que vem do céu	189
EUSÉBIO DE ALEXANDRIA.....		191
157.	«O Sábado torna-se o primeiro dia da nova criação»	191
158.	«Não devia libertar-se desse jugo no dia de sábado?».....	192



Apresentação

«A memória dos justos é eterna» (SI 111,6)

A **Coleção Sophia** reúne textos espirituais e teológicos dos Padres da Igreja e mestres da vida cristã, provenientes de séculos de tradição. Organizada por afinidade histórica e temática, ela busca oferecer ao leitor uma seleção fiel e acessível, que permita saborear a riqueza da fé cristã em sua fonte mais pura. Cada volume é acompanhado de uma breve introdução contextual, ajudando a situar o leitor na vida e na obra dos autores apresentados.

Os textos, recolhidos ao longo de mais de uma década do boletim diário [Evangelho Cotidiano](#), foram reunidos, reeditados e organizados nesta coleção por Pe. André Sperandio.

Vol. IV: Escola Alexandrina: Clemente, Orígenes, Atanásio, Cirilo e Eusébio

O presente volume reúne alguns dos principais mestres que formaram a célebre Escola Catequética de Alexandria, marco fundamental no desenvolvimento do pensamento cristão primitivo. Nela floresceu uma síntese única entre fidelidade à Tradição apostólica, leitura das Sagradas Escrituras e diálogo com a cultura helenística. Os autores aqui reunidos expressam, em diferentes tempos e modos, a riqueza espiritual, teológica e exegética dessa tradição.

- **Clemente de Alexandria († c. 215)** foi mestre e precursor do método alegórico de interpretação bíblica. Sua obra combina o ardor da fé com a erudição grega, buscando mostrar que Cristo é o verdadeiro Logos que ilumina toda filosofia e toda sabedoria humana.
- **Orígenes († c. 253)**, discípulo de Clemente, é considerado um dos maiores exegetas da história cristã. Combinou uma vida ascética rigorosa com uma produção literária imensa: comentários, homilias, tratados. Sua busca por penetrar o sentido espiritual da Escritura e sua visão cósmica da salvação influenciaram profundamente a tradição posterior, ainda que algumas de suas teses tenham sido objeto de controvérsia.
- **Atanásio de Alexandria († 373)**, bispo e grande defensor da fé nicena, deu continuidade à herança alexandrina, mas agora em chave dogmática e pastoral. No centro de sua vida e obra está a defesa da plena divindade do Verbo contra o arianismo. Sua célebre obra *Da Encarnação do Verbo* é testemunho luminoso de como a teologia alexandrina serviu à confissão de fé da Igreja.
- **Cirilo de Alexandria († 444)**, sucessor de Atanásio na cátedra de Alexandria, é uma das figuras mais influentes da patrística oriental. Como bispo e Doutor da Igreja, destacou-se sobretudo nas controvérsias cristológicas do século V, defendendo com vigor a unidade da pessoa de Cristo contra o nestorianismo. Sua teologia, profundamente enraizada na tradição bíblica e litúrgica, é inseparável da proclamação da Virgem Maria como Theotokos, título solenemente confirmado no Concílio de Éfeso (431). Cirilo representa o ápice da maturidade da tradição alexandrina, onde exegese, espiritualidade e definição dogmática se unem em defesa da fé da Igreja.

- **Eusébio de Cesareia** († 339), embora ligado geograficamente à Palestina, foi discípulo e continuador da tradição origeniana. Conhecido como “pai da história da Igreja”, legou-nos uma imensa obra histórica e exegética, preservando grande parte do pensamento dos séculos II e III.

Este volume convida o leitor a percorrer as diversas facetas da Escola Alexandrina: a erudição filosófica de Clemente, a exegese mística de Orígenes, a firmeza dogmática de Atanásio, a autoridade cristológica de Cirilo e a memória histórica de Eusébio. Juntos, eles nos mostram como a fé cristã soube dialogar com o mundo helênico, sem perder sua identidade, e como a leitura viva da Escritura continua a ser fonte de vida para a Igreja.



Clemente de Alexandria

1. «João Batista convida-nos à salvação»

Protréptico, o Pedagogo, os Stromata e as Homilias diversas).

Não é estranho, meus amigos, que Deus nos exorte sempre à virtude, e que nos furtemos a esse socorro, que devolvamos a salvação? Não nos convida João também à salvação, não é todo ele uma voz que nos exorta? Perguntemos-lhe pois: «Quem és tu entre os homens, e donde vens?» Ele não dirá que é Elias e negará que é o Cristo, mas confessará que é uma voz que grita no deserto. (Jo 1,20s). Quem é, pois, João? Para tomar uma imagem, permiti-me dizer: uma voz do Verbo, da Palavra de Deus, que nos exorta gritando no deserto...: »Aplanai os caminhos do Senhor» (Mt 1,3). João é um precursor e a sua voz é precursora da Palavra de Deus, voz que encoraja e predispõe à salvação, voz que nos exorta a procurar a herança do céu.

Graças a esta voz «a mulher estéril e desamparada não será mais sem filhos» (Is 54,1). A voz de um anjo tinha-me anunciado esta gravidez; essa voz era também um precursor do Senhor, que trazia a boa notícia à mulher que não tinha engravidado (Lc 1,19), assim como João na solidão do deserto. É, portanto, pela voz do Verbo que a mulher estéril engravida na alegria e que o deserto produz frutos. Estas duas vozes, precursoras do Senhor, a do anjo e a de João, comunicam-me a salvação neles oculta, de modo que, depois da manifestação deste Verbo, colhamos o fruto da fecundidade, a vida eterna.

2. «Os cobradores de impostos e as meretrizes vão preceder-vos no Reino de Deus»

Homilia «Que rico será salvo?», 39-40

As portas estão abertas a todo aquele que, com sinceridade de coração, se voltar para Deus, e o Pai recebe com alegria um filho que verdadeiramente se arrependa.

Qual é o sinal do arrependimento verdadeiro? Não voltar a cair em velhos erros e arrancar do coração, pela raiz, os pecados que nos punham em perigo de morte. Quando estes forem apagados, Deus virá habitar em nós. Porque, como diz a Escritura, um pecador que se converte e se arrepende encontra no Pai e nos anjos do céu uma imensa e incomparável alegria (Lc 15,10). Eis por que o Senhor declarou: «Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios» (Os 6,6; Mt 9,13); «Não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim na sua conversão» (Ez 33,11). «Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlata, tornar-se-ão brancos como a neve; mesmo que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã» (Is 1,18).

Só Deus, de fato, pode remir os pecados e não imputar os erros, ainda que o Senhor Jesus nos exorte a perdoar, cada dia, aos irmãos que se arrependem. E se nós, que somos maus, sabemos dar coisas boas aos outros (Mt 7,11), quanto mais não dará «o Pai das misericórdias» (2 Cor 1,3)? O Pai de toda a consolação, que é bom, cheio de compaixão, de misericórdia e de paciência por natureza, espera os que se convertem.

E a verdadeira conversão supõe que deixemos de pecar e que não olhemos mais para trás. Lamentemos amargamente, pois, os erros cometidos e peçamos ao Pai que os esqueça. Ele pode, na

sua misericórdia, desfazer o que foi feito e, com o orvalho do Espírito, apagar as nossas faltas passadas.

3. «Os dois mandamentos»

Homilia «Que rico se pode salvar?» (a partir da trad. col. Ichthus, vol. 6, p. 42 rev.) Fonte:

Quando perguntaram ao Mestre qual era o maior dos mandamentos, Ele respondeu: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com todas as tuas forças. Não há maior mandamento». E eu acredito nisso, porque diz respeito ao Ser essencial e primeiro, Deus nosso Pai, por Quem tudo foi feito, tudo permanece, e a Quem voltarão todos os que forem salvos. Foi Ele Quem nos amou primeiro, Quem nos fez nascer; seria sacrilégio pensar que exista um ser mais antigo e mais sábio. O nosso reconhecimento é ínfimo, comparado com as imensas graças que nos concedeu, mas não podemos oferecer-Lhe outro testemunho, a Ele que é perfeito e de nada necessita. Amemos o nosso Pai com todas as nossas forças e todo o nosso fervor e receberemos a imortalidade. Quanto mais se ama a Deus, mais a nossa natureza se mistura e se confunde com a Sua.

O segundo mandamento, diz Jesus, em nada fica atrás do primeiro: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo.» [...] Quando o doutor da Lei pergunta a Jesus: «E quem é o meu próximo?» (Lc 10, 29), Ele não lhe responde com a definição judaica de próximo – o parente, o concidadão, o prosélito, o homem que vive sob a mesma lei; mas conta a história de um viajante que descia de Jerusalém para Jericó. Ferido pelos ladrões [...], esse homem foi tratado por um Samaritano, que «se mostrou seu próximo» (v. 36).

E quem é meu próximo mais do que o Salvador? Quem teve mais piedade de nós quando os poderes das trevas nos abandonaram e golpearam? [...] Só Jesus soube curar as nossas chagas e extirpar os males enraizados nos nossos corações. [...] É por isso que devemos amá-Lo tanto quanto a Deus. E amar a Cristo Jesus é cumprir a Sua vontade e guardar os Seus mandamentos.

4. «Sobre a Salvação dos Ricos»

Homilia de São Clemente de Alexandria

Formula-se ao Senhor e Mestre uma pergunta que a ninguém mais conviria senão a ele. Pergunta-se à Vida acerca da vida, ao Salvador sobre a salvação, ao Mestre sobre a síntese de seus ensinamentos, à Verdade sobre a verdade, à Imortalidade sobre a imortalidade, à Palavra sobre a palavra do Pai, ao Perfeito sobre o perfeito descanso, ao Incorruto sobre a verdadeira incorrupção. Formula-se ao Senhor uma pergunta sobre aquilo mesmo pelo que ele descera ao mundo, e que constituía o objeto de seu ensino: a vida eterna. Ora, como Deus, ele sabia o que ia ser perguntado e qual a resposta que ele próprio, ao interrogar por sua vez, haveria de receber. Quem, mais do que ele, era profeta dos profetas e senhor de todo espírito profético? Quando o chamam bom, faz desta palavra a ocasião para começar o ensinamento, levando o discípulo ao Deus bom, primeiro e único dispensador da vida eterna, da vida que o Filho comunica, recebida do Pai.

Assim, o maior dentre os ensinamentos sobre a vida eterna deve ser imediatamente impresso na alma, a saber: o reconhecimento do Deus eterno, a compreensão de que Deus é o primeiro, o supremo, o único, o bom. O princípio inabalável e

fundamental para a vida, é a ciência de Deus, do Deus eterno que nos doa o eterno, do Ser do qual tudo recebe o ser e a permanência no ser. A ignorância de Deus é a morte. O conhecimento de Deus, o relacionamento com ele, seu amor: eis a única coisa que é vida.

A primeira recomendação que Jesus faz a quem busca a verdadeira vida é a de conhecer àquele que ninguém conhece, exceto o Filho e exceto quem recebe a revelação do Filho. (Mt 11, 17) Trata-se, portanto, de conhecer a grandeza do Salvador e a nova graça, a qual sendo dada pelo Filho, supera a dada pelo servo, conforme diz o Apóstolo: "a lei nos foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade por obra de Jesus Cristo". (Jo 1, 17) Realmente, se a lei de Moisés fosse capaz de proporcionar a vida, teria sido inútil a descida do Salvador, sua paixão por nossa causa, seu itinerário percorrido do nascimento ao fim. E inútil teria sido que o jovem rico, após ter observado desde cedo todos os mandamentos, se viesse a prostrar ante outra instância para solicitar o prêmio da vida imortal.

Ele não só cumprira a Lei, mas a cumprira desde a infância... Que há de especial se a velhice não se entrega ao pecado? O lutador admirável é o que, desde o verão da existência, se mostra amadurecido como se já vivesse precocemente a idade provecta. Contudo, por grande que fosse tal lutador, estaria bem consciente de que, se quanto à justiça nada lhe faltava, quanto à vida tudo lhe faltava. E então pede-a ao único capaz de concedê-la. Quanto à Lei, estava seguro desde muito tempo; ei-lo, porém súplice ante o Filho de Deus. De uma fé passa a outra. Como alguém que não se sente seguro na barca da Lei, como o viajante que navega, ele busca o Salvador.

Jesus não o repreende, por não ter de fato cumprido toda a Lei, antes o ama e felicita por seguir fielmente a instrução recebida. Entretanto, no que concerne a vida eterna, declara-o

imperfeito, por não ter realizado o que a perfeição requer. Operário da Lei, sem dúvida,, mas ainda deficiente quanto à vida eterna. Ninguém contesta que a Lei era boa, pois "o mandamento é santo"(Rm 7, 12), no sentido de uma função de pedagogia e de instrução prévia (Gl 3, 24), a caminhar para a culminância da lei de Jesus e para a graça. Mas a plenitude da Lei é Cristo, que justifica todo o que crê. E Jesus, não sendo escravo, não faz escravos mas filhos, irmãos, coerdeiros seus, todos os que cumprem a vontade de seu Pai.

"Se queres ser perfeito" (Mt 19, 21): logo, ainda não o era, pois o perfeito não se aperfeiçoa. E disse divinamente "se queres", indicando a faculdade de livre arbítrio daquele com quem falava. Ao homem, enquanto livre, cabia a escolha; a Deus cabe dar, como Senhor e Juiz que é. Ele dá aos que querem, se esforçam e pedem, a fim de que sua salvação brote deles mesmos. Deus não força a ninguém, a violência lhe é inimiga. Ele atende aos que buscam, dá aos que pedem, abre aos que batem à porta (Mt 7, 7).

Assim, se queres, se realmente, sem te enganares a ti mesmo, queres obter o que te falta, "uma coisa te falta", a única coisa que permanece, aquilo que é bom e está acima da Lei, o próprio dos que vivem.

Infelizmente o jovem que desde a infância observava a Lei, e tão alto proclama sua observância, não foi capaz de comprar a Única coisa própria do Salvador, para assim chegar à desejada vida eterna. E retirou-se triste, pesaroso pelo mandamento daquela vida que viera suplicar.

Ora, que o moveu à fuga e o fez deixar o Mestre, deixar a súplica, a esperança e os esforços já iniciados? A palavra "vende tudo o que tens!" E que quer dizer ela? Não o que levemente pensam alguns. O Senhor não nos manda lançarmos fora os bens e nos afastarmos de toda riqueza. O que ele deseja é desterrarmos

da alma os vãos juízos sobre as riquezas, a cobiça desenfreada, a avareza, as solitudes, os espinhos do século, que sufocam a semente da verdadeira vida.

Não é grande façanha, digna de emulação, carecer dos bens mas não ter a tendência para a vida eterna. Se o caso fosse este, os que nada possuem, os destituídos de todo auxílio, que diariamente passam mendigando pelos caminhos, sem conhecimento de Deus e de sua justiça, seriam, pelo simples fato da extrema indigência, os mais felizes e amados por Deus, os únicos que alcançariam a vida eterna. Aliás, nem é novidade o renunciar às riquezas em prol dos necessitados e pobres, pois também isto foi feito por muitos antes da vinda do Salvador: por uns, com o fim de se dedicarem às letras e por amor da sabedoria morta; por outros, com o fim de obtenção da fama e da vã glória: Anaxágoras, Demócrito, Crates...

Portanto, que diz o Senhor como coisa nova, própria de Deus, como única coisa que vivifica e difere do que não salvou antes os homens? Que nos indica e ensina o novo homem, o Filho de Deus? Não nos manda o que simplesmente dá na vista e outros já fizeram, mas algo maior, mais divino e mais perfeito, aí significado, a saber: desnudarmos a alma das paixões, arrancarmos e projetarmos longe o que é alheio ao espírito. Eis o ensinamento próprio do crente, eis a doutrina digna do Salvador! Assim, os que antes do Senhor depreciaram os bens exteriores, sem dúvida abandonaram e perderam suas riquezas, mas as paixões de suas almas, penso eu que ainda as aumentaram. Porque, imaginando terem feito algo de sobre-humano, vieram a cair na soberba, na petulância, na vã glória e no menosprezo dos demais.

Como então haveria o Salvador de recomendar aos que irão viver para sempre algo nocivo à vida, que ele santamente promete? Pode acontecer que alguém, embora renunciando ao

peso dos bens e riquezas, mantenha o desejo de tudo isso na alma. Desprende-se dos bens, mas ao sentir falta deles e ao desejá-los de novo, está duplamente atormentado: por tê-los deixado e por desejá-los. Porque na verdade é impossível carecer do necessário e não estar preocupado para obtê-lo; mas com isto o espírito se desvia das coisas mais importantes.

Quão mais proveitoso é o contrário! Possuir, de um lado, o suficiente, não ter que se angustiar para procurá-lo, e de outro lado poder ajudar aos que precisam. Se ninguém tivesse nada, como haveria comunhão de bens entre os homens? Não é claro que essa doutrina do abandono de tudo iria contrariar outros ensinamentos do Senhor? "Fazei amigos com as riquezas da iniquidade, a fim de que, quando precisardes, vos recebam nos eternos tabernáculos". (Lc, 16, 9) "Tende tesouros nos céus, onde as traças e a ferrugem não os consomem nem os ladrões podem roubar". (Mt 6, 19) Como dar de comer ao que tem fome, de beber ao que tem sede, vestir o nu, acolher o desamparado coisas todas que devem ser feitas sob a ameaça do fogo eterno e das trevas exteriores - se não se tem com que fazê-lo?

Ademais, o próprio Senhor, hospedando-se na casa de Zaqueu e Mateus, que eram ricos e publicanos, não lhes ordena desfazerem-se das riquezas, mas - impondo um justo juízo e rechaçando a injustiça - termina por dizer: "hoje veio a salvação a esta casa, porque também este homem é filho de Abraão". (Lc 19, 9) Elogiava assim o uso das riquezas, enquanto mandava que servissem à comunicação - a dar de beber ao que tem sede, de comer ao faminto, à acolhida do peregrino, à vestição do nu. Se não é possível obviar a tais necessidades sem haveres, e se o Senhor ordena o despojamento dos haveres, está então mandando que se dê e não se dê, se dê de comer e não se dê de comer, etc., o que seria absurdo pensar.

Portanto, não há que abandonar os bens capazes de ser úteis a nosso próximo. Aliás, as posses se chamam "bens" porque com elas se pode fazer o bem, e foram previstas por Deus em função da utilidade dos homens. São coisas que aí estão, destinadas, como matéria ou instrumento, ao bom uso nas mãos de quem sabe o que é um instrumento. Se se usa o instrumento com arte, ele vale; do contrário, não presta, embora sem culpa disto.

Instrumento assim é a riqueza. Se usada corretamente, presta serviço à justiça. Se usada incorretamente, serve à injustiça. Por natureza está destinada a servir, não a mandar. Não há que acusá-la do que não lhe cabe, isto é, do não ser nem boa nem má. A riqueza não tem culpa. Toda a responsabilidade cabe ao que pode usá-la bem ou mal, conforme a escolha que estabelece, isto é, segundo a mente e o juízo do homem, ser livre e capaz de manejar por próprio arbítrio o que recebe em mãos. O que importa destruir não são as riquezas, mas as paixões da alma que impedem o bom uso das mesmas. Tornado bom e nobre, o homem pode empregá-las bem e generosamente. Assim, a renúncia a tudo que possuímos, a venda de todas as posses, há de ser isto entendido no sentido das paixões da alma.

5. «Não podeis servir a Deus e ao dinheiro»

Homilia de São Clemente de Alexandria

Há uma riqueza que semeia a morte por toda a parte em que domina: libertai-vos dela e sereis salvos. Purificai a vossa alma; tornai-a pobre para poderdes entender o apelo do Salvador que vos repete: «Vem e segue-Me» (Mc 10, 21). Ele é o caminho por onde anda aquele que tem o coração puro; a graça de Deus não entra numa alma estorvada e rasgada por uma multidão de posses.

Quem olha para a sua fortuna, o seu ouro e a sua prata, as suas casas, como dons de Deus, esse testemunha a Deus o seu reconhecimento ajudando os pobres com os seus bens. Sabe que os possui mais para os seus irmãos que para si próprio. É senhor das suas riquezas em vez de se tornar seu escravo; não as fecha na sua alma, tal como não encerra a sua vida nelas, mas prossegue sem desfalecer uma obra totalmente divina. E, se um dia a sua fortuna vier a desaparecer, aceita a ruína com um coração livre. Esse homem, Deus o declara «bem-aventurado»; chama-lhe «pobre em espírito», herdeiro do Reino dos céus (Mt 5, 3). [...]

Contrariamente, há quem açaque a sua riqueza no seu coração, em lugar do Espírito Santo. Esse guarda as suas terras, acumula sem fim a sua fortuna, e só se preocupa em arrecadar sempre mais. Não eleva nunca os seus olhos ao céu; enterra-se no material. De facto, ele é apenas pó e ao pó há-de voltar (Gn 3,19). Como pode experimentar o desejo do Reino aquele que, no lugar do coração, traz em si um campo ou uma mina, esse que a morte surpreenderá inevitavelmente no meio dos seus desejos desregrados? «Porque onde está o teu tesouro, aí estará o teu coração» (Mt 6, 21).

6. «Ouvi, ó Meu povo, sou Eu Quem vai falar» (Sl 49, 7)»

Protréptico, 9; PG 8, 195-201 (a partir da trad. SC 2, p. 143, cf Orval)

«Oxalá ouvísseis hoje a Sua voz! Não torneis duros os vossos corações como em Meriba, [...] no deserto, quando os vossos pais Me provocaram. [...] Eles não entrarão no lugar do Meu repouso» (Sl 94, 7-11). A graça da promessa de Deus é abundante, se hoje ouvirmos a Sua voz, porque este hoje estende-se a cada

novo dia enquanto se disser «hoje». Este hoje permanece até ao fim dos tempos, como permanece também a possibilidade de aprendermos. Nesse momento, o verdadeiro hoje, o dia sem fim de Deus, confundir-se-á com a eternidade. Obedeçamos, pois, sempre à voz do Verbo divino, à Palavra de Deus encarnada, porque o hoje de sempre é a imagem da eternidade e o dia é símbolo da luz; ora, o Verbo é para os homens a luz (Jo 1, 9) na qual vemos a Deus.

É, pois, natural que a graça superabunde para aqueles que acreditaram e obedeceram, mas também é natural que, contra aqueles que foram incrédulos [...], que não reconheceram as vias do Senhor [...], Deus Se irrite e os ameace. [...] O mesmo aconteceu aos hebreus, que erraram pelo deserto e não entraram no lugar o repouso por causa da sua incredulidade. [...]

O Senhor ama os homens e, por isso, convida-os a todos «ao conhecimento da verdade» (1Tim 2, 4) e envia-lhes o Espírito Santo, o Paráclito. [...] Escutai, pois, vós que estais longe e vós que estais perto (Ef 2, 17). O Verbo não Se esconde de ninguém. Ele é a nossa luz, Ele brilha para todos os homens. Apressemos-nos, pois a alcançar a salvação através do novo nascimento. Apressemos-nos a reunir-nos num só rebanho, na unidade do amor. E esta multidão de vozes [...], obedecendo a um único Senhor, o Verbo, encontrará o lugar o seu repouso na própria Verdade e poderá dizer: «Abba, Pai!» (Rom 8, 15).

7. «O barco chegou imediatamente à terra para onde iam»

Pedagogo, III, 12, 101

Oremos ao Verbo, a Palavra de Deus: Sê propício aos Teus filhos, Mestre, Pai, guia de Israel, Filho e Pai, um e dois em simultâneo, Senhor! Permite-nos, uma vez que obedecemos aos Teus mandamentos, que alcancemos a plena semelhança da imagem (Gn 1,26), que compreendamos segundo as nossas forças o Deus da bondade, o juiz sem dureza. Oferece-nos tudo Tu próprio: vivermos na Tua paz, sermos transportados para a Tua cidade, atravessarmos sem soçobrar as tempestades do pecado; sermos levados por sobre as águas calmas pelo Espírito Santo, pela Sabedoria inexprimível. Possibilita-nos cantar de noite e de dia, até ao último dia, os nossos louvores e as nossas ações de graças ao Único – Pai e Filho, Filho e Pai, Filho, Pedagogo (1Cor 4,15) e Mestre e também ao Espírito Santo.

Tudo pertence ao Único, Àquele que é o tudo, através do Qual tudo é um, através do Qual existe a eternidade, de que todos somos membros (1Cor 12,27). A Ele pertencem a glória e os séculos; tudo pertence ao Bom, tudo ao Belo, tudo ao Sábio, tudo ao Justo! A Ele a glória, agora e pelos séculos, Amém!

8. «Delas é o Reino do Céu»

O Pedagogo, I, 12, 17; SC 70

O papel de Cristo, nosso Pedagogo é, como o nome indica, o de conduzir as crianças. Resta avaliar a que «crianças» quer a Escritura referir-se, e depois a dar-lhes o Pedagogo. As crianças

somos nós. A Escritura celebra-nos de diferentes formas, serve-se de imagens diversas para nos designar, colorindo com muitos tons a simplicidade da fé. Diz o Evangelho que o Senhor Se apresentou na margem e Se dirigiu aos seus discípulos que tinham estado a pescar: «Rapazes, tendes algum peixe que se coma?» (Jo 21,4-5) Era aos discípulos que Ele chamava rapazes. «Apresentaram-lhe, então, umas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas, mas os discípulos repreenderam-nos. Jesus disse-lhes: 'Deixai as crianças e não as impeçais de vir ter Comigo, pois delas é o Reino do Céu.'» O próprio Senhor esclarece o sentido destas palavras dizendo: «Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino dos Céus» (Mt 18,3). Não está a falar da regeneração, mas a propor-nos que imitemos a simplicidade das crianças. [...]

Pode-se realmente considerá-los crianças, àqueles que só conhecem Deus como Pai – que são como recém-nascidos, simples e puros. [...] São seres que progrediram no Verbo, que Ele convida a desligarem-se das preocupações deste mundo, para apenas escutarem o Pai, imitando as crianças. É por isso que lhes diz: «Não vos preocupeis com o dia de amanhã. Basta a cada dia o seu trabalho» (Mt 6,34), exortando-nos a distanciarmo-nos dos problemas deste mundo, para nos dedicarmos apenas ao nosso Pai. Aquele que pratica este mandamento é um verdadeiro recém-nascido, uma criança para Deus e para o mundo, pois este o considera como ignorando tudo e Aquele como um objeto de ternura.

9. «A quantos O receberam, aos que n'Ele crêem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus»

Homília «Os ricos poderão salvar-se?», 37

Contemplai os mistérios do amor e vereis «o seio do Pai», que «nos deu a conhecer o Seu Filho unigênito», que é Deus (Jo 1,18). Deus é amor (1Jo 4,8) e, devido a este amor, deixou-Se ver por nós. No Seu ser inexprimível, é Pai; na Sua compaixão para conosco, tornou-Se Mãe. Ao amar, o Pai revela também uma dimensão feminina.

A prova incontestável é Aquele que gera de Si mesmo. E este Filho, fruto do amor, é amor. Por causa deste amor, Ele próprio Se baixou. Por causa deste amor, revestiu-Se da nossa humanidade. Por causa deste amor, sofreu livremente tudo o que diz respeito à condição humana. Assim, colocando-Se ao nível da nossa fraqueza porque nos amava, pôs-nos em igualdade à Sua força. Quando estava a ponto de Se oferecer em sacrifício e Se dar a Si próprio como preço da redenção, deixou-nos um testamento novo: «Dou-vos o Meu amor» (cf Jo 13,34; 14,27). Que amor é este? Qual o seu valor? Por cada um de nós, «entregou a Sua vida» (1Jo 3,16), uma vida mais preciosa que todo o universo.

10. «Teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor»

Pedagogo, I, 9; SC 70

Salvar é um ato de bondade. «A misericórdia divina estende-se a todo o ser vivo: repreende, corrige, ensina e reconduz,

como pastor, o seu rebanho. Ele Se compadece daqueles que recebem os Seus ensinamentos, e dos que se apressam a cumprir os Seus preceitos» (Sir18,13ss). [...]

Os sãos não têm necessidade do médico enquanto estiverem bem; os doentes, pelo contrário, recorrem à sua arte. Da mesma maneira, nesta vida, nós estamos doentes pelos nossos desejos censuráveis, pelas nossas intemperanças [...] e outras paixões: temos necessidade de um Salvador. [...] Nós, os doentes, temos necessidade do Salvador; extraviados, necessitamos de quem nos guie; cegos, de quem nos dê luz; sedentos, da fonte de água viva, porque «quem beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede» (Jo 4,14). Mortos, precisamos da vida; rebanho, do pastor; crianças, de um educador: sim, toda a humanidade tem necessidade de Jesus. [...]

«Cuidarei da que está ferida e tratarei da que está doente. Vigiarei sobre a que está gorda e forte. A todas apascentarei com justiça» (Ez 34,16). Tal é a promessa do bom pastor, que nos apascenta como a um rebanho, a nós que somos pequeninos. Mestre, dá-nos com abundância o Teu pasto, que é a justiça! Sê o nosso pastor e conduz-nos até à Tua montanha santa, até à Igreja que se eleva, que domina as nuvens, que toca os céus. «Eis que Eu mesmo cuidarei das Minhas ovelhas e me interessarei por elas» (cf Ez 34). [...] «Eu não vim para ser servido, mas para servir». É por isso que o Evangelho O mostra cansado, Ele que se afadiga por nós e que promete «dar a Sua vida para resgatar a multidão» (Jo 4,5; Mt 20,28)..

11. «É da vontade de vosso Pai que está no Céu que não se perca um só destes pequeninos»

«O Pedagogo», I, 53-56; SC 70

A Escritura chama-nos a todos de «crianças»; quando decidimos seguir a Cristo recebemos o nome de «pequeninos» (Mt 18,3; 19,13; Jo 21,5). [...] Quem é então o nosso educador, o pedagogo que nos ensina a nós, os pequeninos? Chama-Se Jesus. Dá a Si mesmo o nome de pastor; diz que é «o bom pastor» (Jo 10,11). Estabelece uma comparação entre os pastores que guiam as suas ovelhas e Ele próprio, o pedagogo que orienta as crianças, o pastor cheio de solicitude pelos pequeninos que, na sua simplicidade, são comparados a ovelhas. «Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco e também tenho de as conduzir [...], e haverá um só rebanho e um só Pastor» (Jo 10,16). O nosso pedagogo é, naturalmente, o Verbo, a Palavra de Deus, pois conduz-nos à salvação. Foi o que Ele disse claramente pelas palavras do profeta Oseias: «Eu sou o vosso educador» (5,2 LXX).

A Sua pedagogia é a religião: ela ensina-nos o serviço de Deus, orienta-nos para o conhecimento da verdade, conduz-nos ao céu. [...] O navegador dirige o barco com a intenção de levar os seus passageiros a bom porto; do mesmo modo, o nosso pedagogo indica aos filhos de Deus o modo de vida que conduz à salvação, devido à Sua solicitude por nós. [...] Aquele que nos conduz é, pois, o Deus santo, Jesus, a Palavra de Deus, guia de toda a humanidade; é o próprio Deus que nos conduz, no Seu amor por nós. [...] Durante o Êxodo, o Espírito Santo diz a Seu respeito: «Encontrou-o numa região deserta, nas solidões ululantes e selvagens; protegeu-o e velou por ele. Guardou-o como a menina dos Seus olhos. Como a águia vela pelo seu ninho, Ele paira sobre as Suas

aguiazinhas; estende as asas para as recolher e leva-as sobre as Suas penas robustas. Só o Senhor o dirige» (Dt 32,10-12).

12. «Arranjai amigos»

Sermão «Que rico pode ser salvo?», § 31

«Quem der de beber a um destes pequeninos, ainda que seja somente um copo de água fresca, por ser Meu discípulo, em verdade vos digo: não perderá a sua recompensa» (Mt 10,42). [...] Este é o único salário que não perderá o seu valor: «Arranjai amigos com o dinheiro desonesto, para que, quando este faltar, eles vos recebam nas moradas eternas.» As riquezas de que dispomos não devem servir apenas para nós; com bens injustos pode fazer-se uma obra justa e salutar, e aliviar um daqueles que o Pai destinou à Sua morada eterna. [...] Que admirável é esta palavra de Paulo: «Deus ama quem dá com alegria» (2Co 9,7), aquele que dá esmola do coração, que semeia sem medida para colher de forma igualmente abundante, que partilha sem murmurar, sem hesitação nem reticência. [...] E ainda é maior esta palavra que o Senhor diz noutro lado: «Dá a todo aquele que te pede» (Lc 6,30). [...]

Reflete então na magnífica recompensa que te é prometida pela tua generosidade: a morada eterna. Que bom negócio! Que negócio extraordinário! Compramos a imortalidade com dinheiro; trocamos os bens perecíveis deste mundo por uma morada eterna no céu! Se vós, os ricos, tendes sabedoria, aplicai-vos a este comércio. [...] Por que vos deixais fascinar por diamantes e esmeraldas, por casas que o fogo devora, que o tempo faz desmoronar, que um tremor de terra derruba? Aspirai apenas a viver nos céus e a reinar com Deus. Um homem, um pobre dar-vos-á esse reino. [...]

De resto o Senhor não disse: «Dai, sede generosos, socorrei os vossos irmãos», mas «fazei amigos». A amizade não nasce duma única doação, mas duma longa familiaridade. Nem a fé nem a caridade nem a paciência, são obra de um dia: «Mas aquele que se mantiver firme até ao fim será salvo» (Mt 10,22).

13. «Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?»

Homilia «Os ricos podem salvar-se?»

Ignorar a Deus é morrer; pois a vida reside apenas em conhecê-l'O, viver n'Ele, amá-l'O e procurar assemelhar-se a Ele.

Se quereis a vida eterna, procurai antes de mais conhecê-l'O, ainda que «ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-l'O» (Mt 11,27). Em Deus, conheci a grandeza do Redentor e a sua graça inestimável; pois, diz o apóstolo João: «a Lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo» (Jo 1,17).

Se a Lei de Moisés pudesse dar-nos a vida eterna, porque teria o nosso Salvador vindo ao mundo e sofrido por nós, desde o nascimento até à morte, percorrendo toda uma vida humana? Porque se teria este jovem, que tão bem cumpria desde a juventude os mandamentos da Lei, lançado aos pés de Jesus para Lhe pedir a imortalidade?

Este jovem observava a Lei na sua totalidade, e a ela se ligara desde a juventude. Mas percebe bem que, se nada falta à sua virtude, falta-lhe, contudo, a vida. É por isso que vem pedi-la Àquele que pode dar-lhe; está seguro de estar em regra com a Lei, mas nem por isso deixa de implorar ao Filho de Deus.

As amarras da Lei não o defendem adequadamente das oscilações do navio, pelo que deseja abandonar esta navegação perigosa e lançar âncora no porto do Salvador.

Jesus não lhe censura a falta de cumprimento da Lei, mas olha-o com afeto, emocionado com a sua aplicação de bom aluno. Contudo, diz-lhe que é ainda imperfeito: é bom trabalhador da Lei, mas preguiçoso para a vida eterna.

A Lei santa é como um pedagogo que orienta para os mandamentos perfeitos de Jesus (Gal 3,24) e para a sua graça. Jesus é «o cumprimento da Lei, para justificar todo aquele que crê n'Ele» (Rom 10,4).

14. «O Cântico Novo: «Ana proclamava os louvores de Deus»

Protéptico 1, 6-8; SC 2

Sendo do alto, o Verbo, a Palavra de Deus, era e é o divino princípio de todas as coisas. Mas, agora que recebeu como nome «Aquele-que-foi-consagrado», ou seja, «Cristo», eu chamo-Lhe «cântico novo» (Sl 33, 144, 149, etc.). O Verbo fazia-nos existir desde há muito, porque estava em Deus; por Ele a nossa existência é boa. Ora este Verbo acaba de aparecer aos homens, Ele que é Deus e Homem; Ele é para nós a causa de todos os bens. Tendo aprendido com Ele a viver bem, somos por Ele introduzidos na vida eterna. Porque, como nos diz o apóstolo do Senhor, «a graça de Deus, fonte de salvação, apareceu a todos os homens; ela ensina-nos a renunciar à impiedade e às cobiças do mundo, e a viver no tempo presente com temperança, justiça e piedade, aguardando com jubilosa esperança a revelação da glória do grande Deus, Jesus Cristo, nosso Salvador» (Tit 2,11-13).

Eis o cântico novo: a manifestação do Verbo que existia desde o princípio e que acaba de resplandecer entre nós. [...] Porque Aquele que existia como Salvador desde sempre acaba de aparecer; Aquele que é Deus apareceu como mestre; o Verbo por Quem tudo foi criado apareceu (Jo 1,10). Como Criador, Ele deu a vida no princípio; agora, tendo aparecido como Mestre, ensina-nos a viver bem, de maneira que um dia nos possa dar, enquanto Deus, a vida eterna. Não foi hoje a primeira vez que Ele teve piedade de nós por andarmos perdidos; foi desde o princípio.

15. «A nova lei inscrita no coração dos homens»

O Pedagogo, III 89, 94, 98-99

Temos os dez mandamentos dados por Moisés [...], e tudo o que recomenda a leitura dos livros santos, nomeadamente o que Isaías nos transmitiu: «Lavai-vos, purificai-vos, tirai da frente dos meus olhos a malícia das vossas ações. Aprendei a fazer o bem, procurai o que é justo, socorrei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva. Vinde agora, entendamo-nos, diz o Senhor» (Is 1,16ss). [...] Mas temos também as leis do Verbo, a Palavra de Deus, aquelas palavras de encorajamento que não foram escritas em tábuas de pedra pelo dedo do Senhor (Ex 24,12), mas inscritas no coração dos homens (2Cor 3,3). [...] Estas duas leis serviram ao Verbo para ensinar a humanidade, inicialmente pela boca de Moisés, em seguida pela dos apóstolos. [...]

Mas também precisamos de um mestre para nos explicar estas palavras santas [...]; será Ele quem nos ensinará as palavras de Deus. A escola é a nossa Igreja; o nosso único Mestre é o noivo, vontade boa de um Pai bom, sabedoria original, santidade do conhecimento. «Ele é a propiciação pelos nossos pecados», diz são João (1Jo 2,2); é Ele que nos cura o corpo e a alma, que cura o

homem todo, Ele, Jesus, que é «a vítima oferecida pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo. E sabemos que O conhecemos por isto: se guardarmos os seus mandamentos» (v. 3). [...] «Aquele que diz que está nele deve também andar como Ele andou» (v. 6)

Nós, que somos os discípulos desta feliz pedagogia, completemos o belo rosto da Igreja e corramos como criancinhas para esta Mãe cheia de bondade. Escutemos o Verbo de Deus; glorifiquemos a feliz disposição que nos guia através deste Mestre e nos santifica como filhos de Deus. Seremos cidadãos do céu se formos bons discípulos deste Mestre na terra e lá em cima compreenderemos tudo o que Ele nos ensinou a respeito do Pai.

16. «Logo o barco chegou à terra para onde se dirigiam»

O Pedagogo, III, 12, 101

Oremos ao Verbo, a Palavra de Deus: sê propício aos teus filhos, Mestre, Pai, Guia de Israel, Filho e Pai, um e dois em simultâneo, Senhor! Permite-nos, uma vez que obedecemos aos teus mandamentos, que alcancemos a plena semelhança da imagem (Gn 1,26), que compreendamos segundo as nossas forças o Deus da bondade, o juiz benévolo. Oferece-nos Tu próprio que vivamos na tua paz, que sejamos transportados para a tua cidade, que atravessemos sem soçobrar as tempestades do pecado, que sejamos levados por sobre águas calmas pelo Espírito Santo, a Sabedoria inexprimível. Possibilita-nos cantar de noite e de dia, até ao último dia, louvores e ações de graças ao Deus Único, Pai e Filho, Filho e Pai, Filho, Pedagogo (1Cor 4,15) e Mestre, e também ao Espírito Santo.

Tudo pertence ao Único Deus, Àquele que é tudo, por quem tudo é um, por quem existe a eternidade, de que todos somos membros (1Cor 12,27). A Ele pertencem a glória e os séculos; tudo pertence ao Bom, tudo ao Belo, tudo ao Sábio, tudo ao Justo! A Ele a glória, agora e pelos séculos, Ámen!

17. «Pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.»

«Stromata» 7,7

É nosso dever venerar e honrar Aquele que acreditamos ser o Verbo, nosso Salvador e nosso Senhor, e, por Ele, o Pai, não em certos dias especiais (tal como outros fazem) mas continuamente, durante toda a nossa vida e de todas as formas. «Sete vezes por dia cantei o teu louvor» (Sl 118,164), exclama o povo eleito. [...] Por isso, não é num lugar determinado, nem num templo escolhido, nem em certas festas ou em certos dias fixos, mas é durante toda a vida e em toda a parte que o homem verdadeiramente espiritual honra a Deus, isto é, dá graças por conhecer a verdadeira vida. A presença do homem de bem, pelo respeito que inspira, torna sempre melhor quem com ele convive. Quanto mais aquele que está continuamente na presença de Deus, pelo conhecimento, pela maneira de viver e pela ação de graças, se irá tornando cada dia melhor em tudo: ações, palavras e disposições! [...] Vivendo, pois, toda a nossa vida como uma festa, na certeza de que Deus está totalmente presente em toda a parte, trabalhamos cantando, navegamos ao som de hinos e comportamo-nos à maneira dos «cidadãos do céu» (Fl 3,20). A oração é, ousado dizê-lo, uma conversa íntima com Deus. Mesmo quando murmuramos suavemente, mesmo quando, sem mexer os lábios, falamos em silêncio, estamos a gritar interiormente. E

Deus volta constantemente o seu ouvido para esta voz interior. [...] Sim, o homem verdadeiramente espiritual ora durante toda a sua vida, porque orar é para ele um esforço de união com Deus, e rejeita tudo o que é inútil porque atingiu aquele estado em que já recebeu, de certa maneira, a perfeição, que consiste em agir por amor. [...] Toda a sua vida é uma liturgia sagrada.

18. «Eu vim para que [...] tenham vida e a tenham em abundância»»

«O Pedagogo», 9, 83s

Doentes, precisamos do Salvador; perdidos, daquele que nos conduzirá; sedentos, da fonte de água viva; mortos, precisamos da vida; ovelhas, do pastor; crianças, do educador; e toda a humanidade precisa de Jesus. [...]

Podemos compreender a sabedoria suprema do santíssimo pastor e educador, que é o Todo-Poderoso e o Verbo do Pai, quando Ele Se serve de uma alegoria, dizendo-Se pastor das ovelhas; mas Ele é também o educador dos pequeninos. Com efeito, dirige-Se longamente aos anciãos, por intermédio de Ezequiel, dando-lhes exemplo da sua solicitude: «Cuidarei da que está ferida e tratarei da que está doente; procurarei a que se tinha perdido, e a todas apascentarei com justiça» (Ez 34,16). Sim, Senhor, conduz-nos aos prados férteis da tua justiça. Sim, Tu, que és o nosso educador, sê o nosso pastor até à tua montanha santa, até à Igreja que se eleva acima das nuvens, que toca nos céus. «Eu, que apascentarei as minhas ovelhas, sou Eu quem as fará descansar» (Ez 34,15). Ele quer salvar a minha carne, revestindo-a com a túnica da incorruptibilidade. [...] «Clamarás e Ele dirá: "Eis-Me aqui!"» (Is 58,9). [...]

Assim é o nosso educador, bom com justiça. «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mt 20,28). É por isso que, no Evangelho, nos aparece fatigado (Jo 4,5), porque Se fatiga por nós e promete dar a sua vida em resgate de muitos (Mt 20,28). E afirma que só o bom pastor age desta maneira. Que doador magnífico, que dá por nós o que de maior tem: a sua vida! Que benfeitor amigo dos homens, que preferiu ser irmão a ser Senhor deles! Que levou a sua bondade a ponto de morrer por nós.

19. «Os coxos andam»

Protréptico (Exortação aos Gregos), I-II; PG 8, 69ss

«Outrora, éramos insensatos, desobedientes, transviados, escravos de toda a sorte de paixões e prazeres, vivendo na malícia e na inveja, dignos de ódio e odiando-nos uns aos outros», escreve o apóstolo Paulo. «Mas, quando a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor pelos homens se manifestou, Ele salvou-nos [...] por misericórdia» (Tit 3,3-5). Vede a força do «cântico novo» (Sl 149,1) do Verbo de Deus: das pedras Ele fez homens (Mt 3,9); transformou em homens civilizados os que se comportavam como feras selvagens; e os que estavam mortos, não participando da vida real e verdadeira, quando ouviram este cântico, voltaram à vida.

Ele ordenou todas as coisas com medida, [...] para fazer do mundo inteiro uma sinfonia. [...] Este descendente do músico David que existia antes de David, o Verbo de Deus, abandonando a harpa e a cítara (Sl 57,9), instrumentos sem alma, ordenou pelo Espírito Santo todo o universo, e muito em especial o resumo do mundo que é o homem, o seu corpo e a sua alma. Ele toca este instrumento de mil vozes para celebrar o nome de Deus, e canta em harmonia com este instrumento humano. [...] O Senhor,

enviando o seu sopro a este belo instrumento que é o homem (Gn 2,7), fê-lo à sua imagem; mas Ele é também um instrumento de Deus, harmonioso e santo, Sabedoria para além deste mundo e Palavra do alto. Que quer, pois, este instrumento, o Verbo de Deus, o Senhor, e o seu cântico novo? Quer abrir os olhos aos cegos e os ouvidos aos surdos, conduzir os estropiados e os errantes à justiça, mostrar Deus aos homens insensatos, deter a corrupção, vencer a morte, reconciliar com o Pai os filhos desobedientes. [...]

Não penseis que este cântico salvador é novo como um móvel ou uma casa são novos; porque ele era «antes da aurora» (Sl 109,3), e «no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus» (Jo 1,1).

20. «Por isso, estai vós também preparados»

«O Pedagogo», II, 9

No sono, temos de estar preparados para acordar facilmente. Com efeito, diz a Escritura: «Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas. Sede semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, ao voltar do seu noivado, a fim de lhe abrirem a porta assim que ele chegar e bater» (Lc 12,35-36). Porque um homem adormecido serve para o mesmo que um homem morto. É por isso que devemos levantar-nos frequentemente durante a noite para bendizer a Deus.

Felizes aqueles que velam por Ele, pois se tornam semelhantes aos anjos a que chamamos da guarda. Um homem adormecido vale o mesmo que um homem sem vida. Mas o que tem a luz está acordado, e as trevas não têm poder sobre ele, nem as trevas nem o sono. Está, pois, acordado para Deus, aquele que foi iluminado, e esse vive, porque nele está a vida. «Feliz o homem

que me ouve e que vela todos os dias à entrada da minha porta», diz a Sabedoria, «e que é assíduo no umbral da minha casa» (Prov 8, 34).

«Não durmamos, pois, como os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios», como diz a Escritura, «porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam, embriagam-se de noite», ou seja, na obscuridade da ignorância; «mas nós, que somos filhos do dia, sejamos sóbrios» (1Tess 5,6-8). «Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia. Nós não somos filhos da noite nem das trevas» (1Tess 5,5).

21. «Jesus suspirou [...] e respondeu-lhes: 'Porque pede esta geração um sinal?」»

«Protréptico», capítulo 10

Sois tão insensatos, que adorais estátuas de pedra que vós mesmos fizestes? [...] O Criador do mundo, o Pai, cuja arte é sem igual, foi o único que produziu uma estátua viva, que somos nós, os homens, ao passo que os ídolos [...] não passam de uma obra estúpida de mãos humanas. O Verbo, a Palavra de Deus, é a imagem de Deus (Hb 1,3) [...]; e o homem verdadeiro, o espírito que está no homem, é a imagem do Verbo. Assim, está dito que o homem foi feito «à imagem e semelhança de Deus» (Gn 1,26), isto é, assimilado ao Verbo divino pela inteligência do seu espírito. [...]

Recebei, pois, a água espiritual, vós que ainda estais manchados; lavai-vos, purificai-vos, aspergindo-vos com a água da verdade, pois tendes de subir ao Céu purificados. Tu és homem, a mais universal das realidades; busca, pois, o teu Criador. Tu és filho, a mais pessoal das realidades; reconhece, pois, o teu Pai. Mas, se persistis no pecado [...], a quem dirá o Senhor: «Vosso é o Reino

dos Céus» (Mt 5,3)? É vosso se o quiserdes, quando tiverdes escolhido a favor de Deus. É vosso se quiserdes crer, se quiserdes aceitar a mensagem, como fizeram os habitantes de Nínive - que, por terem ouvido o profeta, obtiveram, graças ao seu arrependimento sincero, a felicidade da salvação em lugar da ruína que os ameaçava (Jn 3).

Mas como faremos para subir aos Céus?, podeis perguntar. O caminho é o Senhor (Jo 14,6), que é um caminho estreito (Mt 7,13) [...], mas que leva aos Céus; um caminho estreito que é desprezado na Terra, mas um caminho amplo que é adorado nos Céus. Quem nunca ouviu falar do Verbo de Deus pode, devido à sua ignorância, ser perdoado dos seus erros. Aquele, porém, cujos ouvidos ouviram a mensagem e que não a ouviu no seu coração, esse tem a responsabilidade de uma desobediência voluntária. Quanto mais consciente for, mais será enganado pelo seu conhecimento: será a sua própria consciência a condená-lo por não ter escolhido melhor; com efeito, pela sua natureza de homem, tinha sido feito para a amizade com Deus.

22. «Ouve, meu povo, sou Eu quem vai falar» (Sl 49,7)»

Protréptico, 9; PG 8, 195-201

«Oxalá ouvísseis hoje a sua voz! Não endureçais os vossos corações como em Meriba, [...] no deserto, quando os vossos pais Me provocaram. [...] Eles não entrarão no lugar do meu repouso» (Sl 94,7-11). A graça da promessa de Deus é abundante, se hoje ouvirmos a sua voz, porque este «hoje» refere-se a cada novo dia enquanto se disser «hoje». Este «hoje» permanece até ao fim dos tempos, como permanece também a nossa possibilidade de aprender; nessa altura, o verdadeiro «hoje», o dia sem fim de Deus,

confundir-se-á com a eternidade. Obedeçamos, pois, à voz do Verbo divino, à Palavra de Deus encarnada, porque o «hoje» de sempre é a imagem da eternidade e o dia é símbolo da luz; ora, o Verbo é para os homens a luz (Jo 1,9) na qual vemos a Deus.

É, pois, natural que a graça superabunde para aqueles que acreditaram e obedeceram, mas também é natural que Deus Se ire com aqueles que foram incrédulos [...], que não reconheceram as vias do Senhor [...], e os ameace. [...] O mesmo aconteceu aos hebreus, que erraram pelo deserto e não entraram no lugar o repouso por causa da sua incredulidade. [...]

O Senhor ama os homens e, por isso, convida-os «ao conhecimento da verdade» (1Tm 2,4) e envia-lhes o Espírito Santo, o Paráclito. [...] Escutai, pois, vós que estais longe e vós que estais perto (Ef 2,17). O Verbo não Se esconde de ninguém. Ele é a nossa luz, Ele brilha para todos os homens. Apressemos-nos a buscar a salvação através de um novo nascimento. Apressemos-nos a reunir-nos num só rebanho, na unidade do amor. E esta multidão de vozes [...], obedecendo a um único Senhor, o Verbo, encontrará o lugar do seu repouso na própria Verdade e poderá dizer: «Abba, Pai!» (Rm 8, 15).

23. «A luz veio ao mundo»

Exortação aos gregos, 11, 113; GCS I, 79

«Os seus preceitos são puros, iluminam os olhos» (Sl 18,9). Recebe Cristo, recebe a capacidade de ver, recebe a luz, a fim de conheceres a Deus e o homem. [...] Recebamos a luz e recebamos a Deus [...], recebamos a luz e tornemo-nos discípulos do Senhor [...], expulsemos a ignorância e as trevas que turvam os nossos olhos qual nevoeiro, contemplemos o Deus verdadeiro. [...]

Quando jazíamos nas trevas, prisioneiros da sombria região da morte (Mt 4,16; Is 42,7), resplandeceu para nós uma luz vinda do Céu, luz mais pura que o Sol e mais suave que a vida neste mundo. Esta luz é a vida eterna e todo o que nela participa tem a vida. A noite teme esta luz; com medo, desaparece e dá lugar ao dia do Senhor; tudo se tornou luz sem ocaso.

O Ocidente tornou-se Oriente; é «a nova criatura» (Gal 6,15; Ap 21,1). Porque o «Sol de justiça» (Mal 3,20), que passa por todo o lado no seu percurso, visita todo o gênero humano sem distinção. Ele imita o Pai, que «faz com que o Sol se levante sobre todos os homens» (Mt 5,45) e espalha sobre todos o orvalho da verdade. [...] Ao crucificar a morte, Ele transformou-a em vida; arrancou o homem à perdição e fixou-o nos Céus; transplantou o que era perecível para o tornar imperecível; transformou a Terra em Céu. [...]

Ele dá a vida de Deus aos homens através dos seus ensinamentos divinos: «Imprimirei a minha lei no seu pensamento, gravá-la-ei no seu coração [...]: todos Me conhecerão, grandes e pequenos, pois a todos perdorei as suas faltas e não Me lembrarei mais dos seus pecados. Assim fala o Senhor» (Jer 31,33s). Acolhamos, pois, as leis da vida, obedeçamos aos ensinamentos de Deus, aprendamos a conhecê-lo.

24. «Compadeceu-Se de toda aquela gente, porque eram como ovelhas sem pastor»

Pedagogo, I, 9; SC 70

Salvar é um ato de bondade. «A misericórdia divina estende-se a todo o ser vivo: repreende, corrige, ensina e reconduz, como pastor, o seu rebanho. Ele Se compadece daqueles que

recebem os seus ensinamentos e dos que se apressam a cumprir os seus preceitos» (Sir 18,13s). [...]

Os sãos não têm necessidade do médico enquanto estiverem bem; os doentes, pelo contrário, recorrem à sua arte. Nesta vida, todos nós estamos doentes, pelos nossos desejos censuráveis, as nossas intemperanças [...] e outras paixões; temos, pois, necessidade de um Salvador. [...] Nós, os doentes, temos necessidade do Salvador; extraviados, necessitamos de quem nos guie; cegos, de quem nos dê luz; sedentos, da fonte de água viva, porque «quem beber da água que Eu lhe der nunca mais terá sede» (Jo 4,14); mortos, precisamos da vida; rebanho, do pastor; crianças, de um educador; sim, toda a humanidade tem necessidade de Jesus. [...]

«Cuidarei da que está ferida e tratarei da que está doente. Vigiarei a que está gorda e forte e a todas apascentarei com justiça» (Ez 34,16): tal é a promessa do bom pastor, que nos apascenta como a um rebanho, a nós que somos pequeninos. Mestre, dá-nos com abundância o teu pasto, que é a justiça! Sê o nosso pastor e conduz-nos à tua montanha santa, à Igreja que se eleva, que domina as nuvens, que toca os céus: «Eis que Eu mesmo cuidarei das minhas ovelhas e me interessarei por elas (cf Ez 34), porque [...] Eu não vim para ser servido mas para servir» (cf Mt 20,28). É por isso que Jesus aparece cansado no evangelho, Ele que Se afadiga por nós e que promete dar a sua vida para resgatar a multidão (cf Jo 4,5; Mt 20,28).

25. «Quem acolher em meu nome uma criança como esta, acolhe-Me a Mim»

Pedagogo, I, 21-24

«Os seus filhinhos serão levados aos ombros e consolados ao colo», diz a Escritura. «Como à criança a quem a mãe dá consolo, também Eu vos consolarei» (Is 66,12-13). A mãe chega os filhos a si, e nós procuramos a nossa mãe, a Igreja. Qualquer ser de pouca idade e frágil é, nessa fragilidade desprotegida, um ser gracioso, doce, encantador; e Deus não recusa o seu auxílio a seres tão jovens. Todos os pais têm uma ternura peculiar pelos seus filhos pequenos. [...] De igual modo, o Pai de toda a criação acolhe aqueles que se refugiam junto de Si, regenera-os pelo Espírito e adota-os como filhos; conhece a sua doçura e só a eles ama, auxilia, defende; é por isso que lhes chama filhos (cf Jo 13,33).

O Espírito Santo, falando pela boca de Isaías, aplica ao próprio Senhor o termo «filho»: «Eis que nos nasceu um menino, que nos foi dado um filho» (Is 9,5). Quem é esta criança, este recém-nascido, à imagem de quem também nós somos crianças? Pela boca do mesmo profeta, o Espírito descreve-nos a sua grandeza: «Conselheiro admirável, Deus poderoso, Pai eterno, Príncipe da paz» (v. 6).

Ó Deus grande! Ó Menino perfeito! O Filho está no Pai e o Pai está no Filho. A educação que este Menino nos dá não podia deixar de ser perfeita. Ele reúne-nos para nos guiar, a nós, que somos seus filhos. O Menino estende-nos as mãos, e nelas depositamos toda a nossa fé. Também João Batista dá testemunho desta criança: «Eis o Cordeiro de Deus», diz-nos (Jo 1,29). Como as Escrituras designam as crianças por cordeiros, ele chamou «Cordeiro de Deus» ao Verbo de Deus, que por nós Se fez homem e que em tudo quis ser igual a nós, Ele, que é o Filho de Deus Pai.

26. «Àqueles que O receberam e acreditaram no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus»

Homilia «Os ricos poderão salvar-se?», 37

Contemplai os mistérios do amor e vereis «o seio do Pai», que «nos deu a conhecer o seu Filho unigênito», que é Deus (Jo 1:18). Deus é amor (1Jo 4:8) e, devido a esse amor, deixou-Se ver por nós. No seu ser inexprimível, Ele é Pai; na sua compaixão para conosco, tornou-Se Mãe. Ao amar, o Pai revela também uma dimensão feminina.

A prova incontestável deste amor é Aquele que Ele gera de Si mesmo. E este Filho, fruto do amor, é amor. Por causa deste amor, Ele desceu até nós. Por causa deste amor, revestiu-Se da nossa humanidade. Por causa deste amor, sofreu livremente tudo o que diz respeito à condição humana. E assim, colocando-Se ao nível da nossa fraqueza porque nos amava, pôs-nos em igualdade com a sua força. Quando estava a ponto de Se oferecer em sacrifício e Se dar a Si próprio como preço da nossa redenção, deixou-nos um testamento novo: «Dou-vos o meu amor» (cf Jo 13:34; 14:27). Que amor é este? Qual o seu valor? «Entregou a sua vida» (1Jo 3:16) por cada um de nós, uma vida mais preciosa que todo o Universo.

27. «Tem piedade, Senhor, dos teus pequenos»

O pedagogo

*Tem piedade, Senhor, dos teus pequenos.
Freio dos potros indisciplinados,*

*asa dos pássaros que não se perdem,
verdadeiro leme dos navios,
pastor dos cordeiros reais,
junta os teus simples filhos
para o santo louvor,
para cantarem com sinceridade,
a Cristo, condutor das crianças.
Sê o guia, ó Pastor
das ovelhas sensatas.
Conduz, ó santo,
os filhos sem mácula.
Deus dos que cantam, Jesus Cristo.*

28. «Os publicanos e as mulheres de má vida irão diante de vós para o Reino de Deus»

Homilia «Os ricos serão salvos?», 39-40

As portas estão abertas a quantos se voltarem para Deus com sinceridade e de todo o coração e é com alegria que o Pai recebe um filho verdadeiramente arrependido. Qual é o sinal do arrependimento verdadeiro? Não voltar a cair em velhos erros e arrancar do coração, pela raiz, os pecados que nos fazem correr perigo de morte; quando estes estiverem apagados, Deus virá habitar em nós. Porque, como diz a Escritura, um pecador que se converte e se arrepende dará ao Pai e aos anjos do Céu uma imensa e incomparável alegria (cf Lc 15,10). Foi por isso que o Senhor disse: «Eu quero a misericórdia e não os sacrifícios» (Os 6, 6; Mt 9,13); «não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim na sua conversão» (Ez 33,11); «mesmo que os vossos pecados sejam como escarlate, tornar-se-ão brancos como a neve; mesmo que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã» (Is 1, 18).

Só Deus, de facto, pode remir os pecados e não imputar os erros, ainda que o Senhor Jesus nos exorte a perdoar todos os dias aos irmãos que se arrependem. E se nós, que somos maus, sabemos dar coisas boas aos outros (cf Mt 7,11), quanto não será capaz de dar «o Pai das misericórdias» (2Cor 1,3)? O Pai de toda a consolação, que é bom, cheio de compaixão, de misericórdia e de paciência por natureza, espera os que se convertem. E a verdadeira conversão pressupõe que deixemos de pecar e que não olhemos mais para trás [...]. Lamentemos amargamente, pois, os erros cometidos e peçamos ao Pai que os esqueça. Ele pode, na sua misericórdia, desfazer o que foi feito e, com o orvalho do Espírito, apagar as nossas faltas passadas.

29. «Os ricos podem salvar-se?»

Homília «Os ricos podem salvar-se?», 8-9; PG 9, 603

Já faz muito bem, sem dúvida, pois a Lei santa é como um pedagogo (cf Rom 7,12; Gal 3,24), que ensina pelo temor e encaminha *aqueles* que a cumprem para os mandamentos perfeitos e sublimes de Jesus e para a sua graça. Jesus é «o cumprimento da Lei, para justificar todo aquele que crê n'Ele» (Rom 10,4). Ele não é um escravo que produz escravos, mas confere a qualidade de filhos, de irmãos, de coerdeiros a todos os que fazem a vontade do Pai (cf Rom 8,17; Mt 12,50).

Ignorar a Deus é morrer; pois a vida reside apenas em conhecê-l'O, viver n'Ele, amá-l'O e procurar assemelhar-se a Ele. Se quereis a vida eterna, [...] procurai antes de mais conhecê-l'O, ainda que «ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-l'O» (Mt 11,27).

Em Deus, conheci a grandeza do Redentor e a sua graça inestimável; pois, diz o apóstolo João, «a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo» (Jo 1,17). [...] Se a Lei de Moisés pudesse dar-nos a vida eterna, porque teria o nosso Salvador vindo ao mundo e sofrido por nós, desde o nascimento até à morte, percorrendo toda uma vida humana? Porque se teria este jovem, que tão bem cumpria desde a juventude os mandamentos da Lei, lançado aos pés de Jesus para Lhe pedir a imortalidade?

Este jovem observava a Lei na sua totalidade, e a ela se ligara desde a juventude. [...] Mas percebe bem que, se nada falta à sua virtude, lhe falta, contudo, a vida. É por isso que vem pedi-la Àquele que pode dar-lhe; está seguro de estar em regra com a Lei, mas nem por isso deixa de implorar ao Filho de Deus, passando de uma fé a outra fé. As amarras da Lei não o defendem adequadamente das oscilações do navio, pelo que ele deseja abandonar esta navegação perigosa e lançar âncora no porto do Salvador.

Jesus não lhe censura a falta de cumprimento da Lei, mas olha-o com afeto, enternecido (cf Mc 10,21), emocionado com a sua aplicação de bom aluno. Contudo, declara-o ainda imperfeito [...]: é bom trabalhador da Lei, mas preguiçoso em relação à vida eterna.

Já faz muito bem, sem dúvida, pois a Lei santa é como um pedagogo (cf Rom 7,12; Gal 3,24), que ensina pelo temor e encaminha aqueles que a cumprem para os mandamentos perfeitos e sublimes de Jesus e para a sua graça. Jesus é «o cumprimento da Lei, para justificar todo aquele que crê n'Ele» (Rom 10,4). Ele não é um escravo que produz escravos, mas confere a qualidade de filhos, de irmãos, de coerdeiros a todos os que fazem a vontade do Pai (cf Rom 8,17; Mt 12,50).

Estas palavras, «se queres», mostram admiravelmente a liberdade do jovem. Ele terá de escolher, pois é dono das suas decisões. Mas é Deus que dá, pois Ele é o Senhor. Ele dá a todos os que desejam, se aplicam fervorosamente e rezam para que a salvação seja a sua escolha pessoal. Inimigo da violência, Deus não obriga ninguém, mas dá a graça aos que a procuram, abre aos que batem à porta (cf Mt 7,7).



Orígenes

(† c. 253)

30. «O Filho do homem é Senhor do sábado»

Homilias sobre o livro dos Números, n.º 23

O sábado foi instituído como um dia sagrado; todos os santos e todos os justos deviam celebrar o sábado. [...] Vejamos então em que consiste para o cristão a observância do sábado: no dia de sábado, não se deve realizar nenhuma obra deste mundo; é necessário abster-se de todas as obras terrenas, não fazer nada que se relacione com este mundo, dedicar-se às obras espirituais, ir à igreja, estar atento à leitura da Escritura e às explicações que dela são dadas, pensar em coisas do céu, ocupar-se da esperança na vida futura, ter presente o julgamento que há de vir, meditar, não nas realidades visíveis e presentes, mas nas realidades futuras e invisíveis.

Os judeus também devem observar tudo isto. Em suas casas, os ferreiros, os pedreiros, todos os trabalhadores manuais ficam sem nada fazer no dia de sábado. Mas nesse dia, os leitores que proclamam a Sagrada Escritura, os doutores que explicam a Lei de Deus, não interrompem as suas funções, e, no entanto, não profanam o sábado. O meu Senhor o reconheceu: «Não lestes», disse-lhes Ele, «que ao sábado, no templo, os sacerdotes violam o sábado e ficam sem culpa?» Portanto, é aquele que se abstém das obras deste mundo e se torna livre para as atividades espirituais, é esse que oferece o sacrifício do sábado e santifica o sábado como um dia de festa. [...]

Durante o sábado, cada qual permanece na sua casa e não sai dela. Qual é, pois, esta casa da alma espiritual? Esta casa é a justiça, a verdade, a sabedoria, a santidade; tudo isso é Cristo, a casa da alma. Desta casa, não é necessário sair, quando se quer guardar o verdadeiro sábado e celebrar por sacrifícios este dia de festa, segundo as palavras do Senhor: «Permanecei em Mim e Eu permanecerei em vós» (Jo 15, 4).

Não vemos que as palavras do Gênesis: «Deus repousou, no sétimo dia, do trabalho por Ele realizado» (Gn 2,2) se tenham realizado neste sétimo dia da Criação, nem que se realizem hoje. Vemos Deus sempre a trabalhar. Não há sábado em que Deus pare de trabalhar, não há dia em que Ele deixe de «fazer com que o sol se levante sobre os bons e os maus e fazer cair a chuva sobre os justos e os pecadores» (Mt 5,45), em que deixe de «fazer crescer as ervas nas montanhas e as plantas para o alimento dos homens» (Sl 146,8) [...], em que deixe de «dar a morte e a vida» (1Sam 2,6).

Assim, o Senhor responde àqueles que O acusam de trabalhar e de curar ao sábado: «Meu Pai trabalha continuamente e Eu também trabalho» (Jo 5,17), querendo com isto dizer que, durante o tempo deste mundo, não há sábado em que Deus descanse de zelar pelo andamento do mundo e pelos destinos do gênero humano. [...] Na sua sabedoria de Criador, Ele não cessa de exercer a sua providência e a sua benevolência sobre as suas criaturas, «até ao fim do mundo» (Mt 28,20). Portanto, o verdadeiro sábado em que Deus descansará de todos os seus trabalhos será o mundo futuro, quando «fugirão a tristeza e os gemidos» (Is 35,10 LXX), e Deus será «tudo em todos» (Col 3,11).

31. «Não penseis que vim revogar a lei [...]; não vim revogá-la, mas completá-la» (Mt 5, 17)»

Homilias sobre os Números, nº 9, 4 (trad. SC 415, p. 239 rev.)

Desejo recordar aos discípulos de Cristo a bondade de Deus; que nenhum de vós se deixe abalar pelos hereges que, em controvérsia, afirmam que o Deus da Lei não é bom, mas justo, e que a Lei de Moisés não ensina a bondade, mas a justiça. Eles que observem, esses detratores de Deus e da Lei, como o próprio Moisés e Aarão cumpriram antecipadamente aquilo que o Evangelho depois ensinou. Vede como Moisés ama os seus inimigos e ora por aqueles que o perseguem (Mt 5, 44) [...]; vede como, «prostrando-se com o rosto em terra», oram ambos por aqueles que se tinham rebelado e pretendiam matá-los (Nm 17, 10ss.). Deste modo, encontramos o Evangelho em potência na Lei, e temos de compreender que os Evangelhos se apoiam no fundamento da Lei.

Por mim, não dou o nome de Antigo Testamento à Lei, quando a considero em termos espirituais; a Lei só é um «Testamento Antigo» para aqueles que não desejam compreender o seu espírito. Para esses, a Lei tornou-se obrigatoriamente «antiga», envelheceu, porque perdeu a sua força. Para nós, porém, que a compreendemos e a explicamos em espírito e em conformidade com o Evangelho, a Lei permanece nova; para nós, os dois Testamentos são um novo Testamento, não pela data, mas pela novidade do sentido.

E não é certo que o Apóstolo João é do mesmo parecer, quando afirma na sua epístola: Caríssimos, dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros (4, 7; Jo 13, 34)? Bem sabia ele que o preceito do amor se encontrava, desde há

muito, na Lei (1Jo 2, 7ss.; Lev 19, 18). Mas, como «a caridade nunca acabará» (1Cor 13, 8), [...] afirma a eterna novidade deste preceito que não envelhece. [...] Para o pecador, e para aqueles que não observam o pacto da caridade, até os Evangelhos envelhecem; não pode haver um Novo Testamento para aquele que não se despoja do homem velho e não se reveste do homem novo, criado segundo Deus (Ef 4, 22-24).

32. «Se permanecerdes fiéis à minha mensagem [...], a verdade vos tornará livres»

Homilias sobre o Êxodo, nº 12, 4 (trad. Fortier/En Calcat; cf. SC 321, p. 369)

«O Senhor é o Espírito e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade» (2Co 3, 17). [...] Como poderemos encontrar esta liberdade, nós que somos escravos do mundo, escravos do dinheiro, escravos dos desejos da carne? Claro que me esforço por me corrigir, julgo-me a mim próprio, condeno as minhas faltas. Que os meus ouvintes examinem por seu lado o que pensam do seu próprio coração. Mas, digo-o de passagem, enquanto estiver preso a alguma destas coisas, não estou convertido ao Senhor, não atingi a verdadeira liberdade, porque ainda me deixo prender por tais preocupações. [...]

Está escrito, sabemos-lo: «É-se escravo daquele por quem nos deixamos vencer» (2Ped 2, 19). Ainda que não seja vencido pelo amor ao dinheiro, ainda que não esteja preso pela preocupação dos bens e das riquezas, estou, contudo, ávido de elogios e desejoso da glória humana, quando me preocupo com o rosto que me mostram os homens e com o que dizem de mim, quando quero saber o que pensam de mim, como me consideram, quando temo desagradar a uns e desejo agradar a outros. Enquanto tiver estas

preocupações, sou seu escravo. Mas queria fazer um esforço para me libertar, tentar livrar-me do jugo desta escravidão vergonhosa e chegar a esta liberdade de que nos fala o apóstolo Paulo: «foi para a liberdade que vós fostes chamados; não vos torneis escravos dos homens» (Gal 5, 13; 1Cor 7,23). Mas quem me dará esta liberdade? Quem me libertará desta escravidão vergonhosa, senão Aquele que disse: «Se o Filho vos libertar, sereis realmente livres»? [...]

Sirvamos, portanto, fielmente, «amarás o Senhor, nosso Deus, com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso entendimento e com todas as nossas forças» (Mc 12, 30), para merecermos receber de Cristo Jesus nosso Senhor o dom da liberdade.

33. «Estavam fixos em Jesus os olhos de toda a sinagoga»

Homilias sobre São Lucas, n.º 32 (SC 87, 386-392)

«Naquele tempo, Jesus foi a Nazaré [...]. Segundo o seu costume, entrou na sinagoga num sábado e levantou-Se para fazer a leitura. Entregaram-Lhe o livro do profeta Isaías e, ao abrir o livro, encontrou a passagem em que estava escrito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu”».

Não foi por acaso, mas por intervenção da Providência divina, que Jesus abriu o livro e encontrou justamente o capítulo que profetizava a seu respeito. Pois, se está escrito:

«Não se vendem dois passarinhos por uma moeda? E nenhum deles cai por terra sem o consentimento do vosso Pai. Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados» (Mt 10,29-30),

como poderia ser por acaso que a escolha do livro de Isaías expressasse o mistério de Cristo?

De fato, este texto lembra Cristo, que disse:

«Ele Me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres».

Quem são os pobres, senão os pagãos, desprovidos de tudo? Não possuíam nem Deus, nem Lei, nem profetas, nem justiça, nem virtude alguma. Foi a eles que o Pai enviou o seu Filho como mensageiro, para «proclamar a redenção aos cativos». E quem estava mais oprimido do que o homem antes de ser libertado e curado por Jesus? Quem era mais prisioneiro do que nós, acorrentados há tanto tempo e sujeitos ao poder de Satanás? Quem mais cego do que aquele a quem a palavra do Senhor devolveu a visão?

E continua o Evangelho:

«Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-Se. Estavam fixos em Jesus os olhos de toda a sinagoga».

Também agora, se quiserdes, nesta assembleia, podeis fixar os olhos no Salvador. Quando dirigis o olhar mais profundo do vosso coração à contemplação da Sabedoria, da Verdade, do Filho único de Deus, tendes os olhos fixos em Jesus. Bem-aventurada é a assembleia da qual a Escritura diz:

«Todos tinham os olhos fixos n'Ele!»

Oxalá também se pudesse dizer o mesmo de nós! Que todos — catecúmenos e fiéis, homens, mulheres e crianças — tenhamos os olhos do coração voltados para Jesus. E, quando O contemplardes, a sua luz iluminará os vossos rostos, e podereis dizer:

«Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz da vossa face» (Sl 4,7).

34. «Vais ficar mudo [...] até ao dia em que tudo isto acontecer, por não teres acreditado nas minhas palavras.»

Comentário ao Evangelho de São João, 2, 193 ss.
(trad. cf. SC 120, p. 339)

Em nós, a voz e a palavra não são a mesma coisa, porque a voz pode fazer-se ouvir sem conferir sentido, sem palavras, e a palavra também pode ser transmitida ao espírito sem voz, como acontece quando pensamos. Da mesma maneira, sendo o Salvador a Palavra [...], João difere Dele por ser a voz, por analogia com Cristo, que é a Palavra. É isso que o próprio João responde àqueles que lhe perguntam quem é ele: «Eu sou a voz do que brada no deserto: "Aplanai o caminho do Senhor"» (Jo 1,23).

Talvez seja por isso, por ter duvidado do nascimento dessa voz que viria a revelar a Palavra de Deus, que Zacarias perdeu a voz, recuperando-a quando nasceu esta voz que é o precursor da Palavra (Lc 1,64). É que, para poder captar a palavra que a voz designa, o espírito tem de ouvir a voz. É também por isso que João é um pouco mais velho do que Cristo; com efeito, ouvimos a voz antes da palavra. João designa Cristo dessa maneira, porque foi por uma voz que a Palavra Se manifestou. E Cristo também é batizado por João, que confessa precisar de ser batizado por Ele (Mt 3,14).[...] Em suma, quando João aponta para Cristo, é um homem que aponta para Deus, para o Salvador incorpóreo; é uma voz que aponta para a Palavra.

35. «Não sabeis que sois templo de Deus?» (1Cor 3,16)»

Comentário ao Evangelho de João, 10,39; PG 14, 369s

«Jesus diz aos judeus: 'Destruí este Templo, e em três dias eu o levantarei [...]' Ele falava do templo que é o seu corpo» (Jo 2,21) [...] Alguns pensam que é impossível aplicar ao corpo de Cristo tudo o que é dito acerca do Templo; pensam que se chamou templo ao seu corpo porque, tal como o primeiro Templo tinha sido habitado pela glória de Deus, também o Primogénito de todas as criaturas é a imagem e a glória de Deus (Cl 1,15), e que é justo, portanto, que o seu Corpo, a Igreja, seja chamado templo de Deus, porque contém a imagem da divindade [...].

Aprendemos com Pedro que a Igreja é o corpo e a casa de Deus, construída com pedras vivas, uma casa espiritual em função de um sacerdote santo (1 Pe 2,5). Possamos então considerar Salomão, o filho de David que construiu o Templo, como uma prefiguração de Cristo: foi depois da guerra, numa altura de grande paz, que Salomão construiu um Templo à glória de Deus na Jerusalém terrestre [...]. De facto, quando todos os inimigos de Cristo estiverem «colocados debaixo dos seus pés», e de a morte, «o último inimigo», ter sido destruído (1 Cor 15,25-26), então a paz será perfeita, então Cristo será «Salomão», cujo nome significa «pacífico»; n'Ele se cumprirá esta profecia: «vivo [...] entre aqueles que odeiam a paz, [mas] lhes falo de paz» (Sl 119,6-7). Então cada uma das pedras vivas, segundo o mérito da sua vida presente, será uma pedra do templo: um, apóstolo ou profeta, que ficará nas fundações, levará consigo as pedras que ficarão por cima; um outro, vindo a seguir àqueles que ficam nas fundações, ele próprio conduzido pelos profetas, levará por sua vez consigo outras pedras mais leves; um terceiro será uma pedra que ficará mesmo

no interior, onde se situa a arca com os querubins e o propiciatório (1 R 6,19); um quarto será a pedra do vestíbulo (v.3), e um quinto, ainda, fora do vestíbulo dos padres e dos levitas, será a pedra do altar onde são feitas as oferendas das colheitas [...] O desenvolvimento da construção, com a organização dos ministérios, será confiado aos anjos de Deus, essas forças santas prefiguradas nos mestres de obras de Salomão [...] Tudo isto se cumprirá quando a paz for perfeita, quando reinar uma grande paz.

36. «Ao ver a cidade, Jesus chorou sobre ela»

Homilia 38 sobre Lucas, Pg 13, 1896-1898

Quando o nosso Senhor e Salvador se aproximou de Jerusalém, ao vê-la, chorou sobre ela: «Se neste dia tivesses conhecido, tu também, O que te pode trazer a paz! Mas isso ficou oculto aos teus olhos. Virão dias para ti em que os teus inimigos te hão de cercar de trincheiras»... Talvez alguém diga: «O sentido destas palavras é claro; de facto, elas realizaram-se em relação a Jerusalém; a armada romana sitiou-a e devastou-a até ao extermínio, e tempos virão em que não ficará pedra sobre pedra».

Não o nego, Jerusalém foi destruída por causa da sua cegueira, mas coloco a questão: não se referem essas lágrimas à Jerusalém em nós? Porque nós somos a Jerusalém sobre a qual Jesus chorou, nós que imaginamos ter um olhar tão penetrante. Se, uma vez instruídos nos mistérios da verdade, após ter recebido a palavra do Evangelho e os ensinamentos da Igreja..., um de nós peca, ele provocará lamentações e lágrimas, porque não se chora sobre nenhum pagão, mas sobre aquele que depois de ter feito parte de Jerusalém deixou de estar nela.

As lágrimas são vertidas sobre a nossa Jerusalém porque, devido aos nossos pecados, «os inimigos vão rodeá-la», quer dizer, as forças adversas, os espíritos do mal. Eles colocarão trincheiras ao seu redor; sitiá-la-ão, e «não deixarão pedra sobre pedra». É o que acontece assim que, depois de uma longa abstinência e muitos anos de castidade, um homem sucumbe, vencido pelas sedução da carne... eis pois a Jerusalém sobre a qual as lágrimas são derramadas.

37. «Eles, porém, não entendiam aquela linguagem»

Homilias sobre o Evangelho de Lucas

De entre todas as maravilhas e grandes coisas que se possam dizer de Cristo, há uma que ultrapassa, absolutamente, a admiração de que o espírito humano é capaz e a fragilidade da nossa inteligência mortal, não sabe como compreendê-la nem a imaginar. É que a onipotência da majestade divina, a própria Palavra do Pai, a própria Sabedoria de Deus, na qual foram criadas todas as coisas “visíveis e invisíveis” (Col 1,16), deixou-se reduzir aos limites do Homem que se manifestou na Judéia. Isto é, objeto da nossa fé. E ainda há mais: nós acreditamos que a Sabedoria de Deus entrou no seio de uma mulher e nasceu através dos vagidos e choros comuns a todos os bebês. E sabemos que, depois disto, Cristo conheceu a perturbação diante da morte, a ponto de gritar: «A minha alma está numa tristeza de morte; ficai aqui e vigiai comigo» (Mt 26,38) e, por fim, foi conduzido à morte mais vergonhosa de todas as que um homem podia sofrer, embora saibamos que ressuscitou ao terceiro dia.

Em verdade, fazer ouvir tais coisas a ouvidos humanos, tentar exprimi-las em palavras, ultrapassa a linguagem dos homens e, provavelmente, a dos anjos.

38. «Cristo, alimento das almas»

Comentário a São Mateus, 11,14; PG 13, 933

Como o nosso corpo não pode viver sem alimento, assim também a alma não pode conservar-se em vida sem a Palavra de Deus. O alimento do corpo se estraga e se corrompe, mas o que alimenta a alma permanece para sempre. É Cristo mesmo quem nos nutre, quando nos fala na Escritura, quando Se dá a nós no mistério da fé, quando Se revela em nosso coração.

Quem se aproxima d'Ele com fé recebe a verdadeira vida; quem O acolhe em si mesmo é sustentado, não por uma comida perecível, mas pelo pão vivo que desceu do céu. Esse alimento, diferente de todos os outros, não é assimilado por quem o come, mas antes assimila o que o recebe, transformando-o em si mesmo. Assim, a alma que se deixa nutrir por Cristo se reveste de Cristo, cresce na semelhança divina e encontra forças para resistir às tentações e caminhar rumo ao Reino.

39. «Cristo, alimento dos anjos»

Comentário ao Pai-Nosso; PG 11, 492

Se Cristo é o alimento das almas, Ele o é também dos anjos. Não que os anjos tenham necessidade de comer como nós, mas porque vivem d'Ele, iluminados pela sua luz e sustentados

pela sua presença. O Verbo eterno, que no princípio estava com Deus e era Deus, é a sua alegria e a sua força.

Assim como as almas fiéis, ao acolherem Cristo, são nutridas pelo pão vivo que desceu do céu, assim também as potestades celestes encontram n'Ele a plenitude da sua existência. Toda criatura, visível e invisível, subsiste por Ele e para Ele; e, assim como não há vida sem alimento, também não há criatura espiritual que possa permanecer sem Cristo.

Por isso, ao invocar «o pão nosso de cada dia», não pedimos apenas o sustento material, mas antes suplicamos que nos seja dado o pão divino, pelo qual vivem os anjos e os santos, o pão da Palavra e da Eucaristia, Cristo mesmo que Se dá para a vida do mundo.

40. «Eis o meu servidor»

Comentário de S. João

No decorrer da refeição, Jesus levantou-se da mesa e despojou-se das suas vestes tomando uma aparência de escravo, como o mostram estas palavras: “Ele tomou uma toalha e cingiu-a à cintura”, para não estar completamente nu e para enxugar os pés dos seus discípulos com a sua própria toalha (Jo 13, 2-5). Vede a que ponto se abaixou a grandeza e a glória do Verbo feito carne; para lavar os pés dos seus discípulos: “Ele deita água numa bacia”. “Abraão elevou os olhos e viu uns homens de pé em frente dele. Da porta da sua tenda, correu ao seu encontro e prostrou-se por terra dizendo: ‘Senhor, se encontrei graça diante de ti, não passes adiante sem parar em casa do teu servidor’” (Gn 18, 2-3) Mas Abraão não toma ele próprio a água e não declara que vai lavar os

pés dos estrangeiros, porque eles vieram a sua casa, mas diz: "Tragam água e lavem-lhes os pés". José também não trouxe água para lavar os pés dos seus onze irmãos, mas foi o seu intendente que "lhes trouxe água para lavarem os pés" (Gn 43,24). Mas aquele que declarou: "Eu vim não para ser servido, mas para servir" (Lc 22,27) e disse com autoridade: "Aprendeis de mim que sou doce e humilde de coração" (Mt 11,29), deita ele próprio a água na bacia. Sabia que ninguém, salvo ele, podia lavar aos pés dos seus discípulos para que esta purificação lhes permitisse ter parte com ele. A água, penso eu, era uma palavra capaz de lavar os pés dos discípulos, quando eles se aproximassem da bacia colocada lá para eles por Jesus.

41. «Herodes procurava ver Jesus»

Homilias sobre o Gênese

O sol e a lua iluminam os nossos corpos; também Cristo e a Igreja iluminam os nossos espíritos. Isto é, iluminam-nos se nós não formos cegos espirituais. Porque, do mesmo modo que o sol e a lua não deixam de derramar a sua claridade sobre os cegos que, contudo, não podem acolher a luz, também Cristo envia a sua luz aos nossos espíritos. Mas esta iluminação só tem lugar se a nossa cegueira não lhe puser obstáculos. Por isso, que os cegos comecem por seguir a Cristo gritando: "Tem piedade de nós, Filho de David!" (Mt 9,27) e, quando tiverem recuperado a vista graças a Ele, poderão ser irradiados pelo esplendor da luz. Mas nem todos os que vêm são iluminados de igual forma por Cristo; cada um é-o na medida em que pode receber a luz (cf Lc 23,8 s)... Não é da mesma maneira que todos vamos a Ele, mas "cada um irá segundo as suas próprias possibilidades" (Mt 25,15).

42. «Começou então a ensinar-lhes muitas coisas»

Comentário sobre o Cântico dos cânticos, II, 4, 17s (a partir da trad. Brésard, 2000 ans B, p. 196 rev; cf SC 375, p. 341)

«Diz-me, ó amado do meu coração, diz a Esposa do Cântico dos Cânticos, onde apascentas o teu rebanho, onde o fazes repousar ao meio-dia» (1, 7). Penso que, no salmo vinte e dois, o profeta, colocado sob a guarda do mesmo pastor, fala igualmente do local de que falava a Esposa, quando diz: «O Senhor é meu pastor; nada me faltará» (v.1). Ele sabia que os outros pastores, sob o efeito da preguiça ou da inexperiência, apascentavam os seus rebanhos em locais mais áridos. É por isso que diz do Senhor, o pastor perfeito: «Em prados verdejantes Ele me faz repousar. Conduz-me às águas refrescantes» (v.2). Ele mostra assim que este pastor dá às Suas ovelhas águas, não apenas abundantes, mas também sãs e puras, que as dessedentam perfeitamente. [...]

Esta primeira formação, dada pelo pastor, é a dos inícios; a continuação diz respeito aos progressos e à perfeição. Acabámos de falar de pastagens e de verdura. É melhor ver isto nos Evangelhos. Aí descobri este bom pastor a falar das pastagens das ovelhas; Ele diz que é o pastor, mas também a porta: «Se alguém entrar por Mim, salvar-se-á; entrará e sairá e achará pastagens» (Jo 10, 9). É por conseguinte Ele que a Esposa questiona. [...] Ela chama «meio-dia» aos lugares secretos do coração onde a alma obtém do Verbo de Deus uma luz mais brilhante de ciência. É, com efeito, a hora em que o sol atinge o ponto mais alto do seu percurso. Portanto, se Cristo, «Sol de justiça» (Mal 3,20), manifesta à Sua Igreja os sublimes segredos das Suas virtudes, mostra-lhe pastagens agradáveis e locais onde repousar ao meio-dia.

Porque quando ela ainda está no início da sua instrução e apenas recebe d'Ele os primeiros inícios do conhecimento, o profeta diz: «Deus socorrê-la-á de manhã, ao nascer do dia» (Sl 45, 6). Mas, porque procura agora bens mais perfeitos e deseja realidades superiores, ela pede a luz do conhecimento ao seu meio-dia.

43. «Limpa antes o interior do copo»

Homilias sobre Josué, nº5, 2 (a partir da trad. SC 71, p. 167)

Partamos para a guerra como Josué; tomemos de assalto a cidade mais importante deste mundo, a malícia, e destruamos as muralhas orgulhosas do pecado. Olhando ao teu redor, vês o caminho que é preciso seguir, que campo de batalha precisas de escolher? As minhas palavras vão surpreender-te; no entanto, são verdadeiras: limita a tua procura a ti mesmo. Em ti está o combate a que deves entregar-te; dentro de ti está o edifício da malícia que é preciso destruir; o teu inimigo vem do fundo do teu coração.

Não sou eu que o digo, mas Cristo; escuta-O: «Do coração procedem as más intenções, os assassinios, os adultérios, as prostituições, os roubos, os falsos testemunhos e as blasfémias» (Mt 15, 19). Conheces o poder deste exército inimigo que avança contra ti do fundo do teu coração? Ei-los, os inimigos a massacrar no primeiro combate, a arrasar na primeira linha. Se formos capazes de derrubar as suas muralhas e destruí-los até que não reste nenhum para o contar, nenhum com vida (Jos 11, 14), nem um só que possa recuperar o fôlego e reaparecer nos nossos pensamentos, então Jesus dar-nos-á o grande descanso.

44. «Cristo, Bom Samaritano»

Homilias sobre o Evangelho de Lucas, 34, 3.7-9; GCS 9, 201-202.204-205 (a partir de trad. Delhougne, Les Pères commentent, pp. 419-420)

De acordo com um ancião que quis interpretar a parábola do Bom Samaritano, o homem que descia de Jerusalém em direção a Jericó representa Adão, Jerusalém o paraíso, Jericó o mundo, os salteadores as forças malignas, o sacerdote a Lei, o levita os profetas, o samaritano Cristo. As feridas simbolizam a desobediência, a montada o Corpo do Senhor. [...] E a promessa de voltar, feita pelo samaritano, prefigura, de acordo com este intérprete, o segundo advento do Senhor. [...]

Este Samaritano carrega os nossos pecados (*cf.* Mt 8, 17) e sofre por nós. Pega no moribundo e condu-lo à estalagem, ou seja, à Igreja. A Igreja está aberta a todos, não recusa o seu socorro à ninguém e todos são convidados por Jesus: «Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos que Eu hei de aliviar-vos» (Mt 11, 28). Após ter conduzido o ferido, o Samaritano não parte de imediato, mas fica todo o dia na hospedaria junto do moribundo. Trata-lhe das feridas não apenas durante o dia, mas também de noite, abraçando-o com dedicada solicitude. Verdadeiramente este guardião de almas mostrou-se mais próximo dos homens que a Lei e os profetas «dando prova de bondade» para com aquele «que tinha caído nas mãos dos salteadores» e «mostrou ser o seu próximo» mais pelos actos do que pelas palavras

Segundo a palavra: «Sede meus imitadores como eu o sou de Cristo» (1Cor 11, 1), é possível imitar Cristo e ter piedade dos que «caem nas mãos dos salteadores», aproximando-nos deles, ligando-lhes as feridas, vertendo óleo e vinho sobre elas, carregando-os sobre a nossa própria montada e transportando-

lhes os fardos. É por isso que, para nos estimular, o Filho de Deus diz, dirigindo-se a todos nós, mais ainda que ao doutor da lei: «Vai, e faz o mesmo».

45. «Venha o Teu Reino (Mt 6, 10)»

A oração, 25; GCS 3, 356 (a partir da trad. do breviário)

O reino do pecado é inconciliável com o reino de Deus. Portanto se queremos que Deus reine sobre nós, «que o pecado não reine mais no vosso corpo mortal». Mas «crucifiquemos os nossos membros no que toca à prática de coisas da terra», demos frutos do Espírito. Assim, como num paraíso espiritual, o Senhor passeará em nós, reinando sozinho com o Seu Cristo. Este será entronado em nós «à direita do Todo-Poderoso» que desejamos receber até que todos os Seus inimigos presentes em nós «se tornem estrado para os Seus pés» e seja expulso para longe «todo o principado, toda a dominação e poder».

Tudo isto pode acontecer em cada um de nós até que seja destruído «o último inimigo [...]: a morte» e Cristo diga em nós: «Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?» Por isso, desde agora, que tudo o que é «corruptível» em nós se torne santo e «se revista de incorruptibilidade» e o que é «mortal» [...] se «revista da imortalidade» do Pai. Assim, Deus reinará sobre nós e estaremos desde já na alegria do novo nascimento e da ressurreição.

46. «O Verão está próximo»

Primeira homilia sobre o salmo 38 (39) (a partir da trad. de SC 411, p. 355)

«Senhor, dá-me a conhecer o meu fim e o número dos meus dias, para que veja como sou efêmero» [Sl 38 (39), 5]. Se me permitisses conhecer o meu fim, diz o salmista, e se me desses a conhecer o número dos meus dias, poderia só por isso perceber o que me falta. Ou talvez por estas palavras ele esteja ainda a indicar o seguinte: que todo o trabalho tem uma meta. Por exemplo, o objetivo de um empreendimento de construção é fazer uma casa; a finalidade de um estaleiro naval é construir um barco capaz de triunfar sobre as vagas do mar e suportar as investidas dos ventos; e o objetivo de cada trabalho é qualquer coisa de semelhante para o qual o próprio trabalho foi criado. Por isso, talvez haja também um certo objetivo na nossa vida e na existência do mundo inteiro para o qual se faz tudo o que se faz na nossa vida ou para o qual o próprio mundo foi criado ou subsiste. Também o Apóstolo Paulo se recorda desse objetivo quando diz: «Depois, será o fim: quando Ele entregar o reino a Deus Pai» (1Cor 15, 24). É certamente necessário que nos apressemos para essa meta, uma vez que o valor da obra é a razão pela qual fomos criados por Deus.

Assim como o nosso organismo corporal é pequeno e reduzido no momento em que nascemos e no entanto se desenvolve e tende para o limite do seu tamanho crescendo em idade; assim como também a nossa alma [...] recebe primeiramente uma linguagem balbuciante, que seguidamente vai ficando mais clara, para chegar finalmente a uma forma de se exprimir perfeita e correta; também da mesma forma toda a nossa vida começa no presente, decerto balbuciante entre os homens da terra mas se conclui e chega ao seu auge nos céus, perto de Deus.

Por este motivo o profeta deseja conhecer o fim para que foi criado, porque, olhando para o objetivo, examinando os seus dias e considerando a sua perfeição, vê o que lhe falta em relação a essa meta para a qual tende. [...] É como se aqueles que saíram do Egito tivessem dito: «Senhor, dá-me a conhecer o meu fim», que é uma terra boa e uma terra santa, «e o número dos meus dias» que percorro «para que veja como sou efêmero», quanto ainda me falta caminhar para chegar à terra santa que me foi prometida.

47. «Deixarás ir em paz o Teu servo»

Homilia 15 sobre São Lucas; PG 13, 1838-1839 (a partir da trad. Orval; cf SC 87)

Simeão sabia que o único que pode libertar-nos da prisão do corpo, com a esperança da vida futura, é Aquele que ele tinha nos braços. Foi por isso que disse: «Agora, Senhor, segundo a tua palavra, deixarás ir em paz o teu servo, porque enquanto não tive Cristo nos meus braços era como que prisioneiro, estava incapaz de me libertar das cadeias.» E note-se que isto não se aplica somente a Simeão, mas a todos os homens. Se alguém abandona este mundo e quer alcançar o Reino, tome Jesus nos braços, aperte-O ao peito, e poderá chegar com grande alegria aonde deseja ir. [...]

«Todos aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus» (Rom 8, 14). Assim pois, foi o Espírito Santo que levou Simeão ao Templo. E tu, se desejas ter Jesus nos braços e tornar-te digno de sair dessa prisão, esforça-te por te deixares conduzir pelo Espírito, para chegares ao templo de Deus. Desde já te encontras no templo do Senhor Jesus, ou seja, na Sua Igreja, neste templo de pedras vivas (1P 2, 5). [...]

Assim pois, se vieres ao Templo conduzido pelo Espírito, encontrarás o Menino Jesus, toma-Lo-ás nos teus braços e dirás: «Agora, Senhor, segundo a Tua palavra, deixarás ir em paz o Teu servo». Esta libertação e esta partida têm lugar na paz. [...] Quem morre em paz, senão aquele que tem a paz de Deus, que sobrepuja todo o entendimento e guarda os corações e os pensamentos em Cristo (Fil 4, 7)? Quem se retira em paz deste mundo, senão aquele que compreende que Deus veio, em Cristo, reconciliar-Se com o mundo?

48. «Ninguém Lhe deitou a mão»

Tratado dos Príncipes, livro 2, cap. 6, 2: PG 11, 210–211;
Comentário a S. João 19,12: PG 14, 158

Encontramos em Cristo características tão humanas que nada O distinguem da fraqueza comum a nós, os mortais, e, ao mesmo tempo, características tão divinas que só podem pertencer à soberana natureza divina. Perante isto, a inteligência humana, demasiado restrita, sente-se tomada de reverência e de temor: pressente Deus em Cristo, mas vê-O morrer; toma-O por homem, e eis que Ele ressuscita dos mortos com o Seu espólio de vitória, após ter destruído o império da morte.

Assim, a nossa contemplação deve considerar no mesmo Jesus a verdade das duas naturezas, evitando atribuir à inefável essência divina aquilo que Lhe é indigno, mas também evitando ver nos acontecimentos da história meras aparências ilusórias. Este mistério transcende não apenas a nossa linguagem, mas até a inteligência angélica.

É nesse contexto que o Evangelho diz: «Procuravam então prender Jesus, mas ninguém Lhe deitou a mão, porque ainda não

chegara a sua hora» (Jo 7,30). Procurar Jesus pode ser um bem, quando se trata de buscar o Verbo, a Verdade e a Sabedoria. Mas pode também ser mal, quando se O procura para O rejeitar e matar, como em: «Procurais matar-Me, a Mim que vos disse a verdade que ouvi a Deus» (Jo 8,40).

Nem todos os que O procuram O fazem sinceramente; só encontra a paz aquele que O busca de coração íntegro, procurando o Verbo que está com Deus (Jo 1,1) para que Ele o leve ao Pai. Por isso, Cristo afasta-Se de quem O procura com malícia, e permanece junto dos que O desejam encontrar no tempo favorável.

Ninguém pôde, pois, pôr-Lhe a mão antes da hora, porque Ele mesmo dispunha do tempo da sua entrega. Ele não foi vencido pela força dos homens, mas entregou-Se voluntariamente.

49. «Se permanecerdes fiéis à Minha palavra, sereis realmente Meus discípulos; então conhecereis a verdade, e a verdade tornar-vos-á livres»

Homilias sobre o Êxodo, nº 8 | 12, 4

«Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão» (Ex 20, 2). Estas palavras não se dirigem apenas aos que já saíram do Egito; dirigem-se sobretudo a ti que as ouves agora, se quiseres sair do Egito. [...] Reflete, pois: as coisas deste mundo e as ações da carne não serão essa casa de servidão e, ao contrário, a fuga às coisas deste mundo e a vida segundo Deus não serão a casa da liberdade, conforme o que o Senhor diz

no Evangelho: «Se permanecerdes na Minha palavra, conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres?»

Sim, o Egito é a casa de servidão; Jerusalém e a Judeia são a casa da liberdade. Escuta o que o Apóstolo Paulo declara a este respeito [...]: «A Jerusalém que é do alto é livre; é a mãe de todos nós» (*Gal 4, 26*). E, da mesma forma que o Egito, esta província terrestre, é chamada «casa de servidão» para os filhos de Israel relativamente a Jerusalém e à Judeia, que são para eles a casa da liberdade, assim também, relativamente à Jerusalém celeste que é, pode-se dizer, a mãe da liberdade, o mundo inteiro, com tudo o que ele contém, é uma casa de servidão. Houve outrora, para castigo do pecado, uma passagem do paraíso da liberdade à servidão deste mundo [...]; por isso a primeira palavra dos mandamentos de Deus diz respeito à liberdade: «Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão».

«O Senhor é Espírito e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade» (*2Cor 3,17*). [...] Como poderemos encontrar esta liberdade, nós que somos escravos do mundo, escravos do dinheiro, escravos dos desejos da carne? É certo que faço um esforço por me corrigir, julgo-me a mim próprio, condeno as minhas faltas; os meus ouvintes examinem o que pensam do seu coração. Mas, digo-o de passagem, enquanto estiver preso a alguma destas coisas, não estou convertido ao Senhor, não atingi a verdadeira liberdade, porque ainda me deixo prender por estas preocupações. [...]

Está escrito, sabemo-lo bem: «Somos escravos daquele por quem nos deixamos vencer» (*2Ped 2,19*). Ainda que não seja vencido pelo amor ao dinheiro, ainda que não esteja preso pela preocupação com os bens e as riquezas, estou, contudo, ávido de elogios e desejoso da glória humana quando me preocupo com o rosto que os homens me mostram e com o que dizem de mim, quando quero saber o que pensam de mim, como me consideram,

quando temo desagradar a uns e desejo agradar a outros. Enquanto tiver estas preocupações, sou seu escravo. Ora, quero fazer um esforço para me libertar, para tentar livrar-me do jugo desta escravidão vergonhosa e alcançar a liberdade de que nos fala o apóstolo Paulo: «Foi para a liberdade que fostes chamados; não vos torneis escravos dos homens» (*Gal 5,13; 1Cor 7,23*). Mas quem me dará esta liberdade? Quem me libertará desta escravidão vergonhosa, senão Aquele que disse: «Se o Filho vos libertar, sereis realmente livres»? [...] Sirvamos, portanto, fielmente, amando o Senhor, nosso Deus, com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com todo o nosso entendimento e com todas as nossas forças (*cf Mc 12,30*), para merecermos receber de Cristo Jesus nosso Senhor o dom da liberdade.

50. «Vai e faz tu também o mesmo»

Comentário sobre o Cântico dos cânticos, prólogo 2,
26-31 (a partir da trad. cf SC 375, pp. IIIss.)

Está escrito: «Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus» (*1Jo 4, 7*); e mais adiante: «Deus é amor» (8). Deste modo se diz, por um lado, que o próprio Deus é amor, e por outro, que aquele que é de Deus é amor. Ora, quem é de Deus senão aquele que diz: «Saí de Deus e vim a este mundo»? (*Jo 16, 28*). Se Deus Pai é amor, também o Filho é amor [...]; o Pai e o Filho são um só e em nada diferem. Eis a razão por que Cristo é chamado, para além de Sabedoria, Poder, Justiça, Verbo e Verdade, também Amor. [...]

E, porque Deus é amor e o Filho que é de Deus é amor, exige em nós algo semelhante a Ele, de tal maneira que, por este amor, por esta caridade que está em Cristo Jesus [...], sejamos unidos a Ele por uma espécie de parentesco, graças a este nome.

Como dizia São Paulo, que estava unido a Ele: «Quem nos separará do amor de Deus, que está em Cristo Jesus Nosso Senhor?» (*Rom 8, 39*).

Ora, este amor de caridade considera que todo o homem é o nosso próximo. Foi por essa razão que o Salvador repreendeu um homem que estava convencido de que a alma justa não estava obrigada a observar para com todos as leis do tratamento ao próximo. [...] E compôs a parábola segundo a qual «certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores». Depois censura o sacerdote e o levita que, vendo-o meio morto, passaram adiante, mas presta homenagem ao Samaritano, que teve misericórdia para com ele. E confirma que este último foi o próximo do homem ferido com a resposta daquele mesmo que tinha feito a pergunta, a quem diz: «Vai e faz tu também o mesmo». Com efeito, por natureza, nós somos todos o próximo uns dos outros, mas pelas obras de caridade, aquele que pode fazer bem torna-se próximo daquele que não pode. Foi por isso que o nosso Salvador Se fez nosso próximo, e não passou adiante quando estávamos «meio mortos» em consequência dos ferimentos infligidos pelos «salteadores».

51. «Sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus»

Comentário à Carta aos Romanos, 4, 7; PG 14, 985

No último dia, a morte será vencida. Após o suplício da cruz, a ressurreição de Cristo contém misteriosamente a ressurreição de todo o Corpo de Cristo. Assim como o corpo palpável de Cristo foi crucificado, amortalhado e, de seguida, ressuscitado, assim também todo o Corpo dos santos de Cristo foi crucificado com ele e já não vive em si. Mas quando chegar a

ressurreição do verdadeiro Corpo de Cristo, do Seu Corpo total, então os membros de Cristo, agora semelhantes a ossadas ressequidas, serão reunidos articulação por articulação (Ez 37, 1 ss.), cada um encontrando o seu lugar, para que «cheguemos todos ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo» (Ef 4, 13). Então, a multidão dos membros será um só corpo porque todos pertencem ao mesmo corpo (Rm 12, 4).

52. «Tu és, realmente, o Filho de Deus!»

Comentário ao Evangelho segundo Mateus, 11, 6; PG
13, 919

Quando nos tivermos mantido firmes durante as longas horas da noite escura que reina nos momentos de provação, quando tivermos dado o nosso melhor [...], estejamos certos de que, quando a noite for adiantada e o dia estiver próximo (Rom 13, 12), o Filho de Deus virá até junto de nós, caminhando sobre as ondas. Quando O virmos aparecer assim, sentiremos receio até ao momento em que compreendermos claramente que é o Salvador que veio para o meio de nós. Julgando ainda ver um fantasma, gritaremos assustados, mas Ele dir-nos-á imediatamente: «Tranquilizai! Sou Eu! Não temais!»

Pode ser que estas palavras façam surgir em nós um Pedro em caminho para a perfeição, que descera do barco, certo de ter escapado à prova que os agitava. Inicialmente, o seu desejo de ir para o pé de Jesus fá-lo caminhar sobre as águas. Mas sendo a sua fé ainda pouco segura e estando ele próprio com dúvidas, notará «a violência do vento», sentirá medo e começará a ir ao fundo. Contudo, escapar-se-á a este mal porque lançará a Jesus este grito: «Salva-me, Senhor!» E mal este outro Pedro acabe de dizer «Salva-me, Senhor!», o Verbo estenderá a mão para o socorrer, e segurá-

lo-á no momento em que ele começava a afogar-se, repreendendo-o pela sua pouca fé e pelas suas dúvidas. Note-se, contudo, que Ele não disse: «Incrédulo», mas «homem de pouca fé», e que está escrito: «Porque duvidaste?», quer dizer: «Tu tinhas um pouco de fé, mas deixaste-te levar em sentido contrário». E Jesus e Pedro subirão para o barco, o vento acalmará e os ocupantes, compreendendo a que perigos tinham escapado, adorarão Jesus dizendo: «Tu és, realmente, o Filho de Deus!», palavras que apenas os discípulos que estão próximo de Jesus no barco podem dizer.

53. «Os dons de Deus e a liberdade do homem»

Homilias sobre o livro dos Números, n.º12, §3

Tem o homem alguma coisa para oferecer a Deus? Tem, sim: a sua fé e o seu amor. É isto o que Deus pede ao homem, e assim está escrito: «E agora, Israel, o que o Senhor, teu Deus, exige de ti é que temas o Senhor, teu Deus, para seguir os Seus caminhos, para O amares, para servires o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma». (Dt 10,12). Eis os presentes, os dons que devemos oferecer ao Senhor. E para Lhe oferecermos estes dons com o coração, temos primeiro de O conhecer; temos de ter bebido o conhecimento da Sua bondade nas águas profundas do seu poço. [...]

Corarão, ao ouvirem estas palavras, os que negam que a salvação do homem está no poder da sua liberdade! Pediria Deus o que quer que fosse ao homem, se este não fosse capaz de responder ao pedido de Deus e de Lhe oferecer o que Lhe deve? Porque há o dom de Deus, mas há também a contribuição do homem. Por exemplo, está no poder do homem fazer que uma moeda de ouro renda outras dez ou só cinco; mas pertence a Deus que o homem possua essa moeda de ouro com que pôde produzir

outras dez. Quando apresentou a Deus essas dez moedas de ouro ganhas por si, o homem recebeu um novo dom, já não em dinheiro, mas o poder e a realeza sobre dez cidades.

Da mesma maneira, pediu Deus a Abraão que Lhe oferecesse o seu filho Isaac, num dos montes que haveria de lhe indicar. E Abraão, sem hesitar, ofereceu o seu filho único: pô-lo sobre o altar e pegou no cutelo para o degolar; mas logo uma voz o reteve e foi-lhe dado um carneiro para imolar em substituição do seu filho (Gn 22). Vê bem: o que oferecemos a Deus mantém-se nosso; mas essa oferenda é-nos pedida para que, ao oferecê-la, testemunhemos o nosso amor a Deus e a fé que n'Ele temos.

54. «O céu e a terra passarão, mas as Minhas palavras não hão-de passar»

Homilias sobre o Gênesis, nº12, 5 (a partir da trad. SC 7, p. 307 rev.)

«Bebe a água das tuas fontes e dos teus poços, e que a tua fonte seja realmente tua» (Pr 5, 15.17). Tu que me escutas, tenta ter um poço teu e uma fonte tua; deste modo, quando pegares nas Escrituras, também tu conseguirás descobrir, por ti mesmo, alguma interpretação. Sim, de acordo com o que aprendeste na Igreja, tenta beber da fonte do teu espírito. No interior de ti próprio existe [...] «a água viva» (Jo 4, 10); há canais inesgotáveis e rios engrossados com o sentido espiritual das Escrituras, desde que não estejam obstruídos com terra e entulho. Neste caso, o que é preciso fazer é cavar e limpar, ou seja, expulsar a preguiça do espírito e sacudir o torpor do coração. [...]

Purifica, pois, o teu espírito, para que um dia bebas das tuas fontes e extraias a água viva dos teus poços. Porque se

recebeste em ti a palavra de Deus, se recebeste de Jesus a água viva e se a recebeste com fé, ela tornar-se-á em ti «fonte de água que brota para a vida eterna» (Jo 4, 14).

55. «Preparai o caminho do Senhor, endireitai as Suas veredas»

Homilias sobre São Lucas 22, 4 (a partir da trad. SC 87, p. 303 rev.)

João Batista dizia: «Toda a ravina será preenchida» (Lc 3,5), mas não foi ele quem preencheu todos os vales, foi o Senhor, nosso Salvador. [...] «E os caminhos tortuosos ficarão direitos». Cada um de nós era tortuoso [...] e foi a vinda de Cristo, realizada na nossa alma, que endireitou tudo o que o era. Nada havia de mais irremediável do que vós. Considerai os desejos desregrados de outrora, o vosso arrebatamento e todas as outras más inclinações, e vede se desapareceram de vez – compreendereis que nada havia de mais impraticável do que vós ou até, para usar uma expressão mais forte, de mais tosco. A vossa conduta era tosca, assim como as vossas palavras e obras.

Mas o Senhor, o meu Jesus, veio aplinar as vossas rugosidades e transformar todo esse caos numa estrada plana para fazer de vós um caminho sem sobressaltos, perfeitamente liso e todo cuidado, para que Deus Pai possa andar em vós e Cristo Senhor possa em vós morar e dizer: «O Meu Pai e Eu viremos a ele e nele faremos morada» (Jo 14, 23).

56. «Ele expulsa os demônios»

Homilias sobre o Êxodo, n.º 1, 5 (a partir da trad. da Irmã Isabelle de la Source, Lire la Bible, Médiaspaul 1990, t. 2, p. 14)

Reconhecei-o: «em ti se levantou um novo rei, um rei do Egito» (Ex 1, 8). É ele quem te requisita para o trabalho, quem te obriga a fazer para ele os tijolos e a argamassa. É ele quem te impõe capatazes e encarregados, quem te força com a vergasta e o chicote ao trabalho da terra e te obriga a construir cidades. É ele quem te incita a percorrer o mundo e a mover montanhas para satisfazeres os teus apetites. [...]

Este rei do Egito sabia que uma guerra assim era inevitável, pois pressentiu a vinda d' «Aquele que pode despojar Poderes e Autoridades e triunfar deles com audácia, cravando-os na cruz» (Cl 2, 14-15). [...] Sente próxima a hora da destruição do seu povo e por isso declara: «O povo de Israel é mais poderoso do que nós!» (Ex 1, 9). Pudesse ele dizer o mesmo de nós e achar-nos mais fortes do que ele! Como? Se não acolhermos maus pensamentos e apetites perversos, que ele nos inspira, se repelirmos «as suas setas incendiadas com o escudo da fé» (Ef 6, 16), se, de cada vez que ele fizer qualquer insinuação à nossa alma, lhe dissermos, lembrando-nos de Cristo, Nosso Senhor: «Fora, Satanás! Está escrito: é ao Senhor, teu Deus, que adorarás e só a Ele servirás» (Dt 6, 13/Mt 4, 10).

Com efeito, o Senhor Jesus veio para submeter a Si a «Poderes, Autoridades e Dominações» (Cl 1, 16), para poupar os filhos de Israel à violência dos seus inimigos [...], para nos ensinar de novo a ver o Espírito do Senhor [Is 61, 1-2/Lc 4, 18-22], a abandonar o trabalho do faraó, a sair da terra do Egito e renunciar aos seus bárbaros costumes, a «despojar-nos completamente do

homem velho e das suas obras e a revestir-nos do homem novo criado em conformidade com Deus» (Ef 4, 22-24/Cl 3, 9-10), a «renovar-nos sem cessar, dia após dia» (2Cor 4, 16) à imagem d'Aquele que nos criou, Cristo Jesus, Nosso Senhor, a quem seja dada a glória e o poder pelos séculos dos séculos. Amém.

57. «Ir em paz»

Homilias sobre o Evangelho de São Lucas, n.º 15 (a partir da trad. SC 87, p. 233, rev.)

«Uma mulher tocou na orla do manto de Jesus e ficou curada» (Mt 9, 20). Se esta mulher, ao tocar a extremidade do Seu manto, daí retirou tantos benefícios, o que dizer de Simeão, que «O tomou nos braços» e, tomando-O, deu largas à sua alegria vendo que segurava a criança vinda ao mundo para libertar os cativos (Lc 4, 18) e que ele próprio se veria em breve liberto dos laços do corpo? Simeão sabia que ninguém podia fazer sair fosse quem fosse da prisão do corpo com os olhos postos na vida futura a não ser Aquele que segurava nos seus braços. E assim se dirige a Ele: «Agora, Senhor, deixarás ir em paz o Teu servo, porque todo o tempo que não tive a Cristo, todo o tempo que O não apertei nos meus braços, estive prisioneiro e não pude sair desses laços».

De resto, não é só acerca de Simeão, mas de todo o gênero humano, que temos de entender estas palavras. Se alguém deixa este mundo, se alguém se liberta desta prisão e desta morada de cativos para alcançar a realeza, que pegue em Jesus com as suas mãos e O aconchegue nos seus braços, que O tenha todo junto ao coração e assim, doido de alegria, se dirija aonde quiser.

58. «Apertado é o caminho que conduz à vida»

Homilias sobre o Êxodo, n.º 5, 3; SC 321

Vejamos o que Deus disse a Moisés, que ordem lhe deu sobre o caminho a escolher [...]. Pensavas talvez que o caminho que Deus mostra é um caminho fácil, que não tem absolutamente nada de difícil ou de penoso; pelo contrário, trata-se de uma subida, e bem tortuosa. Porque esse caminho por onde chegamos às virtudes não é um caminho a descer, mas a subir, e é uma subida íngreme e difícil. Escuta ainda o Senhor no Evangelho: «Quão apertado é o caminho que conduz à vida!» Vês, portanto, como o Evangelho está em harmonia com a Lei. [...] Na verdade, até os cegos conseguem vê-lo claramente: um só Espírito escreveu a Lei e o Evangelho.

O caminho por onde vamos é, portanto, uma tortuosa subida [...]; os atos e a fé comportam muitas dificuldades, muitas tribulações. Pois são imensas as tentações e os obstáculos que se opõem àqueles que querem agir segundo Deus. Depois, na fé, encontramos muitas coisas tortuosas, muitos pontos de discussão, muitas objeções heréticas. [...] Escuta o que disse o Faraó ao ver o caminho que Moisés e os israelitas tinham tomado: «Andam perdidos na terra.» (Ex 14,3). Para o Faraó, aqueles que seguem a Deus perdem-se. É que, como dissemos, o caminho da sabedoria é tortuoso, com muitas curvas, muitos desvios. Assim, confessar que há um Deus único, e afirmar na mesma confissão que o Pai, o Filho e o Santo Espírito são um só Deus, quão tortuoso, quão difícil e inextricável parecerá aos infiéis! Acrescentar ainda que «o Senhor da glória» foi crucificado (1 Cor 2,8), e que Ele é o Filho do homem «que desceu do Céu» (Jo 3,13), quão tortuoso e difícil parecerá, também! Quem sem fé isto ouve, dirá: «Andam perdidos na terra». Mas tu, sê firme, não ponhas em dúvida uma tal fé, sabendo que Deus te mostra esse caminho da fé.

59. «São cegos a conduzir outros cegos»

Homilia 1 sobre o Levítico; PG 12,405

Quando, nos últimos dias, o Verbo de Deus nasceu de Maria revestido de carne e Se mostrou neste mundo, aquilo que se via d'Ele era outra coisa que não aquela que a inteligência podia discernir. Ver a Sua carne era evidente para todos, mas o conhecimento da Sua divindade era dado apenas a alguns. Do mesmo modo, quando o Verbo de Deus Se dirige aos homens através da lei antiga e dos profetas, apresenta-Se coberto com as vestes adequadas. Na Sua encarnação, vestiu-Se de carne; nas Sagradas Escrituras, está vestido com o véu das letras. O véu das letras é comparável à Sua humanidade, e o sentido espiritual da Lei à Sua divindade. No livro do Levítico encontramos os ritos do sacrifício, as diversas vítimas, o serviço litúrgico dos sacerdotes [...]; bem-aventurados os olhos que veem o Espírito divino oculto no interior do véu. [...]

«Quando alguém se vira para o Senhor, diz o apóstolo Paulo, o véu é tirado, pois onde está o Espírito do Senhor há liberdade» (2Cor 3,17). É, portanto, ao próprio Senhor, ao próprio Espírito Santo, que devemos rezar para que Ele Se digne remover toda a obscuridade e que possamos contemplar em Jesus o admirável sentido da Lei, como aquele que disse: «Abri os meus olhos para que possa contemplar as maravilhas da Vossa Lei» (Sl 118,18).

60. «E o Verbo fez-Se homem e veio habitar conosco. E nós contemplamos a Sua glória, [...] cheia de graça e de verdade» (Jo 1,14)»

Comentário ao Evangelho de São João, I, 21-25

Considero serem os quatro Evangelhos os elementos essenciais da fé da Igreja [...] e penso que as suas primícias estão [...] no Evangelho de João, o qual, para falar d'Aquele de quem outros fizeram a genealogia, se inicia precisamente por Aquele que não a tem. Com efeito, escrevendo para judeus que esperavam o descendente de Abraão e de David, Mateus diz: «Genealogia de Jesus Cristo, filho de David, filho de Abraão» (Mt 1,1); e Marcos, sabendo muito bem o que escreve, traz: «Princípio do Evangelho» (Mc 1,1). O fim do Evangelho, esse encontramos-lo em João: é o Verbo que era no princípio, a Palavra de Deus (cf. 1,1). E também Lucas reservou ao discípulo que repousou sobre o peito de Jesus (Jo 13,25) os maiores e mais perfeitos discursos sobre Ele. E nenhum mostrou a Sua divindade de modo tão absoluto como João, que O faz dizer: «Eu sou a luz do mundo» (8,12), «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (14,6), «Eu sou a Ressurreição» (11,25), «Eu sou a porta» (10,9), «Eu sou o Bom Pastor» (10,11) e, no Apocalipse, «Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim» (22,13).

Por isso me atrevo a dizer que os Evangelhos são as primícias de toda a Escritura e que, dos Evangelhos, as primícias são o de João, do qual ninguém poderia abarcar todo o sentido a não ser que tivesse descansado sobre o peito de Jesus e recebido d'Ele Maria por Mãe (Jo 19,27). [...] Quando Jesus diz a Sua Mãe: «Eis o teu filho» e não «eis o homem que também é teu filho», é como se lhe dissesse «Eis o teu filho, gerado por ti», porquanto quem quer que chegue a viver em perfeição não é ele quem vive,

mas Cristo que vive nele (Gl 2,20). [...] Será preciso ainda dizer de que inteligência teremos necessidade para podermos interpretar dignamente a palavra depositada, como um tesouro (2 Cor 4,7), nos vasos de barro do uso comum da linguagem, numa caligrafia que todos podem ler, e na palavra que todos podem ouvir se alguém lhe der voz e compreender se todos lhe prestarem atenção? Assim, para interpretarmos devidamente o Evangelho de João, em boa verdade basta-nos ser capazes de dizer: «quanto a nós, temos o pensamento de Cristo, para podermos conhecer os dons da graça de Deus» (1 Cor 2,16.12)..

61. «E em três dias o levantarei»

Comentário ao Evangelho de São João, 10

Como é grande e difícil de entender o mistério da nossa própria ressurreição! Anunciado por muitos textos da Sagrada Escritura, aparece sobretudo em Ezequiel, [...] que diz: «A mão do Senhor desceu sobre mim; então, conduziu-me em espírito e colocou-me no meio de um vale que estava cheio de ossos [...] completamente ressequidos. O Senhor disse-me: «Filho de homem, estes ossos poderão voltar à vida?» Eu respondi: «Senhor Deus, só Tu o sabes.» Ele disse-me: «Profetiza sobre estes ossos e diz-lhes: Ossos ressequidos, ouvi a palavra do Senhor»» (Ez 37, 1-4). [...]

Que ossos serão esses, aos quais se diz «ouvi a palavra do Senhor» [...] senão o Corpo de Cristo, que o próprio Senhor refere, dizendo: «todos os Meus ossos se desconjuntaram» (Sl 22/21, 15)? [...] Tal como teve lugar a Ressurreição do corpo perfeito e verdadeiro de Cristo, assim nós, os Seus membros [...], seremos um dia reunidos osso a osso, articulação a articulação. Ninguém, privado desta junção, poderá chegar ao estado de «homem adulto,

à medida completa da plenitude de Cristo» (Ef 4, 13). Assim, «todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, constituem um só corpo» (1Cor 12, 12).

Vem tudo isto a propósito do Templo, do qual o Senhor disse: «O zelo da Tua casa me devora» (Sl 69/68, 10); dos judeus que Lhe pediam um sinal; por último, da Sua própria resposta [...]: «Destruí este Templo, e em três dias o levantarei». É necessário banir deste templo, que é o Corpo de Cristo, tudo aquilo que a razão recusa e é ocasião de negócio, para que, no futuro, ele não venha a tornar-se morada de mercadores. É necessário igualmente [...] que, depois da sua destruição por aqueles que recusarem a Palavra de Deus, seja levantado ao terceiro dia [...]. Assim, graças à purificação levada a cabo por Jesus, tendo abandonado tudo o que era contrário à razão e todo o tipo de comércio por causa do zelo do Verbo, Palavra de Deus, presente neles, os Seus discípulos são destruídos para serem levantados por Jesus em três dias [...], uma vez que são precisos três dias inteiros para levar a cabo essa reconstrução. Por isso podemos afirmar, por um lado, que a Ressurreição teve lugar, mas, por outro, que ainda está para vir. Em verdade, «se estamos integrados n'Ele por uma morte idêntica à Sua, também o estaremos pela Sua Ressurreição» (Rm 6, 5) [...] e «assim, em Cristo, todos voltarão a receber a vida. Mas cada um na sua própria ordem: primeiro, Cristo; depois, aqueles que pertencem a Cristo, por ocasião da Sua vinda» (1Cor 15, 22-23).

62. «A casa encheu-se com a fragrância do perfume»

Comentário do Cântico dos Cânticos, II, 9

A esposa do Cântico dos Cânticos diz: «o meu nardo dá o seu perfume» (1,12) [...]; mas podemos ler também «o Seu perfume».

[...] A esposa aproximou-se do Esposo, ungiu-O com os seus unguentos e, surpreendentemente, foi como se o nardo não tivesse dado perfume enquanto estava nas mãos da esposa, mas o desse ao entrar em contato com o corpo do Esposo — de sorte que, segundo parece, não foi tanto Ele que recebeu o perfume do nardo, mas foi antes o nardo que o recebeu, como se viesse d'Ele. [...]

Apresentamos aqui a esposa Igreja, na pessoa de Maria: diz-se que ela trazia uma libra de nardo de alto preço e que ungiu os pés de Jesus, enxugando-os depois com os cabelos e que, de certo modo, também ela recebeu, através dos cabelos, um perfume impregnado da qualidade e do poder do corpo de Jesus. [...] Ela impregnou a cabeça com um perfume requintado que vinha mais de Cristo que do nardo e disse [com a esposa]: «O meu nardo, derramado no corpo de Cristo, deu-me em troca o Seu aroma». [...]

«A casa encheu-se com a fragrância do perfume.» Isso indica, seguramente, que a fragrância da doutrina que vem de Cristo e o agradável perfume do Espírito Santo encheram toda a casa deste mundo, ou a casa de toda a Igreja. Ou, pelo menos, encheram toda a casa através desta alma que recebeu a fragrância de Cristo, tendo-Lhe oferecido inicialmente o dom da sua fé como nardo puro, e recebendo, em retribuição, a graça do Espírito Santo e o agradável perfume da doutrina espiritual [...], para que também ela pudesse dizer: «Somos para Deus o bom odor de Cristo» (2Co 2,15). Ora, porque esse nardo foi cheio de fé e dum amor de grande valor, Jesus presta-lhe esta homenagem: «Praticou em Mim uma boa ação!» (Mc 14,6).

63. «Três dias depois, encontraram-n'O no templo»

Homilias sobre o evangelho de São Lucas, nº18; SC 87

Com doze anos, Jesus ficou em Jerusalém. Não o sabendo, Seus pais começam a procurá-Lo, inquietos, e não O encontram. Procuram «entre os parentes», procuram «entre os seus companheiros de viagem», procuram «entre os seus conhecidos», mas não O encontram. [...] O meu Jesus não quer ser encontrado no meio da multidão.

Ficai a saber onde O encontraram [...] para que também vós O possais encontrar: «Depois de muito procurar, encontraram-n'O no templo». Não num sítio qualquer, mas «no templo», e não apenas no templo mas «sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas». Procurai vós também Jesus no templo de Deus, procurai-O na Igreja, procurai-O junto dos mestres que estão nesse templo e que não saem dali. Se O procurardes desta maneira, encontrá-l'O-eis. [...]

Eles encontram-n'O «sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas». Ainda hoje Jesus está aqui; interroga-nos e ouve-nos falar. «Estavam todos estupefatos», afirma Lucas. Estupefatos com quê? Não com as Suas perguntas, que, no entanto, eram admiráveis, mas com as Suas respostas. [...] «Moisés falava, dizem as Escrituras, e Deus respondia-lhe através de uma voz» (Ex 19,19). Era assim que o Senhor ensinava a Moisés o que este ignorava. Jesus tanto pergunta como responde [...] e, por mais admiráveis que sejam as Suas perguntas, as Suas respostas ainda o são mais.

Para que também nós O possamos ouvir e para que Ele nos possa fazer perguntas a que Ele próprio responderá,

supliquemos-Lhe, façamos um esforço intenso e doloroso por procurá-Lo, e poderemos encontrar Aquele que procuramos. Não é em vão que está escrito nas Escrituras: «O Teu pai e eu andávamos aflitos à Tua procura». De facto, é preciso que aquele que procura Jesus não o faça com negligência e moleza, de uma maneira intermitente, como fazem alguns [...] que por esse motivo não O encontram. Nós dizemos: «Procuramos-Te com esforço».

64. «Vi o Espírito que descia do céu como uma pomba e permanecia sobre Ele»

Homilias sobre Isaías, n.º 3, 1-2

Jesus é Aquele que «saiu do tronco de Jessé» segundo a carne, o «nascido da descendência de Davi segundo a carne», e também «estabelecido no Seu poder de Filho de Deus segundo o Espírito que santifica» (*Is 11,1*; *Rom 1:3-4*). Sim, Ele é «o ramo saído do tronco de Jessé», mas não é um ramo, Ele que é «o primogênito de toda a criação» (*Col 1,15*); Ele não é apenas um ramo, Ele que é Deus e «o Verbo [que] estava com Deus, e o Verbo [que] era Deus» (*Jó 1,1*), mas Aquele que nasceu segundo a carne é uma vara saída do tronco de Jessé, e um rebento que brotou das suas raízes. [...]

«Sobre ele repousará o Espírito do Senhor: Espírito de sabedoria e de entendimento» (*Is.11,2*). O Espírito de sabedoria não repousou sobre Moisés, o Espírito de sabedoria não repousou sobre Josué, o Espírito de sabedoria não repousou sobre nenhum dos profetas, nem sobre Isaías, nem sobre Jeremias. [...] Ele veio sobre Moisés, mas depois desta visita do Espírito de sabedoria, Moisés perdeu a fé: «Ouvi, rebeldes» disse, «acaso faremos nós brotar água deste rochedo?» (*Nm 20,10*) Ele veio sobre todos os justos. Ele veio sobre Isaías, mas o que disse este último? «Sou um

homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros» (Is. 6,5). [...] O Espírito pode muito bem vir sobre qualquer homem, mas não pode permanecer, porque todo o homem peca e não há nenhum justo sobre a terra que faça o bem sem nunca cair. «Ninguém está limpo de sujidade» (Jb 14,4). [...] Se o Espírito veio sobre muitos, não repousou sobre nenhum deles. Diz a Escritura: «O Meu Espírito, diz o Senhor, não permanecerá indefinidamente no homem» (Gn 6,3). [...]

João Batista viu um homem, um só, sobre o qual o Espírito pousava, e era o sinal que Deus lhe havia dado: «Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer, esse é o Filho de Deus».

65. «Então, verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens com grande poder e glória»

Homilias sobre o Livro de Josué, 16, 3

«[O Senhor disse a Josué:] Há ainda muita terra por conquistar» (Js 13,1). [...] Considerai a primeira vinda de Nosso Senhor, o Salvador, quando veio semear a Palavra a este mundo; pela simples força da Sua sementeira, apoderou-Se de toda a terra, pondo em fuga as potências adversas e os anjos rebeldes que dominavam o espírito das nações, ao mesmo tempo em que semeava a Sua Palavra e expandia a Sua Igreja. Assim foi a Sua primeira tomada de posse de toda a terra.

Segui-me agora [...] pelas veredas subtis da Escritura e mostrar-vos-ei em que consiste a segunda conquista de uma terra da qual foi dito a Josué/Jesus que restava ainda grande parte. Escutai as palavras de Paulo: «É necessário que Ele reine até que tenha feito de todos os inimigos um estrado para os seus

pés» (1Cor 15,25; Sl 109 [110], 1). Essa é a terra da qual restava grande parte até que todos fossem submetidos a Seus pés e desse modo Ele tomasse para Si todos os povos como herança. [...] Naquilo que a nós agora diz respeito, vemos que muitas coisas que «restaram» não estão ainda submetidas aos pés de Jesus; ora, é preciso que Ele entre na posse de todas, uma vez que não poderá haver fim do mundo sem que tudo Lhe tenha sido submetido. Assim diz o Profeta: «Todas as nações Lhe serão submetidas, das extremidades dos rios até às extremidades da terra, e diante d'Ele se prostrarão os etíopes» (Sl 71 [72], 8-9, LXX) e «Do outro lado dos rios da Etiópia hão de trazer-Lhe ofertas» (Sf 3,10).

Daqui resulta que, na Sua segunda vinda, Jesus dominará esta terra da qual muito resta por possuir. Mas bem-aventurados aqueles que tiverem sido Seus súbditos desde a primeira, pois serão verdadeiramente cumulados de favores, malgrado a resistência de tantos inimigos e os ataques de tantos adversários. Receberão [...] a sua parte da Terra Prometida. Mas, assim que pela força for conseguida a submissão, no dia em que necessariamente for destruído o último inimigo que é a morte (1Cor 15,26), não haverá quaisquer favores para aqueles que recusarem se submeter-Lhe.

66. «Limpa antes o interior do copo»: preparar um caminho no nosso coração»

Homilias sobre o Evangelho de Lucas,

Lemos estas palavras do profeta Isaías: «Uma voz grita: Preparai no deserto um caminho para o Senhor, aplanai na estepe uma estrada» (40,3). O Senhor quer encontrar em vós um caminho por onde possa entrar no vosso coração e aí caminhar. Preparai-Lhe esse caminho; aplanai essa estrada. [...] Que caminho iremos

nós preparar para o Senhor? Será um caminho material? Mas poderá a palavra de Deus tomar um caminho desses? Não será antes preciso preparar para o Senhor um caminho interior e traçar no nosso coração estradas retas e unidas? Sim, eis o caminho por onde a Palavra de Deus poderá entrar, para se instalar no coração humano capaz de a acolher.

Como é grande o coração do homem! Que largura e que capacidade, desde que seja puro! Queres conhecer a sua grandeza e a sua largura? Repara na extensão dos conhecimentos divinos que ele contém. O próprio coração o diz: «Foi Ele Quem me deu a verdadeira ciência de todas as coisas a fim de conhecer a constituição do universo e a força dos elementos, o princípio, o fim e o meio dos tempos, a sucessão dos solstícios e as mudanças das estações, os ciclos dos anos e a posição dos astros, a natureza dos animais mansos e os instintos dos animais ferozes, a força dos espíritos e os pensamentos dos homens, a variedade das plantas e as propriedades das raízes» (*Sab 7,17-20*). Como podes ver, não é pequeno o coração do homem que abarca tantas coisas. [...]

Ora, se ele não é pequeno e se consegue captar tantas coisas, podemos preparar nele um caminho para o Senhor, e traçar uma estrada a direito, onde caminhará a Palavra e a Sabedoria de Deus (*1Cor 1,24*). Prepara um caminho para o Senhor através de uma boa consciência, aplanar a estrada para que o Verbo de Deus caminhe em ti sem obstáculos e te dê o conhecimento dos seus mistérios e da sua vinda.

67. «Aquela linguagem estava-lhes velada»

Tratado dos princípios, II, 6, 2; PG II, 210

De entre todas as grandes coisas e maravilhas que se pode dizer sobre Cristo, há uma que ultrapassa totalmente a admiração de que o espírito humano é capaz; a fragilidade da nossa inteligência mortal não consegue compreendê-la nem a imaginar. É o facto de a onnipotência da majestade divina, o próprio Verbo do Pai (Jo 1,1), a própria Sabedoria de Deus (1Cor 1,24), na qual todas as coisas foram criadas — as visíveis e as invisíveis (Jo 1,3; Col 1,16) — Se ter deixado conter nos limites deste homem que Se manifestou na Judeia. É este o objeto da nossa fé. E há mais: acreditamos que a Sabedoria de Deus entrou no seio de uma mulher e nasceu por entre os vagidos e os choros comuns a todos os recém-nascidos. E aprendemos que, depois, Cristo conheceu a perturbação perante a morte a ponto de exclamar: «A minha alma está numa tristeza de morte» (Mt 26,38), e que foi arrastado para uma morte vergonhosa entre os homens, embora saibamos que ressuscitou ao terceiro dia. [...]

Na verdade, fazer com que os ouvidos humanos entendam estas coisas, tentar exprimi-las por palavras, ultrapassa a linguagem dos homens [...] e provavelmente a dos anjos.

68. «Ele falava do templo que é o seu Corpo»

Comentário sobre São João 10,20

«Destruí este templo e em três dias Eu o levantarei!» [...] Tanto um como outro, tanto o templo como o corpo de Jesus, são, a meu ver, símbolos da Igreja. [...] O templo será restaurado e o

corpo ressuscitará ao terceiro dia. [...] Porque ao terceiro dia surgirá um novo céu e uma nova terra (2Ped 3,13), quando os ossos ressequidos, quer dizer, toda a casa de Israel (Ez 37,11), voltarem a ser revestidos no grande dia do Senhor, e a morte for vencida. [...]

Da mesma maneira que o corpo de Jesus, sujeito à condição humana vulnerável, foi pregado na cruz e sepultado, e depois foi novamente erguido, assim também o corpo total dos fiéis foi «crucificado com Cristo» e agora «já não é ele que vive» (Gal 2,19). Com efeito, tal como Paulo, nenhum dos fiéis se gloria de nada senão da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, que fez de cada um deles um crucificado para o mundo e do mundo um crucificado para ele (Gl 6,14). [...] «Porque nós fomos sepultados com Cristo» diz Paulo; e acrescenta, como se tivesse recebido um penhor de ressurreição: «Ressuscitaremos com Ele» (Rm 6,4-9). Todos nós temos, pois, uma vida nova, mas que ainda não é a ressurreição bem-aventurada e perfeita. [...] Quem é hoje sepultado, um dia ressuscitará.

69. «Tem na mão a pá de joeirar»

Homilias sobre S. Lucas, 26, 3-5

O batismo pelo qual Jesus batiza é «no Espírito Santo e no fogo». Se fores santo, serás batizado no Espírito Santo; se fores pecador, serás mergulhado no fogo. O mesmo batismo tornar-se-á condenação e fogo para os pecadores indignos; mas os santos, aqueles que se convertem ao Senhor com fé verdadeira, receberão a graça do Espírito Santo e a salvação. Portanto, aquele de quem se diz que batiza «no Espírito Santo e no fogo» «tem na mão a pá de joeirar e vai limpar a sua eira e malhar o trigo; guardará o grão no celeiro; quanto à palha, queimá-la-á no fogo que não se extingue». Gostaria de descobrir por que motivo nosso Senhor

tem na mão a pá de joeirar e com que sopra vai a palha, que é leve, ser transportada para aqui e para ali, enquanto o trigo, que é mais pesado, se acumula num único lugar, uma vez que, se o vento não soprar, não se pode separar o trigo da palha. Creio que pelo vento se devem entender as tentações que, na multidão dos crentes, revelam que uns são palha e outros são trigo. Porque, quando a vossa alma foi dominada por uma tentação, não foi a tentação que a transformou em palha, mas é porque éreis já palha, quer dizer, homens levianos e sem fé, que a tentação revelou a vossa verdadeira natureza. Em contrapartida, quando enfrentais corajosamente as tentações, não é a tentação que vos torna fiéis e constantes; ela revela apenas as virtudes de constância e de coragem que estavam em vós, mas de uma forma escondida. [...] «Afligi-te e fiz-te sentir fome para manifestar o que tinhas no coração» (Dt 8,3-5).

70. «O grão de trigo caído na terra»

Comentário a São João, livro 20, cap. 6; PG 14, 600-601

«*Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto*» (Jo 12,24).

Cristo Se compara ao grão de trigo lançado à terra: sozinho, permanece sem fruto; mas, quando morre, fecunda a terra e multiplica-se em abundância. Assim também Ele, se tivesse recusado a paixão, teria permanecido só, não tendo atraído ninguém à salvação. Mas, aceitando a morte, tornou-Se o princípio de uma multidão incontável de fiéis.

O mistério da cruz é, portanto, o mistério da fecundidade. Pela morte voluntária, Cristo abre para todos a possibilidade da

vida. Ele é o grão de trigo que, ao morrer, nos deu o pão da imortalidade.

«Quem ama a sua vida, perdê-la-á; quem odeia a sua vida neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna» (Jo 12,25). O Senhor mostra que não apenas Ele, mas também os que O seguem, devem trilhar esse mesmo caminho de renúncia. Amar a vida presente acima da eterna é perder-se; mas renunciar a si mesmo por amor de Cristo é encontrar a verdadeira vida.

A cruz torna-se, assim, o critério do discipulado. Quem serve a Cristo deve segui-Lo no mesmo caminho de entrega, porque «onde Eu estiver, ali também estará o meu servo» (Jo 12,26). E essa promessa culmina na recompensa suprema: «se alguém Me serve, o Pai o honrará».

71. «Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão»

De oratione (Sobre a Oração). Capítulos 8–10, especialmente no comentário à necessidade de rezar com “disposição reta” (ὁρθὴ διάθεσις), em ligação a 1Tm 2,8.

Ninguém poderá o que quer que seja através da oração se não rezar com boas disposições e com uma fé reta. [...] Não se trata de falar muito [...]; trata-se de não ir rezar com uma alma perturbada por ressentimentos. Não se imagina que alguém vá à oração sem preparar o seu coração; também não se imagina que aquele que reza possa obter o perdão dos seus pecados se não tiver primeiro perdoado de todo o coração a um irmão que lhe pede perdão. [...]

Portanto, em primeiro lugar, aquele que se dispõe a rezar terá grande vantagem em adotar uma atitude que o ajude a pôr-

se em presença de Deus e a falar-Lhe como a alguém que o vê e lhe está presente. Certas imagens e recordações de acontecimentos passados ocupam o espírito que se deixa invadir por elas; por isso, é útil recordar que Deus está ali e conhece os movimentos mais secretos da nossa alma. Desse modo, ela dispõe-se a agradar Àquele que está presente, que a vê e antecipa todos os seus pensamentos, Àquele que perscruta os corações e sonda os rins (Sl 7,10). [...]

Como dizem as Sagradas Escrituras, é preciso que quem reza eleve as mãos puras, perdoe a cada um dos que o ofenderam, rejeite tudo o que perturba a sua alma e não se irrite contra ninguém. [...] E quem pode duvidar de que este estado de alma seja o mais favorável? Paulo ensina-o quando diz na sua primeira carta a Timóteo: «Quero que os homens rezem em todo o lugar, elevando as mãos puras, sem ressentimento nem contestação» (2,8).

72. «Tudo quanto pedirdes em meu nome, Eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.»

Tratado Περὶ εὐχῆς (De oratione / Sobre a Oração),
capítulos 31–33.

Parece-me que quem se dispõe a orar deverá recolher-se e procurar preparar-se, para conseguir estar mais atento e concentrado durante a oração. Deve também afastar do seu pensamento a ansiedade e a perturbação, e esforçar-se por recordar a grandeza de Deus, de quem se aproxima, considerando que será ímpio apresentar-se na sua presença sem a necessária atenção, sem algum esforço, mas com uma espécie de ligeireza;

deve, enfim, rejeitar pensamentos excêntricos. Ao começar a oração, devemos, digamos assim, apresentar a alma antes das mãos, erguer a Deus o espírito antes dos olhos, libertar o espírito da terra antes de o elevarmos para o oferecer ao Senhor do universo, enfim, depor quaisquer ressentimentos por ofensas que creiamos ter sofrido, se de facto desejamos que Deus esqueça o mal que cometemos contra Ele, contra os nossos semelhantes, ou contra a boa razão. Dado que podem ser muitas as atitudes do corpo, o gesto de erguer as mãos e os olhos aos céus deve claramente ser preferido a todos os outros, para assim exprimirmos no corpo a imagem das disposições da alma durante a oração [...], mas as circunstâncias podem por vezes levar-nos a rezar sentados [...] ou mesmo deitados [...]. Por seu turno, a oração de joelhos torna-se necessária sempre que acusamos os nossos pecados diante de Deus, e Lhe suplicamos que deles nos cure e nos absolva. Essa atitude é o símbolo da humilhação e da submissão de que fala Paulo, quando escreve: «É por isso que eu dobro os joelhos diante do Pai, do qual recebe o nome toda a paternidade nos céus e na terra» (Ef 3,14-15). Trata-se da genuflexão espiritual, assim chamada porque todas as criaturas adoram a Deus no nome de Jesus a Ele se submetem humildemente. O apóstolo Paulo parece fazer uma alusão a isso quando diz: «Para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra» (Fil 2,10).

73. «Caminhai enquanto tendes luz, para que as trevas não vos envolvam» (Jo 12,35)»

Homilia sobre Josué 11,3-4

Quando o Senhor veio, era já o fim do mundo. Aliás, Ele mesmo o dizia, situando-Se no fim dos tempos: «Convertei-vos,

porque o Reino dos Céus está muito próximo» (Mt 4,17). Mas reteve e atrasou o dia da consumação; proibiu-o de aparecer. Porque Deus Pai, vendo que a salvação dos povos só pode vir por Jesus, disse-Lhe: «Pede-Me, e dar-Te-ei as nações como herança e o teu poder estender-se-á até os confins da terra» (Sl 2,8). Portanto, até ao cumprimento desta promessa do Pai, até que as Igrejas se acrescentem com as diversas nações e que nelas entre toda «a plenitude dos pagãos» para que, por fim, «todo Israel seja salvo» (Rom 11,25), esse dia é dilatado, o fim do dia é diferido. O «Sol de justiça» (Mal 3,20) não se põe, mas continua a derramar a luz da verdade no coração dos que creem.

Mas quando a medida dos crentes estiver repleta e quando chegar a época degenerada e corrupta da última geração em que, «por causa da amplidão do mal, a caridade de muitos homens arrefecerá» (Mt 24,12) [...], então «os dias serão abreviados» (Mt 24,22). Sim, o mesmo Senhor sabe prolongar a duração dos dias quando é o tempo da salvação e abreviar a duração do momento da tribulação e da perdição. [...] Quanto a nós, enquanto o dia durar e para nós se prolongar o tempo da luz, «caminheemos honestamente em pleno dia» (Rom 13,13) e pratiquemos as obras da luz.

74. «Será cheio do Espírito Santo desde o seio materno»

Homilias sobre S. Lucas, n.º 4

O nascimento de João é cheio de milagres. Um arcanjo anunciou a vinda do nosso Senhor e Salvador; também um arcanjo anuncia o nascimento de João. «Será cheio do Espírito Santo desde o seio materno». O povo não reconheceu nosso Senhor, que realizava milagres e prodígios e curava as suas

doenças, mas João, ainda no seio materno, exulta de alegria à chegada da Mãe de Jesus, sem que seja possível reprimi-lo: «Desde o instante em que a tua saudação chegou aos meus ouvidos», diz Isabel, «o menino estremeceu de alegria no meu seio» (*Lc 1,44*). Ainda no seio de sua mãe, João tinha já recebido o Espírito Santo. [...]

A Escritura diz depois que ele «reconduzirá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus». João trouxe de volta «muitos»; o Senhor não trouxe muitos, trouxe todos. Na verdade, a sua obra era conduzir o mundo inteiro para o Pai.

«Irà à frente do Senhor, com o espírito e o poder de Elias». [...] Tal como nos outros profetas, Elias tinha poder e tinha o Espírito. [...] O Espírito que tinha repousado sobre Elias veio sobre João e nele apareceu o poder que habitava Elias. Um foi transportado ao céu (*2Rs 2,11*), o outro foi o precursor do Senhor e morreu antes dele, para descer à mansão dos mortos a anunciar a sua vinda.

75. «Tu és verdadeiramente o Filho de Deus»

Comentário ao Evangelho de Mateus, 11, 6

Quando tivermos suportado as longas horas da noite escura que domina os momentos de prova, quando tivermos feito o melhor que sabemos, [...] tenhamos a certeza de que, para o fim da noite, quando «a noite vai adiantada, e o dia está próximo» (*Rom 13, 12*), o Filho de Deus virá até junto de nós, caminhando sobre as ondas. Quando O virmos aparecer assim, ficaremos perturbados, até compreendermos claramente que é o Salvador que vem ao nosso encontro. Pensando ainda que vemos um fantasma,

gritaremos de medo, mas Ele dir-nos-á imediatamente: «Tende confiança, sou Eu, não temais.»

Talvez essas palavras de conforto façam surgir em nós um Pedro a caminho da perfeição, que desça da barca, seguro de ter escapado à prova que o abalava. Inicialmente, o seu desejo de se aproximar de Jesus permitir-lhe-á andar sobre as águas. Mas, tendo ele uma fé ainda pouco segura, estando ainda cheio de dúvidas, aperceber-se-á da «força do vento», terá medo e começará a afundar-se. Escapará, porém, a tal infortúnio, apelando para Jesus com um forte brado: «Senhor, salva-me!» E, mal este Pedro acabe de dizer «Senhor, Salva-me!», já o Verbo terá estendido a mão para o socorrer, agarrando-o quando ele começava a afundar-se, censurando-lhe a falta de fé e as dúvidas. Notemos, porém, que Ele não diz: «Incrédulo!», mas antes: «Homem de pouca fé!», e acrescenta: «Porque duvidaste?», ou seja: «Tinhas alguma fé, mas deixaste-te levar na direção contrária.» E Jesus e Pedro voltarão a entrar para a barca, o vento acalmar-se-á e os outros discípulos, compreendendo os perigos a que escaparam, adorarão a Jesus dizendo: «Tu és verdadeiramente o Filho de Deus» – palavras que só os discípulos próximos de Jesus, os que se encontravam na barca, podiam proferir.

76. «Os seus exércitos, servidores dos seus desejos» (Sl 102,21)»

Homilias sobre Ezequiel I, 7

Os anjos descem para aqueles que vão ser salvos. «Os anjos subiam e desciam por cima do Filho do homem» (Jo 1,51) e «aproximaram-se dele e O serviam» (Mt 4,11). Ora, os anjos descem porque Cristo desceu primeiro; recebiam descer antes que o Senhor dos exércitos celestes e de todas as coisas (Col 1,16) lho

tivesse ordenado. Mas, quando viram o Príncipe do exército celeste habitar na Terra, então, por esse caminho que tinha sido aberto, saíram atrás do seu Senhor, obedecendo à vontade daquele que os estabeleceu como guardiães dos que acreditam no seu nome. Ontem, estavas sob a dependência do demônio; hoje, estás sob a dependência de um anjo. «Não desprezeis um só destes pequeninos», diz o Senhor, pois «Eu vos digo que os seus Anjos veem constantemente o rosto de meu Pai que está nos Céus.» Os anjos dedicam-se à tua salvação, declararam-se ao serviço do Filho de Deus e dizem entre si: «Se Ele desceu num corpo, se Se revestiu de carne mortal, se suportou a cruz, se morreu por todos os homens, como havemos nós de repousar, como havemos de nos poupar? Vamos, desçamos também do Céu!» Foi por isso que, quando Cristo nasceu, havia «uma multidão do exército celeste louvando e glorificando a Deus» (Lc 2,13).

77. «Então vai e faz o mesmo.»

Comentário sobre o Cântico dos cânticos, prólogo 2,
26–31

Está escrito: «Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus» (1Jo 4,7); e mais adiante: «Deus é amor» (8). Deste modo se diz, por um lado, que o próprio Deus é amor, e por outro, que aquele que é de Deus é amor. Ora, quem é de Deus senão aquele que disse: «Saí de Deus e vim a este mundo»? (Jo 16,28). Se Deus Pai é amor, também o Filho é amor [...]; o Pai e o Filho são um só e em nada diferem. Eis a razão por que Cristo é chamado, para além de Sabedoria, Poder, Justiça, Verbo e Verdade, também Amor. [...]

E, porque Deus é amor e o Filho que é de Deus é amor, Ele exige que haja em nós algo semelhante a Ele, de tal maneira que,

por este amor, por esta caridade que está em Cristo Jesus [...], sejamos unidos a Ele por uma espécie de parentesco, graças a este nome. Como dizia S. Paulo, que estava unido a Ele: «Quem nos separará do amor de Deus, que está em Cristo Jesus Nosso Senhor?» (Rom 8,39).

Ora, este amor de caridade considera que todo o homem é o nosso próximo. Foi por essa razão que o Salvador repreendeu um homem que estava convencido de que a alma justa não estava obrigada a aplicar a todos a lei do amor ao próximo. [...] E compôs a parábola do «homem [que] descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores». Depois censura o sacerdote e o levita, que, vendo-o meio morto, passaram adiante, mas presta homenagem ao samaritano, que teve misericórdia para com ele. E confirma que este último foi o próximo do homem ferido, dizendo àquele que Lhe tinha feito a pergunta: «Então vai e faz o mesmo». Com efeito, por natureza, nós somos todos o próximo uns dos outros; mas, pelas obras de caridade, aquele que pode fazer bem torna-se próximo daquele que não pode fazê-lo. Foi por isso que o nosso Salvador Se fez nosso próximo, e não passou adiante quando estávamos «meio mortos» em consequência dos ferimentos infligidos pelos «salteadores».

78. «A fim de reconheceres a solidez da doutrina em que foste instruído» (Lc 1,4)»

Homilias sobre São Lucas, n.º 1,1-2

«Visto que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, [...] resolvi eu também, depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem, expô-los a ti por escrito e pela sua ordem, caríssimo Teófilo, a fim

de reconheceres a solidez da doutrina em que foste instruído» (Lc 1, 1-4).

Antigamente, entre os judeus, um grande número de pessoas presumia ter o dom da profecia, mas alguns eram falsos profetas. [...] O mesmo se passou no tempo no Novo Testamento, em que muitos «empreenderam» escrever evangelhos, mas nem todos foram aceites. [...] A palavra «empreenderam» contém uma acusação velada contra aqueles que, sem terem a graça do Espírito Santo, se lançaram na redação de evangelhos. Mateus, Marcos, João e Lucas não «empreenderam» escrever, mas, cheios do Espírito Santo, escreveram efetivamente os verdadeiros Evangelhos. [...]

A Igreja tem, pois, quatro evangelhos; os hereges têm-nos em grande número. [...] «Muitos empreenderam compor uma narração», mas apenas quatro evangelhos foram aprovados; e é desses que devemos retirar, para trazer à luz, aquilo em que é necessário crer sobre a pessoa do Nosso Senhor e Salvador. Sei que existe um evangelho a que chamam «segundo S. Tomé», outro «segundo Matias» e lemos ainda outros tantos para não fazermos figura de ignorantes diante daqueles que imaginam saber alguma coisa porque conhecem esses textos. Mas, em tudo isso, só aprovamos aquilo que a Igreja aprova: admitimos apenas quatro evangelhos. É isto que podemos dizer sobre o texto do prólogo de S. Lucas: «Muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram».

79. «A palavra dos apóstolos Simão e Judas ressoou por toda a terra»

Contra Celso, I, 62

Se Jesus tivesse escolhido para ministros dos seus ensinamentos homens sábios segundo a opinião pública, capazes de compreender e de exprimir ideias caras à multidão, poderiam tê-lo acusado de pregar segundo o método dos filósofos de escola, e o carácter divino da sua doutrina não se teria mostrado com toda a sua evidência. A sua doutrina e a sua pregação teriam consistido «em sabedoria de palavras» (1Cor 1,17) [...]; e a nossa fé, semelhante àquela com que se adere às doutrinas dos filósofos deste mundo, assentaria na sabedoria dos homens e não no poder de Deus (cf 1Cor 2,5). Mas, quando vemos pescadores e publicanos sem instrução terem a ousadia de discutir com os judeus a fé em Jesus Cristo, de a pregar ao resto do mundo, e de conseguir lá chegar, não podemos deixar de procurar a origem deste poder de persuasão. Como não podemos deixar de confessar que Jesus cumpriu a sua palavra – «Vinde após Mim e Eu farei de vós pescadores de homens» (Mt 4,19) – nos seus apóstolos por meio de um poder divino.

Também Paulo manifesta este poder quando escreve: «A minha palavra e a minha pregação não consistiram em discursos persuasivos da sabedoria humana, mas na manifestação do Espírito e do poder divino» (1Cor 2,4) [...]. O mesmo haviam já dito os profetas, quando anunciaram a pregação do Evangelho: «O Senhor dá a palavra e os anunciadores da Boa Nova são uma multidão», a fim de que «rápida corra a sua palavra» (Sl 67, 12; 147, 4). E, de facto, vemos que «a voz» dos apóstolos de Jesus ressoa «por toda a terra, até aos confins do universo a sua palavra» (Sl 18, 5; Rom 10, 18). É por este motivo que aqueles que escutam a palavra

de Deus poderosamente enunciada se enchem de poder, manifestando-o pela sua conduta e pela sua luta em prol da verdade até à morte.

80. «Ao ver a cidade, [Jesus] chorou sobre ela»

Homilia 38 sobre Lucas

Quando se aproximou de Jerusalém e a viu, o nosso Senhor e Salvador chorou sobre ela: «Se ao menos hoje conhecesses o que te pode dar a paz! Mas não. Está escondido a teus olhos. Dias virão para ti, em que os teus inimigos te rodearão de trincheiras» [...]. Alguém poderá dizer: «O sentido destas palavras é claro; com efeito, elas realizaram-se a propósito de Jerusalém: o exército romano cercou-a e devastou-a até à exterminação e virá o tempo em que dela não restará pedra sobre pedra.» Não o nego, Jerusalém foi destruída por causa da sua cegueira, mas pergunto: aquele choro não diria respeito à nossa própria Jerusalém? Porque nós somos a Jerusalém sobre a qual Jesus chorou, nós que estamos convencidos de ter um olhar tão penetrante. Se, depois de ter sido instruído nos mistérios da verdade, depois de ter recebido a palavra do Evangelho e o ensinamento da Igreja [...], um de nós peca, esse provocará lamentações e choros; e não se chora sobre um pagão, mas sobre aquele que, depois de ter feito parte de Jerusalém, dela saiu. Sobre a nossa Jerusalém derramam-se lágrimas porque, em razão dos seus pecados, os inimigos vão rodeá-la, quer dizer, as forças adversas, os espíritos maus elevarão à sua volta uma barricada, sitiá-la-ão e «não deixarão [...] pedra sobre pedra». [...]. Eis pois a Jerusalém sobre a qual se derramam lágrimas.

81. «Fundado sobre a rocha, que é Cristo»

Homilias sobre S. Lucas

Quando enfrentais corajosamente as tentações, não é a tentação que vos torna fiéis e constantes; ela apenas revela as virtudes de constância e coragem que já existiam em vós, mas escondidas. «Pensas», diz o Senhor, «que Eu tinha outro objetivo, ao falar assim, do que tornar visível a tua justiça?» (*Job* 40,3 LXX) E diz noutro lugar: «Afligi-te e fiz-te sentir fome para manifestar aquilo que tinhas no coração» (*Dt* 8,3-5).

Da mesma maneira, a tempestade não torna sólido o edifício construído sobre areia. Se queres construir, que seja sobre rocha. Então, quando a tempestade se levantar, não derrubará o que estiver fundado sobre rocha; mas ao que vacila na areia mostra imediatamente que as suas fundações não valem nada. Por isso, antes que se levante a tempestade, que se soltem as rajadas de vento, que transbordem as torrentes, enquanto tudo permanece ainda em silêncio, voltemos toda a nossa atenção para as fundações do edifício, construamos a nossa casa com as rochas variadas e sólidas dos mandamentos de Deus. E, quando se desencadear a perseguição e uma torrente cruel se elevar contra os cristãos, poderemos mostrar que o nosso edifício está fundado sobre a rocha, que é Jesus Cristo (*1Cor* 3,11).

82. «Grande aos olhos do Senhor»

Homilia IV sobre S. Lucas

Zacarias ficou perturbado ao ver o anjo. De facto, quando uma figura desconhecida se oferece aos olhares humanos,

perturba a inteligência e deixa o coração atemorizado. Por isso, o anjo, sabendo o que é a natureza humana, traz-lhe remédio para tal perturbação, dizendo-lhe: «Não temas, Zacarias». Reconforta-lhe a alma assustada e enche-a de alegria com esta mensagem: «A tua súplica foi atendida. Isabel, tua esposa, dar-te-á um filho, ao qual porás o nome de João. Será para ti motivo de grande alegria». Quando um justo vem ao mundo, os que são responsáveis pelo seu nascimento regozijam-se. [...] Ainda hoje o nascimento de João constitui para todo o mundo anúncio de uma alegre notícia. Quem [...] consente em ter filhos e em assumir essa responsabilidade deve suplicar a Deus que o seu filho seja capaz de fazer uma entrada semelhante no mundo, e este nascimento também será para ele motivo de grande alegria. Está escrito acerca de João que ele «será grande aos olhos do Senhor». Estas palavras revelam a grandeza de alma de João, a grandeza que aparece aos olhos de Deus. Mas há também uma certa pequenez na alma; pelo menos é assim que eu compreendo esta passagem do Evangelho: «Não desprezeis nenhum destes pequeninos» (Mt 18,10). Não me pedem para não desprezar aquele que é grande, porque aquele que é grande não pode ser desprezado; mas dizem-me: «Não desprezeis nenhum destes pequeninos». [...] «Pequenino» e «pequeno» não são palavras usadas por acaso.

83. «Se eu, ao menos, tocar nas suas vestes, ficarei curada.»

Homilias sobre o Levítico, n.º 4

A propósito do oferecimento dos primeiros frutos da terra, a Lei dizia: «Tudo o que nele tocar tornar-se-á santo» (Lv 6, 11). Cristo imolado é o sacrifício único e perfeito, simbolizado e prefigurado por todos os sacrifícios da Antiga Lei. Aquele que toca

a carne deste sacrifício fica imediatamente santificado; se estiver impuro, fica purificado; se estiver ferido, o ferimento é curado. Foi o que compreendeu a mulher que sofria de um fluxo de sangue. [...] Porque compreendeu que estava verdadeiramente em presença da carne do Santo dos Santos, aproximou-se. Não se atreveu a tocar na própria carne, porque ainda não tinha compreendido o que é a perfeição; mas tocou nas franjas das vestes que tocavam naquela carne santíssima. E, porque lhes tocou com fé, saiu uma força da humanidade de Cristo, que a purificou da sua impureza e a curou da sua maldade. [...]

Parece-me, pois, que este texto da Lei deve ser entendido da seguinte maneira: se alguém tocar na carne de Jesus com as disposições que referimos, se, cheio de fé e de obediência, se aproximar de Jesus como do Verbo encarnado, esse toca a verdadeira carne do sacrifício e é santificado.

84. «Quem não junta comigo dispersa»

Homilias sobre Josué, n.º 15

Na guerra contra os moabitas e os amonitas, Josué [que tem o mesmo nome que Jesus] «matou todos os seus reis ao fio da espada» (*Js* 11,12). Nós estávamos todos «sob o reino do pecado» (*Rom* 6,12); todos nós estávamos sujeitos ao reinado das más paixões. [...] Em cada um de nós, no entanto, havia um rei particular que nele reinava e o dominava. Num era a avareza que ocupava o reino, noutro era o orgulho, noutro ainda, a mentira; um estava dominado pelos desejos carnaís, outro vivia sob o reino da cólera. [...] Havia, pois, em cada um de nós, um reino de pecado antes de termos fé.

Mas logo que Jesus veio, matou todos os reis que detinham em nós os reinos do pecado, ensinou-nos a matá-los todos e a não deixar escapar nenhum. Se mantivermos vivo um deles que seja, não poderemos pertencer ao exército de Jesus. [...] É que o Senhor Jesus nos purificou de toda a espécie de pecado; destruiu-os a todos. Com efeito, «todos nós éramos insensatos, rebeldes, extraviados, escravos de uma série de cobiças, vivendo na malícia e no desejo, execráveis, odiando-nos uns aos outros» (Tt 3,3), com todo o gênero de pecados que se encontram nos homens antes de crerem. Há razão para dizer que Jesus matou todos os que saíram para fazer a guerra; pois não existe pecado tão grande que Jesus não consiga dominá-lo, Ele que é o Verbo e a «sabedoria de Deus» (1Cor 1,24). Ele triunfa sobre tudo, é vencedor de tudo.

Não acreditamos que somos limpos de todos os pecados quando vimos ao batismo? É o que diz o apóstolo Paulo, que, depois de ter enumerado toda a espécie de pecados, acrescenta: «eis o que éreis, mas fostes lavados, fostes santificados, fostes justificados, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo» (1Cor 6,11).

85. «Do Oriente e do Ocidente virão muitos sentar-se à mesa, com Abraão, Isaac e Jacob, no reino dos Céus»

Homilia 35 sobre Mt 8,11

«Não beberei mais deste produto da videira até ao dia em que o hei de beber de novo convosco no Reino de meu Pai» (Mt 26,29). O que escutar com os ouvidos purificados será capaz de entrever este mistério inefável [...]: o Salvador espera por nós, para conosco beber o vinho; espera por nós para Se alegrar. Até quando esperará? Até ter consumado a sua obra, até estarmos todos

submetidos a Cristo, e Cristo a seu Pai (1Cor 15,28). Dado que somos todos membros do seu Corpo, podemos dizer que, de certa maneira, Ele não estará submetido enquanto nós não estivermos submetidos com uma submissão perfeita, enquanto eu, o último dos pecadores, não estiver submetido. Mas quando Ele tiver consumado a sua obra e conduzido toda a criatura à sua realização perfeita, poderemos então dizer que «Ele foi submetido» naqueles que submeteu a seu Pai, naqueles em quem consumou a obra que o Pai lhe tinha confiado, a fim de que Deus seja tudo em todas as coisas (1Cor 15,28) [...].

Também os santos que nos precederam esperam por nós, que somos lentos e preguiçosos; a sua alegria não será perfeita enquanto houver razão para chorar pelos nossos pecados. Minha testemunha é o apóstolo, que afirma: Deus dispôs «que não chegassem sem nós à perfeição» (Hb 11,40). Repara, pois: Abraão espera! Isaac, Jacob e todos os profetas esperam por nós, a fim de possuírem conosco a beatitude perfeita [...]. Se fores santo, encontrarás a alegria ao saíres desta vida, mas essa alegria só se tornará plena quando não faltar nenhum membro ao Corpo que devemos formar todos juntos. Também tu ficarás à espera dos outros, tal como foste esperado. Ora, se tu, que és um membro, não podes ter uma alegria perfeita quando outro membro está ausente, como poderá tê-la Nosso Senhor e Salvador, que é autor e cabeça de todo o Corpo? [...] Então teremos atingido essa maturidade acerca da qual afirma o apóstolo Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal 2,20). Nessa altura, o nosso Sumo-Sacerdote beberá o vinho novo no novo Céu, na nova Terra, no homem novo, com os homens novos, com aqueles que cantam o cântico novo.

86. «O reino de Deus está no meio de vós»

Tratado sobre a oração

Tal como disse o nosso Senhor e Salvador: «O reino de Deus não vem de maneira visível, nem se dirá: "Está aqui ou ali"; porque o reino de Deus está no meio de vós». Com efeito, «está bem perto de nós, essa Palavra, está na nossa boca e no nosso coração» (Dt 30,14). Sendo assim, é evidente que aquele que reza para que venha o reino de Deus tem razão em pedir que esse reino de Deus germine, dê fruto e se realize dentro de si próprio. Em todos os santos em quem Deus reina e que obedecem às suas leis espirituais, ele habita como numa cidade bem organizada. O Pai está presente nele e Cristo reina com o Pai nessa alma perfeita, tal como Ele próprio disse: «Viremos a ele e faremos nele a nossa morada» (Jo 14,23).

Uma vez que estamos sempre a progredir, o reino de Deus que está em nós atingirá a sua perfeição quando a palavra do apóstolo Paulo se cumprir: Cristo, «depois de ter submetido» todos os seus inimigos, «deporá o seu poder real nas mãos de Deus Pai, para que Deus seja tudo em todos» (1Cor 15,28). É por isso que, rezando sem desanimar, com disposições divinizadas pelo Verbo, nós dizemos: «Pai nosso que estais nos Céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino» (Mt 6,9).

87. «A verdadeira violência que se apodera do reino dos Céus»

Homilias sobre Josué, n.º 5

Josué atravessou o Jordão para atacar a cidade de Jericó. Mas São Paulo esclarece-nos: «Nós não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas contra os principados, potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos espalhados pelos ares» (Ef 6,12). As coisas que foram escritas são imagens e símbolos. Porque Paulo diz noutra passagem: «Todas estas coisas lhes sucederam para nosso exemplo e foram escritas para nos servirem de advertência, a nós que chegamos aos fins dos tempos» (1Cor 10,11). Pois bem, se estas coisas foram escritas para nossa instrução, por que te demoras? Tal como Josué, partamos para a guerra, tomemos de assalto a mais vasta cidade do mundo, que é a maldade, e destruamos as muralhas orgulhosas do pecado.

Olhas em teu redor, para veres que caminho tomar, que campo de batalha escolher? Vais certamente espantar-te com as minhas palavras, que, no entanto, são verdadeiras: limita a procura a ti mesmo. **É em ti que se encontra o combate que debes travar, é no teu interior que está o edifício do mal e do pecado que é necessário destruir; o teu inimigo está no fundo do teu coração.** Não sou eu que o digo, é Cristo; escuta-O: «Do coração procedem os maus pensamentos, os assassínios, os adultérios, as prostituições, os roubos, os falsos testemunhos e as blasfêmias» (Mt 15,19). Tens noção do poder deste exército inimigo, que avança contra ti do fundo do teu coração? Pois esses são os teus verdadeiros inimigos.

88. «Mas tu vais guardar silêncio [...] até ao dia em que tudo isto aconteça, por não teres acreditado nas minhas palavras»

Comentário ao Evangelho de São João, 2, 193 ss.

Em nós, a voz e a palavra não são a mesma coisa, porque a voz pode fazer-se ouvir sem conferir sentido, sem palavras, e a palavra pode ser transmitida ao espírito sem voz, como acontece quando pensamos. Da mesma maneira, sendo o Salvador a Palavra [...], João difere dele por ser a voz, por analogia com Cristo, que é a Palavra. É isso que o próprio João responde àqueles que lhe perguntam quem é ele: «Eu sou a voz do que brada no deserto: "Aplanai o caminho do Senhor"» (Jo 1,23).

Talvez seja por isso, por ter duvidado do nascimento dessa voz que viria a revelar a Palavra de Deus, que Zacarias perdeu a voz, recuperando-a quando nasceu **esta voz que é o precursor da Palavra** (cf Lc 1,64). É que, para poder captar a palavra que a voz designa, o espírito tem de ouvir a voz. É também por isso que João é um pouco mais velho do que Cristo; com efeito, **ouvimos a voz antes da palavra**. João designa Cristo dessa maneira, porque **foi por uma voz que a Palavra Se manifestou**. E Cristo é batizado por João, que confessa precisar de ser batizado por Ele (Mt 3,14).[...] Em suma, quando João aponta para Cristo, é um homem que aponta para Deus, para o Salvador incorpóreo; é uma voz que aponta para a Palavra.

89. «Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se apressadamente para a montanha, em direção a uma cidade de Judá»

Comentário ao Cântico dos Cânticos, III, 11,10 s

Ei-lo que vem, saltando as montanhas!» (*Cant 2,8*). Antes de mais, Cristo dá-Se a conhecer à Igreja pela sua voz. Começou por lançar a sua voz por intermédio dos profetas: fazia-Se ouvir sem Se deixar ver. A sua voz erguia-se nas mensagens que dele davam notícia e, durante esse tempo, a Igreja-Esposa, reunida desde o princípio do mundo, apenas o ouvia. Mas um dia viu-o com os seus olhos e exclamou: «Ei-lo que vem, saltando as montanhas!» [...]

E cada alma que é impelida pelo amor ao Verbo de Deus [...] fica feliz e consolada quando sente a presença do Esposo, ela que até então se encontrava diante das difíceis palavras da Lei e dos profetas. Quando Ele Se aproxima dos seus pensamentos para a esclarecer na sua fé, a alma vê-O saltar montanhas e colinas [...], e bem pode dizer: «Ei-l'O que vem!» [...] É certo que o Esposo prometeu à Esposa, quer dizer, aos seus discípulos: «Estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo» (*Mt 28,20*). Mas também disse que Se ia embora para tomar posse do Reino (*Lc 19,12*). Então, de novo em plena noite, ergue-se o grito: «Eis o Esposo que vem» (*Mt 25,6*).

Portanto, umas vezes o Esposo está presente e ensina; outras vezes, está ausente e é desejado [...] Deste modo, quando a alma procura compreender e não consegue, para ela o Verbo de Deus está ausente. Mas quando encontra quem procura, Ele está presente e ilumina-a com a sua luz. [...] Portanto, se quisermos ver

o Verbo de Deus, o Esposo da alma, «saltando as montanhas», escutemos primeiro a sua voz e depois poderemos vê-l'O.

90. «Ninguém Lhe deitou as mãos»

Tratado dos princípios, livro 2, cap. 6, 2: PG 11, 210-211

Encontramos em Cristo características tão humanas, que não têm nada que as distinga da fraqueza que é comum a todos nós, os mortais, e ao mesmo tempo características tão divinas, que só podem pertencer à soberana natureza divina. Perante isto, a inteligência humana, que é demasiado restrita, sente uma admiração tão grande, que não sabe o que pensar nem que direção tomar: pressente Deus em Cristo, mas vê-O morrer; toma-O por homem, e eis que Ele ressuscita dos mortos com o seu espólio de vitória, após ter destruído o império da morte. Deste modo, a nossa contemplação deve ser exercida com muita reverência e temor, no sentido em que considera no mesmo Jesus a verdade das duas naturezas, evitando atribuir à inefável essência divina coisas que são indignas dela e não lhe pertencem, mas evitando também ver nos acontecimentos da história apenas aparências ilusórias.

Na verdade, fazer com que os ouvidos humanos ouçam estas coisas e tentar exprimi-las por palavras ultrapassa largamente as nossas forças, o nosso talento e a nossa linguagem. Penso mesmo que ultrapassa a medida dos apóstolos. Mais, a explicação deste mistério transcende provavelmente toda a ordem dos poderes angélicos.

91. «Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia; ele viu-o e exultou de alegria»

Homilias sobre o Gênesis, VIII, 6, 8, 9; PG 12, 206–209

«Abraão apanhou a lenha destinada ao holocausto, entregou-a ao seu filho Isaac e, levando na mão o fogo e o cutelo, seguiram os dois juntos. Isaac disse a Abraão, seu pai: [...] "Levamos fogo e lenha, mas onde está a vítima para o holocausto?" Abraão respondeu: "Deus proverá quanto à vítima para o holocausto, meu filho"» (Gn 22,6-8). Esta resposta de Abraão, que é simultaneamente exata e prudente, impressiona-me. Não sei o que foi que ele viu em espírito, porque a verdade é que não é do presente que está a falar, mas do futuro, quando diz: «Deus proverá». O filho interroga-o sobre o presente, mas Abraão responde-lhe no futuro. É que o próprio Senhor havia de prover ao cordeiro, na pessoa de Cristo. [...]

Abraão, «estendendo a mão, agarrou no cutelo, para degolar o filho». Comparemos estas palavras com as do apóstolo Paulo quando diz que Deus «nem sequer poupou o seu próprio Filho, mas O entregou por todos nós» (Rom 8,32). Vede com que magnífica generosidade Deus rivaliza com os homens: Abraão ofereceu um filho mortal, que não viria a morrer, enquanto Deus entregou à morte, pelos homens, um Filho imortal. [...]

«Erguendo Abraão os olhos, viu então um carneiro preso pelos chifres a um silvado». Cristo é o Verbo de Deus, mas «o Verbo fez-Se carne» (Jo 1,14). [...] Cristo sofre, mas sofre na sua carne; é levado à morte, mas é a carne que passa por essa morte, a carne da qual o carneiro é um símbolo. Como dizia São João: «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo» (Jo 1,29). Pelo contrário, o Verbo permaneceu na incorruptibilidade; Ele é Cristo segundo o espírito, do qual Isaac é imagem. É por isso que

é simultaneamente vítima e sumo-sacerdote; porque, segundo o espírito, oferece a vítima a seu Pai, e, segundo a carne, é Ele próprio oferecido no altar da cruz.

92. «O poder da cruz»

Comentário sobre o Evangelho de João, livro 2, cap.
30; PG 14, 764-765

A cruz de Cristo possui uma força e um mistério que ultrapassam toda a compreensão humana. À vista, não passa de suplício infame; mas para os que creem é a própria vitória de Deus sobre os poderes das trevas.

De fato, o que parecia derrota foi a maior de todas as vitórias: «ao ser elevado da terra, atrairá todos a Si» (Jo 12,32). No madeiro da cruz, Cristo desarmou os principados e potestades, expôs o adversário ao ridículo e triunfou sobre ele (cf. Col 2,15).

Não é a madeira em si que possui virtude, mas Aquele que nela foi suspenso. Nele convergem os séculos: os justos da antiga aliança encontram a sua redenção, e os que vêm depois recebem a vida nova. A cruz é, portanto, a árvore da vida, plantada no meio do mundo para que dela todos comam e vivam.

Aquele que quiser compreender a força da cruz deve contemplar não só a paixão e a morte, mas também a ressurreição e a glória que dela irradiam. Pois a cruz não é fim, mas passagem; não é fracasso, mas cumprimento.

93. «Eu sou a Ressurreição e a Vida»

Comentário ao Evangelho de João, livro 28, cap. 1-2;
PG 14, 733-736

Quando Marta lamenta diante do Senhor a morte do irmão, confessando: «Eu sei que ressuscitará na ressurreição, no último dia» (Jo 11,24), Jesus eleva sua fé a uma compreensão mais profunda, revelando: «Eu sou a Ressurreição e a Vida; quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá» (Jo 11,25).

A ressurreição não é apenas um acontecimento futuro, mas uma realidade presente na Pessoa de Cristo. Ele não diz simplesmente: *Eu darei a ressurreição*, mas *Eu sou a Ressurreição*. A vitória sobre a morte está n'Ele, e não fora d'Ele. Assim, aquele que se une a Cristo pela fé participa já, nesta vida, da promessa da vida eterna.

Ao afirmar também: «E todo o que vive e crê em Mim nunca morrerá» (Jo 11,26), o Senhor indica que a morte corporal não tem mais domínio definitivo sobre os que Nele crêem. O corpo pode adormecer, mas a alma vive em Deus, aguardando a plena manifestação da glória na ressurreição final.

Com isso, Jesus revela a plenitude do mistério pascal: Ele não apenas ressuscitará no terceiro dia, mas é a fonte mesma da vida nova. A ressurreição de Lázaro, que segue a este diálogo, torna-se sinal palpável dessa verdade: Cristo é a Ressurreição e a Vida de todos os que Nele crêem.

94. «O Bom Pastor»

Comentário ao Evangelho de João; PG 14, 169-172;
1296-1297

«*Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas*»
(Jo 10,11).

Cristo Se apresenta como o verdadeiro Pastor, não como quem apenas guia de longe, mas como Aquele que Se entrega plenamente por amor. Ele conduz, guarda e defende, oferecendo a própria vida em sacrifício pelas suas ovelhas.

O mercenário, ao contrário, busca apenas o próprio proveito. Ao ver o lobo chegar, abandona as ovelhas e foge, porque não lhe pertencem. Cristo, porém, não Se afasta diante do perigo: enfrenta o inimigo e expõe-Se à morte, para que as ovelhas tenham vida. Assim manifesta o amor sem medida — morrer para que os outros vivam.

Este cuidado pastoral tem sua raiz no conhecimento mútuo: «Eu conheço as minhas ovelhas e elas Me conhecem, assim como o Pai Me conhece e Eu conheço o Pai» (Jo 10,14-15). Trata-se de um conhecimento vital e íntimo, uma comunhão semelhante àquela que existe entre o Pai e o Filho. Na morte de Cristo, não vemos derrota, mas a expressão máxima desse amor e dessa comunhão.

Por isso, Ele acrescenta: «Tenho ainda outras ovelhas que não são deste redil; também a essas é preciso conduzir» (Jo 10,16). Já anuncia, assim, a união de todos os povos em um só rebanho, sob a guia de um único Pastor. É a catolicidade da Igreja: judeus e gentios, unidos pela voz de Cristo, que chama cada um pelo nome e os conduz às pastagens da vida eterna.

Assim, a Igreja aprende a reconhecer a Sua voz e a discernir as vozes estranhas. Ele é o único Pastor que reúne o rebanho disperso e o conduz à vida sem fim.

95. «A mulher samaritana»

Comentário sobre o Evangelho de João, livro 13, cap.
30-31; PG 14, 380-381

Quando o Senhor pede de beber à mulher samaritana, Ele mostra a humildade da sua encarnação. O Criador do universo, fatigado da viagem, senta-se junto ao poço e pede água a uma mulher. Mas, por detrás dessa sede corporal, esconde-se a sede espiritual de salvar aquela alma e, por ela, muitas outras.

O diálogo revela a pedagogia divina: primeiro, o pedido simples — «dá-Me de beber» (Jo 4,7); depois, a promessa da «água viva» (Jo 4,10), que jorra para a vida eterna. A mulher, pouco a pouco, passa do entendimento terreno ao espiritual: da água do poço à água da graça.

Quando Jesus lhe descobre a vida íntima, revelando-lhe os maridos e a verdade da sua situação, ela reconhece n'Ele um profeta. Mas o Senhor não se detém aí: Ele a conduz ao culto em espírito e em verdade, que já não se limita a um lugar, mas que se abre a todos os povos.

Por fim, o clímax: «Eu o sou, Eu que falo contigo» (Jo 4,26). Pela primeira vez, Jesus declara abertamente ser o Messias, e não a um judeu, mas a uma samaritana. E ela, deixando o cântaro — sinal da antiga busca material —, corre à cidade para anunciar a todos o Cristo. Assim, a mulher que veio buscar água torna-se fonte de evangelização, convidando outros a beberem da verdadeira Água da vida.

96. «Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?»

Homilia 7 sobre Lc 1,39-56 — a cena da Visitação.

«Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?»

Estas palavras: «Donde me é dado?» não são sinal de ignorância, como se Isabel, toda cheia do Espírito Santo, não soubesse que a Mãe do Senhor tinha ido até ela de acordo com a vontade de Deus. Eis o sentido das suas palavras: «Que fiz eu de bom? Que importância têm as minhas obras, para que a Mãe do Senhor venha ver-me? Serei uma santa? Que perfeição, que fidelidade me mereceram esta graça, a visita da Mãe do Senhor?» Pois «logo que chegou aos meus ouvidos a voz da tua saudação, o menino exultou de alegria no meu seio». Ele tinha sentido que o Senhor viera para santificar o seu servo ainda antes do seu nascimento.

Pode acontecer que os que não têm fé me chamem louco por eu acreditar nestes mistérios! [...] Porque o que é considerado loucura por esses é para mim ocasião de salvação. Na verdade, se o nascimento do Salvador não tivesse sido celeste e bem-aventurado, se não tivesse sido divino e superior à natureza humana, nunca a sua doutrina teria chegado a toda a Terra. Se no seio de Maria houvesse apenas um homem e não o Filho de Deus, como teria sido possível que nesse tempo, e ainda hoje, fosse curada toda a espécie de doenças, não só do corpo, mas também da alma? [...] Se reunirmos tudo o que se diz acerca de Jesus, podemos constatar que tudo o que foi escrito a seu respeito é considerado divino e digno de admiração, porque o seu nascimento, a sua educação, o seu poder, a sua Paixão, a sua

ressurreição não são apenas factos que ocorreram naquele tempo: eles agem em nós ainda hoje.

97. «Eles, porém, não compreendiam aquelas palavras»

Homilia 18 sobre Lc 18,34

De todas as grandes coisas e maravilhosas que se pode dizer sobre Cristo, há uma que ultrapassa totalmente a admiração de que o espírito humano é capaz; a fragilidade da nossa inteligência mortal não consegue compreendê-la nem a imaginar. É o fato de a onipotência da majestade divina, o próprio Verbo do Pai (Jo 1,1), a própria Sabedoria de Deus (1Cor 1,24), na qual todas as coisas foram criadas — as visíveis e as invisíveis (Jo 1,3; Col 1,16) — Se ter deixado conter nos limites deste homem que Se manifestou na Judeia. É este o objeto da nossa fé. E há mais: acreditamos que a Sabedoria de Deus entrou no seio de uma mulher e nasceu soltando os vagidos e os choros comuns a todos os recém-nascidos. E aprendemos que, mais tarde, Cristo conheceu a perturbação perante a morte, a ponto de exclamar: «A minha alma está numa tristeza de morte» (Mt 26,38); e que foi arrastado para uma morte vergonhosa entre os homens, embora saibamos que ao terceiro dia ressuscitou. [...] Na verdade, fazer com que os ouvidos humanos entendam estas coisas, tentar exprimi-las por palavras, ultrapassa a linguagem dos homens [...] e provavelmente a dos anjos.

98. «A arca da Igreja»

Homilias sobre o Génesis, II, 3

Tanto quanto a pequenez da minha mente me permite supor, parece-me que o dilúvio, que quase pôs fim ao mundo, é um símbolo do fim do mundo, fim que vai realmente acontecer. O próprio Senhor o declarou quando disse: «Como sucedeu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem:

Comiam e bebiam, casavam-se e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca; então veio o dilúvio, que os fez perecer a todos». Neste texto, parece que o Senhor descreve de uma única e igual forma o dilúvio que já ocorreu e o fim do mundo que anuncia para o futuro.

Portanto, outrora foi dito a Noé para fazer uma arca e se meter nela, não apenas com os seus filhos e a sua família, mas com animais de todas as espécies. Da mesma forma, na consumação dos tempos, o Pai disse ao Senhor Jesus Cristo, o nosso novo Noé, o único justo e o único perfeito (Gn 6,9), para fazer uma arca de madeira com medidas cheias de mistérios divinos (*cf* Gn 6,15). Isto é afirmado num salmo que diz: «Pede, e Eu te darei as nações por herança e os confins da terra por domínio» (Sl 2,8). E Ele construiu uma arca com abrigos de todo o tipo, para receber os diversos animais. O profeta fala dessas habitações quando escreve: «Vai, povo meu, entra nos teus quartos, fecha atrás de ti as portas. Esconde-te por alguns instantes até que a cólera passe» (Is 26,20). Há de fato uma misteriosa correspondência entre este povo que é salvo na Igreja, e todos esses seres, homens e animais, que foram salvos do dilúvio na arca.

99. «Se não tos lavar, não terás parte comigo»

Comentário sobre São João, § 32, 25-35.77-83

«Jesus, sabendo que o Pai Lhe tinha dado toda a autoridade, sabendo que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-Se da mesa». O que não estivera outrora nas mãos de Jesus - todas as coisas - é agora colocado pelo Pai nas suas mãos. David tinha dito: «Palavra do Senhor ao meu Senhor: "Senta-te à minha direita enquanto ponho os teus inimigos por escabelo dos teus pés"» (Sl 109,1). Os inimigos de Jesus faziam parte deste tudo que Ele sabia que o Pai Lhe dava. [...] Por causa daqueles que se tinham afastado de Deus, Ele afastou-Se de Deus, Ele que, por natureza, não quer sair do Pai. Mas saiu de Deus a fim de que todos quantos se afastaram de Deus regressem com Ele às suas mãos, regressem para junto de Deus, segundo o seu desígnio eterno. [...]

O que fez Jesus, lavando os pés dos discípulos? Lavando-os e enxugando-os com a toalha que tinha posto à cintura, Jesus embelezou-lhes os pés para o momento em que eles teriam de anunciar a boa nova. Então se cumpriu aquela palavra profética: «Que formosos são os pés do mensageiro que traz a boa nova!» (Is 52,7; Rom 10,15). Mas se, ao lavar os pés aos discípulos, Jesus os embelezou, muito maior é a beleza daqueles que Ele mergulha por completo no fogo do Espírito Santo (cf Mt 3,11). Os pés dos apóstolos tornaram-se belos [...] para que eles pudessem avançar pela via santa, caminhando naquele que disse «Eu sou o Caminho» (Jo 14,6). Pois só aqueles a quem Jesus lavou os pés seguem este caminho vivo que conduz ao Pai; caminho onde não há lugar para pés manchados. [...] Para seguir este caminho vivo e espiritual (Heb 10,20) [...], é preciso ter os pés lavados por Jesus, que Se despiu das suas vestes [...] a fim de tomar no seu corpo a

impureza dos pés dos apóstolos, com essa toalha que era a sua única veste, pois «ele tomou sobre si as nossas doenças» (Is 53,4).

100. «São cegos a guiarem cegos»

Homilia I sobre o Levítico; PG 12,405

Quando, nos últimos dias, o Verbo de Deus nasceu de Maria revestido de carne e Se mostrou neste mundo, aquilo que se via dele não era o que a inteligência podia discernir. Ver a sua carne era para todos, mas o conhecimento da sua divindade era dado apenas a alguns. Do mesmo modo, quando o Verbo de Deus Se dirige aos homens através da Lei antiga e dos profetas, apresenta-Se coberto de vestes adequadas. Na sua encarnação, vestiu-Se de carne; nas Sagradas Escrituras, está vestido com o véu das letras. O véu das letras é comparável à sua humanidade, e o sentido espiritual da Lei à sua divindade. No livro do Levítico, encontramos os ritos do sacrifício, as diversas vítimas, o serviço litúrgico dos sacerdotes [...]; bem-aventurados os olhos que veem o Espírito divino oculto no interior do véu. [...]

Quando alguém se vira para o Senhor, diz o apóstolo Paulo, o véu é tirado, pois «onde está o Espírito do Senhor há liberdade» (2Cor 3,17). É, portanto, ao próprio Senhor, ao próprio Espírito Santo, que devemos rezar, para que Se digne remover toda a obscuridade e possamos contemplar em Jesus o admirável sentido da Lei, como aquele que disse: *«Abri os meus olhos para que possa contemplar as maravilhas da vossa Lei»* (Sl 118,18).

101. «Jesus retirou-Se para os lados de Tiro»

Comentário sobre o Evangelho de Mateus 9, 16; SC 16

«Jesus retirou-Se para os lados de Tiro», nome que quer dizer «reunião das nações»; e fê-lo para que os habitantes desse território que acreditassem pudessem salvar-se saindo dele. Com efeito, «uma mulher cananea, vinda daqueles arredores, começou a gritar: "Senhor, Filho de David, tem compaixão de mim. Minha filha está cruelmente atormentada por um demônio». Se ela não tivesse saído daquele território, não poderia dirigir a Jesus estes brados «de grande fé», como o próprio Jesus testemunha. Saímos do território das nações pagãs «na proporção da nossa fé» (*Rom 12,6*). [...] Pois todos nós, quando pecamos, nos encontramos no território de Tiro e de Sidônia, ou do faraó do Egito, ou noutro país estranho à herança de Deus. Mas, quando o pecador se afasta do mal, regressando ao bem, sai dessas regiões onde reina o pecado e corre para as que são de Deus [...]

Os justos são introduzidos no Reino dos Céus e propostos para a elevação ao Reino de Deus, mas os pecadores são destinados à degradação da sua própria maldade. [...] A cananea, deixando esse território, deixa a tendência para a degradação, clamando: «Senhor, Filho de David, tem compaixão de mim». [...] Todas as curas que Jesus realizou, tal como as contam os evangelistas, aconteceram porque os que as desejaram tinham fé. Mas estes acontecimentos são símbolo do que é permanentemente realizado pelo poder de Jesus, pois não há época nenhuma em que o que está escrito não se realize, exatamente da mesma maneira.

102. «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo»

Comentário sobre o Cântico dos Cânticos, III, 27-33

A vida dos mortais está cheia de armadilhas que nos fazem tropeçar, de redes de enganos espalhadas por todo o lado, nas quais o inimigo apanhou quase todos os homens. Era, pois, necessário que aparecesse Alguém mais forte para as dominar, rasgar e abrir o caminho àqueles que O quisessem seguir.

Eis por que, antes de unir-Se à Igreja como Sua esposa, também o Salvador foi tentado pelo diabo. Assim ensinava à Igreja que não seria pela ociosidade e pelo prazer, mas através de provas e tentações, que ela haveria de chegar a Cristo.

De fato, mais ninguém poderia triunfar daquelas teias: «todos pecaram» (Rm 3,23). Só o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo foi o único que «não cometeu pecado» (1Pe 2,22). Mas o Pai «fê-lo pecado por nós» (2Co 5,21). E como diz o Apóstolo: «Deus fez o que era impossível à Lei, por estar sujeita à fraqueza da carne: enviando o Seu próprio Filho em carne semelhante à do pecado e, como sacrifício de expiação, condenou o pecado na carne» (Rm 8,3).

Jesus entrou, pois, naquelas teias, mas não ficou enleado nelas. Pelo contrário, tendo-as rompido e rasgado, deu confiança à Igreja, de tal modo que ela ousou calcar aos pés as armadilhas e libertar-se das redes, dizendo cheia de alegria: «A nossa vida escapou como um pássaro do laço dos caçadores; rompeu-se o laço e nós libertamo-nos» (Sl 123,7).

Também Ele sucumbiu à morte, mas voluntariamente e não, como nós, por sujeição ao pecado. Foi o único a ser «livre entre os mortos» (Sl 87,6 LXX). E porque estava livre entre os

mortos, venceu «aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo» (Hb 2,14), arrebatando-lhe os «cativos em cativeiro» (Ef 4,8), prisioneiros da morte.

Não só Ele ressuscitou dos mortos, mas também «nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus, em Cristo Jesus» (Ef 2,6). «Ao subir às alturas, levou cativos em cativeiro» (Ef 4,8), fazendo-nos participantes da Sua vitória.

103. «Vós procurais a verdade no íntimo dos seres» (Sl 50,8)»

Homilias sobre o Gênesis, n.º 13, 3-4; PG 12,233

Cristo ensinou-nos a não procurar a Deus num lugar determinado, fazendo-nos ver que «se oferecem sacrifícios ao seu nome em todos os pontos da Terra» (*Mal 1,11*). Com efeito, agora é o tempo em que os verdadeiros adoradores não adoram o Pai em Jerusalém, nem no monte Garizim, mas em espírito e verdade (*cf Jo 4,21-24*). Assim, pois, Deus não habita num local específico da Terra, mas no coração do homem. Quereis saber onde está Deus? Está num coração puro; é aí que Ele faz a sua morada, conforme disse por meio do profeta: «Habitarei e andarei no meio deles, eles serão o meu povo e Eu serei o seu Deus» (*Lev 26,12*).

Reparai bem que na nossa alma existe como que um poço de água viva; há nela um certo sentido celeste, uma imagem de Deus. [...] Aí está Ele, o Verbo de Deus; a sua operação consiste em afastar a areia de cada alma para tornar essa fonte visível. E essa fonte não vem de fora, mas está em vós, porque «o Reino de Deus está dentro de vós» (*Lc 17,21*).

Não foi na rua, mas em sua casa, que a mulher encontrou a dracma que tinha perdido: acendeu a lamparina e varreu a casa (*cf Lc 15,8*) da sujidade e do lixo que se tinha acumulado por sua negligência, e foi então que encontrou a moeda. Da mesma maneira, se acenderdes a vossa lamparina, se vos deixardes iluminar pelo Espírito Santo, se virdes a luz na sua luz (*cf Sl 36,10*), encontrareis a moeda em vós. Pois é em vós que se encontra a imagem do Rei celeste.

104. «Porque estais tão assustados?»

Erradamente atribuída a Orígenes (c.185-253)

Os discípulos «acordaram-no e disseram: "Mestre, não Te importas que pereçamos?". [...] Ó bem-aventurados, ó verdadeiros discípulos de Deus, tendes convosco o Senhor, vosso Salvador, e estais com medo? A Vida está convosco e a vossa morte preocupa-vos? Tirais o Criador do sono, como se Ele não pudesse, mesmo a dormir, acalmar as ondas, fazer cessar a tempestade?

Que respondem a isto os discípulos bem-amados? Ainda somos crianças fracas. Ainda não somos homens vigorosos. [...] Ainda não vimos a cruz; ainda não fomos solidificados pela Paixão do Senhor, a sua ressurreição, a sua ascensão aos Céus e a descida do Espírito Santo Paráclito. [...] O Senhor tem razão ao dizer-nos: «Por que estais tão assustados? Ainda não tendes fé?». Por que estais sem forças? Por que essa falta de confiança? Por que vos falta a temeridade quando tendes a Confiança convosco? Mesmo que a morte irrompesse, não deveríeis recebê-la com constância? Eu dar-vos-ei a força necessária para os perigos e as provas, incluindo a saída da alma do corpo. [...] Se precisais da minha força para tudo suportardes com fé, como homens, quanto mais para não cairdes nas tentações desta vida!

Porque vos perturbaís, gente de pouca fé? Sabeis que tenho poder sobre a terra; por que não acreditais que também tenho poder sobre o mar? Se Me reconheceis como verdadeiro Deus e Criador de todas as coisas, por que não acreditais que tenho poder sobre tudo o que criei? Então, «falou ao vento imperiosamente e disse ao mar: "Cala-te e fique quieto". O vento cessou e fez-se grande bonança».

«Como é estreita a porta e apertado o caminho que conduz à vida»

Homilias sobre o Êxodo, n.º 5, 3; SC 321

Vê o que Deus disse a Moisés, que ordem lhe deu sobre o caminho a escolher [...]. Pensavas talvez que o caminho que Deus mostra é um caminho fácil, sem troços difíceis nem penosos; pelo contrário, trata-se de uma subida, e bem tortuosa. Com efeito, o caminho por onde chegamos às virtudes não é um caminho a descer, mas a subir, e a subida é íngreme e árdua. Escuta o que o Senhor diz no Evangelho: «Como é estreita a porta e apertado o caminho que conduz à vida». Como vês, o Evangelho está em harmonia com a Lei. [...] Na verdade, até um cego percebe claramente que a Lei e o Evangelho foram escritos pelo mesmo Espírito.

O caminho que percorremos é, pois, uma subida tortuosa [...]; a fé e os atos comportam muitas dificuldades, muitas tribulações. Primeiro, são imensas as tentações e os obstáculos que se opõem a quem quer agir segundo a vontade de Deus. Depois, já na fé, encontramos muitas coisas tortuosas, muitos pontos de discussão, muitas objeções heréticas. [...] Ao ver o caminho que Moisés e os israelitas tinham tomado, o faraó observou: «Andam perdidos na terra» (Ex 14,3); para ele, quem segue a Deus perde-se, porque, como dissemos, o caminho da

sabedoria é tortuoso, com muitas curvas e desvios. De fato, confessar que há um só Deus, e afirmar simultaneamente que o Pai, o Filho e o Santo Espírito são um só Deus há de parecer aos infiéis tortuoso, difícil e inextricável; e acrescentar que «o Senhor da glória» foi crucificado (1Cor 2,8), e que é o Filho do homem, «que desceu do Céu» (Jo 3,13), há de parecer ainda mais tortuoso e difícil. Quem, sem fé, isto ouve, dirá: «Andam perdidos na terra». Tu, porém, sê firme, não ponhas em dúvida essa fé, sabendo que é Deus que te mostra esse caminho.

105. «Segue-Me»

Homilias sobre o Livro dos Números, n.º 17

Balaão tinha profetizado: «Como são formosas as tuas moradas, ó Jacob, e as tuas tendas, Israel» (Nm 24,5). Jacob é o símbolo dos homens perfeitos em ações e obras, e Israel, o daqueles que buscam a sabedoria e o conhecimento. [...] Daquele que cumpriu o seu dever e atingiu a perfeição das obras, dir-se-á que essa perfeição é a sua morada, a sua casa. Pelo contrário, não há termo para os esforços dos que trabalham na sabedoria e no conhecimento — pois onde está o limite da sabedoria de Deus? Quanto mais nos aproximarmos dela, mais profundidade lhe descobriremos; quanto mais a escutarmos, melhor entenderemos o seu carácter inefável e incompreensível; pois a sabedoria de Deus é incompreensível e inestimável. Assim, pois, às pessoas que avançam no caminho da sabedoria de Deus, Balaão não lhes gaba as casas, pois não chegaram ao termo da viagem, mas admira as tendas com as quais se deslocam e progridem sempre. [...]

Quem faz progressos no conhecimento das coisas de Deus e adquire alguma experiência nesse domínio sabe-o bem: chegada a uma conclusão, a uma compreensão dos mistérios espirituais, a

alma descansa como sob uma tenda; e, quando avança e descobre outras regiões [...], dobra a tenda de qualquer maneira, acampa mais acima e aí estabelece, por momentos, a morada do seu espírito. [...] E assim, sempre «lançada para diante» (Fil 3,13), avança como os nômadas com as suas tendas. A alma incendiada pelo fogo do conhecimento de Deus nunca dá tempo a si própria para repousar; pelo contrário, vai avançando constantemente do bem para o melhor, e do melhor para o mais alto.

106. «Nesses dias, jejuarão»

Homilia sobre o Levítico

Queres que te mostre que jejum debes praticar? Jejua do pecado, não tomes qualquer alimento de maldade, não aceites refeições de volúpia, não te aqueças com o vinho da luxúria. Jejua das más ações, abstém-te de palavras invejosas, guarda-te de maus pensamentos. Não toques em pães roubados de uma doutrina perversa. Não desejes os alimentos enganadores da filosofia, que te afastam da verdade. É esse o jejum que agrada a Deus. [...]

Ao dizer isto, não quero aconselhar-te a relaxares as rédeas da abstinência cristã, visto que temos os dias da quaresma que são consagrados aos jejuns, para além do quarto e do sexto dias da semana, em que jejuamos, de acordo com o costume estabelecido; e o cristão é livre de jejuar em qualquer momento, não por escrúpulo de observância, mas por virtude de continência.

Pois como havemos de guardar a castidade, se ela não estiver sustentada no rigoroso apoio da abstinência? Como havemos de nos entregar às Escrituras, como havemos de nos aplicar à ciência e à sabedoria? Não será pela continência do ventre e da garganta? [...] Eis um bom motivo para os cristãos

jejuarem. Mas há outro, também ele religioso, cujo elogio é feito nos escritos dos apóstolos. Com efeito, encontramos a seguinte afirmação numa carta: «Feliz o que jejua também para alimentar o pobre»: o seu jejum é muito agradável a Deus e, na verdade, é extremamente digno, pois imita Aquele que deu a vida pelos seus irmãos.

107. «Cumpru-se hoje mesmo esta passagem da Escritura»

Homilia 32 sobre São Lucas 4

Quando lerdés: «Ensinava nas sinagogas e era elogiado por todos», tende cuidado de não considerar felizes unicamente os ouvintes de Jesus, julgando-vos privados dos seus ensinamentos. Se a Escritura é a verdade, a palavra de Deus não foi comunicada só outrora, nas assembleias judaicas, é comunicada ainda hoje na nossa assembleia. E não é só aqui, na nossa, é em todas as outras e em todo o mundo: Jesus ensina e procura instrumentos que transmitam os seus ensinamentos. Orai para que também eu esteja disposto e apto a cantá-lo.

Assim como Deus Todo-Poderoso, ao procurar os profetas no tempo em que a profecia era necessária aos homens, encontrou, por exemplo, Isaías, Ezequiel e Daniel, assim também Jesus procura hoje instrumentos que transmitam a sua palavra, que ensinem nas sinagogas e sejam elogiado por todos. Hoje, Jesus é muito mais elogiado por todos do que no tempo em que era conhecido numa única província.

108. «Desposar-te-ei em fidelidade e tu conhecerás o Senhor» (Os 2,22)»

Homilias sobre o Gênesis, n.º 10, 2

«Ela [Rebeca] desceu à fonte e encheu o cântaro», diz-nos a Escritura (Gn 24,16). Todos os dias Rebeca ia à fonte buscar água. E, como todos os dias passava algum tempo junto do poço, o servo de Abraão pôde encontrá-la e dá-la em casamento a Isaac. Poderíamos pensar que se trata de um conto ou de uma bela história posta na Escritura pelo Espírito Santo; mas não, trata-se de um verdadeiro ensinamento espiritual, de uma instrução dirigida à nossa alma, para a ensinar a ir todos os dias à fonte das Escrituras, às águas do Espírito Santo, tirar água sem se cansar, para levar o seu cântaro bem cheio. Era assim que Santa Rebeca fazia; de outro modo não se teria casado com o grande patriarca Isaac. [...].

Ora, tudo o que a Escritura contém é simbólico. Cristo quer desposar-nos. É a nos que Ele Se dirige através das promessas dos profetas, quando diz: «Desposar-te-ei para sempre; desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com amor e misericórdia. Desposar-te-ei em fidelidade e tu conhecerás o Senhor» (Os 2,21s). Portanto, querendo ser teu noivo, Cristo envia-te um servo — a palavra inspirada. Não podes desposar Cristo sem a teres recebido. [...] Só aqueles que sabem tirar água em abundância das profundezas do poço [...], os que têm uma alma que tudo faz com paciência, que está inteiramente disponível, que se aplica a ir ao mais fundo para retirar a água do conhecimento, só esses podem conhecer o noivado com Cristo.

109. «Eu vim ao mundo como luz, para que todo aquele que acredita em Mim não fique nas trevas»

Homilias sobre o Gênesis, 1, 5-7

Cristo é «a luz do mundo» (Jo 8,12), que ilumina a Igreja com a sua luz; e, tal como a lua recebe a sua luz do sol a fim de iluminar a noite, assim também a Igreja, recebendo a luz de Cristo, ilumina todos aqueles que se encontram na noite da ignorância. [...] Cristo é «a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que veio a este mundo» (Jo 1,9), e a Igreja, recebendo a sua luz, torna-se luz do mundo, «iluminando aqueles que caminham nas trevas» (Rom 2,19), de acordo com esta palavra de Cristo aos seus discípulos: «Vós sois a luz do mundo» (Mt 5,14). Daqui se conclui que Cristo é a luz dos apóstolos, e os apóstolos, por sua vez, são a luz do mundo.

Ora, tudo o que a Escritura contém é simbólico. Cristo quer desposar-nos. É a nós que Ele Se dirige através das promessas dos profetas, quando diz: «Desposar-te-ei para sempre; desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com amor e misericórdia. Desposar-te-ei em fidelidade e tu conhecerás o Senhor» (Os 2,21s). Portanto, querendo ser teu noivo, Cristo envia-te um servo — a palavra inspirada. Não podes desposar Cristo sem a teres recebido. [...] Só aqueles que sabem tirar água em abundância das profundezas do poço [...], os que têm uma alma que tudo faz com paciência, que está inteiramente disponível, que se aplica a ir ao mais fundo para retirar a água do conhecimento, só esses podem conhecer o noivado com Cristo.

«Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os, só a eles, a um monte alto» (Mc 9,2): São Tiago, testemunha da luz»

Nem todos os que contemplam Cristo são igualmente iluminados por Ele; cada um o é na medida em que pode receber a luz. Os olhos do nosso corpo não são igualmente iluminados pelo Sol; quanto mais subimos a lugares elevados, quanto mais alto contemplamos o nascer do Sol, melhor recebemos a sua luz e o seu calor. Assim também o nosso espírito, quanto mais subir e se elevar para perto de Cristo, mais perto se lhe oferecerá a luz da sua claridade e será iluminado pela sua luz de forma mais brilhante e magnífica. Disse o Senhor de Si próprio através do profeta: «Aproximai-vos de Mim e Eu aproximar-Me-ei de vós» (Zc 1,3). [...]

Portanto, não vamos todos a Ele do mesmo modo, mas cada qual «segundo as suas próprias capacidades» (Mt 25,15): ou é com as multidões que vamos a Ele e Ele alimenta-nos em parábolas, para que não enfraqueçamos de privação no caminho (*cf* Mc 8,3), ou permanecemos a seus pés sem cessar, preocupando-nos apenas em ouvir a sua palavra, sem nunca nos deixarmos perturbar por múltiplos cuidados das obrigações (*cf* Lc 10,38s) [...]; os que se aproximam dele assim recebem muito mais a sua luz.

Mas se «permanecemos com Ele em todas as suas provas» (Lc 22,28) como os apóstolos, sem nunca nos afastarmos, Ele explica-nos em segredo o que disse às multidões, iluminando-nos ainda com mais claridade (*cf* Mt 13,11s). Enfim, se algum for capaz de subir com Ele à montanha, como Pedro, Tiago e João, esse não será iluminado somente pela luz de Cristo, mas pela voz do próprio Pai.

110. «Porque nasceram da ressurreição, são filhos de Deus»

Comentário à Epístola aos Romanos 4,7; PG 14, 985

No último dia, a morte será vencida. Depois do suplício da cruz, a ressurreição de Cristo contém misteriosamente a ressurreição de todo o corpo de Cristo; e, assim como Ele foi crucificado, depositado no túmulo e depois ressuscitado, assim também todo o corpo dos santos de Cristo foi crucificado com Ele e já não vive em si próprio.

Desse modo, quando sobrevier a ressurreição do verdadeiro corpo de Cristo, do seu corpo total, os membros de Cristo, que agora são ossos ressequidos, reunir-se-ão juntura por juntura (*cf* Ez 37,1s), encontrando cada um o seu lugar próprio, «até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo» (Ef 4,13). Então, a multidão dos membros constituirá um só corpo, porque todos pertencem ao mesmo corpo (*cf* Rom 12,4).

111. «Deixareis ir em paz o vosso servo»

Homília 15 sobre São Lucas; PG 13, 1838-1839

Simeão sabia que Aquele que tinha nos braços é o único que pode libertar-nos da prisão do corpo, com a esperança na vida futura. Foi por isso que disse: «Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo, porque enquanto não tive Cristo nos braços era como que prisioneiro, incapaz de me libertar das minhas cadeias». E isto não se aplica somente a Simeão, mas a todos os homens: se alguém abandona este mundo

para alcançar o Reino, tome Jesus nos braços, aperte-O ao peito, e poderá chegar com grande alegria aonde deseja ir. [...]

«Todos aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus» (*Rm 8, 14*). Foi o Espírito Santo que levou Simeão ao Templo. E tu, se desejas ter Jesus nos braços e tornar-te digno de sair da tua prisão, esforça-te por te deixares conduzir pelo Espírito, para chegares ao templo de Deus. E já te encontras no templo do Senhor Jesus, ou seja, na sua Igreja, que é um templo de pedras vivas (*cf 1P 2,5*). [...]

Se vieres ao Templo conduzido pelo Espírito, encontrarás o Menino Jesus, tomá-lo-ás nos teus braços e dirás: «Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo». Esta libertação e esta partida têm lugar na paz. [...] E quem morre em paz, senão aquele que tem a paz de Deus, que sobrepuja todo o entendimento e guarda os corações e os pensamentos em Cristo (*cf Fl 4,7*)? Quem se retira em paz deste mundo, senão aquele que compreende que Deus veio reconciliar o mundo em Cristo?

112. «Testemunha de Cristo na vida e na morte»

Homilia 28 sobre Lucas 7,18–28

Admiremos João Batista por causa do seguinte testemunho: "Entre os filhos de mulher, ninguém ultrapassa João Batista" (*Lc 7,28*); ele mereceu ser elevado a uma tal reputação de virtude que muitas pessoas pensavam que ele era o Cristo (*Lc 3,15*). Mas há uma coisa ainda mais admirável: Herodes, o tetrarca, detinha poder real e podia fazê-lo morrer quando quisesse. Ora ele tinha cometido uma ação injusta e contrária à lei de Moisés ao tomar a mulher do seu irmão. João, sem ter medo dele nem fazer acepção de pessoas, sem dar importância ao poder real, sem

recrear a morte..., sem escamotear qualquer destes perigos, repreendeu Herodes com a liberdade dos profetas e condenou o seu casamento. Lançado na prisão por causa desta audácia, não se preocupou nem com a morte nem com um julgamento com sentença incerta, mas, a partir do cárcere, os seus pensamentos iam para o Cristo que ele tinha anunciado.

Não podendo ir em pessoa ao seu encontro, envia os seus discípulos para lhe trazerem informações: "Tu és aquele que deve vir ou temos que esperar outro?" (*Lc 7,15*). Notem bem que, mesmo na prisão, João ensinava. Mesmo naquele lugar ele tinha discípulos; mesmo na prisão, João cumpria o seu dever de mestre e instruía os seus discípulos, conversando sobre Deus.

Nestas circunstâncias, levantou-se a questão de Jesus e João envia-lhe alguns discípulos... Os discípulos regressam e trazem ao mestre o que o Salvador lhes tinha encarregado de anunciar. Essa resposta foi para João uma arma para enfrentar o combate; morre com confiança e com grande coragem se deixa decapitar, seguro na palavra do próprio Senhor em como aquele em quem acreditava era verdadeiramente o Filho de Deus. Esta foi a liberdade de João Batista, aquela foi a loucura de Herodes que, aos seus numerosos crimes, acrescentou primeiro a prisão, depois o martírio de João Batista.

113. «Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão»

Homilias sobre o Evangelho de João

«Bem sei que sois descendentes de Abraão». [...] Aquele que é a semente de Abraão deve tornar-se seu filho, assumindo a sua semelhança. Mas pode acontecer que, por negligência ou inação,

destrua essa preciosa semente dentro de si. Jesus sabia que eles eram da descendência de Abraão e que ainda não tinham perdido o poder de se tornar filhos de Abraão. Foi por isso que lhes disse: «Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão»: se eles quisessem deixar crescer esta preciosa semente em todo o seu potencial, compreenderiam as palavras de Jesus. [...]

Há quem escolha apenas uma das obras de Abraão, aquela que o apóstolo menciona nestes termos: «Abraão acreditou na palavra de Deus e a sua fé foi-lhe imputada como justiça». Mas se [...] a fé é a única obra necessária, porque foi que o Salvador não disse: «Faríeis a obra de Abraão», no singular, mas disse no plural: «Faríeis as obras de Abraão»? Estas palavras são equivalentes às seguintes: fazei todas as obras de Abraão, mas tomai a vida de Abraão num sentido alegórico e as suas ações num sentido espiritual. Porque aquele que quiser ser filho de Abraão não deve tomar as suas criadas por esposas como fez Abraão, nem, depois da morte de sua mulher, casar-se com outra na sua velhice.

114. «Eis o meu servo»

Comentário do Evangelho de João 32, 4; PG 14, 741-752

No decurso de uma refeição, Jesus levantou-Se da mesa e despojou-Se das suas vestes, tomando a aparência de escravo, como demonstram estas palavras: «tomando uma toalha, atou-a à cintura», para não ficar completamente nu e para limpar os pés dos discípulos com as suas vestes. Vede a que ponto se baixa a grandeza e a glória do Verbo feito carne: para lavar os pés dos seus discípulos, «deitou água na bacia» (Jo 13,2-5).

«Abraão ergueu os olhos e viu três homens de pé na sua frente. Imediatamente correu da entrada da tenda ao seu encontro, prostrou-se por terra e disse: "Meu Senhor, se mereci o teu favor, peço-te que não passes adiante sem parar em casa do teu servo"» (Gn 18,2-3). Contudo, Abraão não deita pessoalmente a água nem se dispõe a lavar os pés dos estrangeiros que chegaram a sua casa, mas diz: «Permiti que se traga um pouco de água para vos lavar os pés; e descansai debaixo desta árvore». Nem José trouxe água para lavar os pés aos seus onze irmãos: foi o seu intendente que os mandou entrar em casa e seguidamente «deram-lhes água para lavarem os pés» (Gn 43,24).

Mas Aquele que declarou que «o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mt 20,28), e que disse de pleno direito: «aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração» (Mt 11,29), deitou pessoalmente água na bacia, pois sabia que só Ele podia lavar os pés aos discípulos de forma que essa purificação lhes permitisse tomar parte com Ele. A água era uma palavra capaz de lavar os pés aos discípulos, quando eles se aproximassem da bacia ali colocada para eles por Jesus.

115. «Ser uma pedra viva»

Homilias sobre o livro de Josué, n.º 9, 1-2; PG 12, 871-872 (trad. Breviário)

Todos nós, que acreditamos em Jesus Cristo, somos chamados «pedras vivas», segundo as palavras da Escritura: «Vós, como pedras vivas, entraís na construção de um edifício espiritual, em função de um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo» (1Pd 2:5).

Ora, quando se trata de pedras terrenas, sabemos que se colocam nos alicerces as mais sólidas e fortes, para que se lhes possa confiar e sobrepor todo o peso do edifício; da mesma maneira se deve entender que também de entre as pedras vivas algumas estão colocadas nos alicerces deste edifício espiritual. Quais são essas pedras que estão colocadas nos alicerces? Os apóstolos e os profetas, como nos ensina Paulo, quando diz: «Edificados sobre o alicerce dos apóstolos e dos profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus» (Ef 2:20).

Para te adaptares mais eficazmente à construção deste edifício, para seres uma das pedras mais próximas do alicerce, repara que o próprio Cristo é o alicerce deste edifício que estamos a descrever. Assim se exprime o apóstolo Paulo: «Ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo» (1Cor 3:11). Felizes, portanto, aqueles que vão construindo edifícios religiosos e santos sobre tão nobre fundamento.

116. «Eu vi o Espírito Santo descer do Céu como uma pomba e permanecer sobre Ele»

Homilias sobre Isaías, n.º 3, 1-2

Jesus é Aquele que saiu do tronco de Jessé segundo a carne, que nasceu da descendência de David segundo a carne e foi estabelecido no seu poder de Filho de Deus segundo o Espírito que santifica (*cf* Is 11,1; Rom 1,3-4). Sim, Ele é o ramo saído do tronco de Jessé, mas não é um ramo, pois é «o Primogénito de toda a criatura» (Col 1,15); Ele não é apenas um ramo, mas é Deus, é o Verbo que estava com Deus e o Verbo que era Deus (*cf* Jo 1,1); Aquele que nasceu segundo a carne é uma vara saída do tronco de Jessé, e um rebento que brotou das suas raízes. [...]

«Sobre ele repousará o Espírito do Senhor: Espírito de sabedoria e de inteligência» (Is 11,2). O Espírito de sabedoria não repousou sobre Moisés, nem sobre Josué, nem sobre nenhum dos profetas, nem sobre Isaías, nem sobre Jeremias. [...] Ele veio sobre Moisés, mas, depois desta visita do Espírito de sabedoria, Moisés perdeu a fé: «Escutai, rebeldes», disse. «Poderemos nós fazer brotar água deste rochedo?» (Nm 20,10). Veio sobre todos os justos e sobre Isaías, mas o que disse este último? «Sou um homem de lábios impuros; moro no meio de um povo de lábios impuros» (Is 6,5). [...] O Espírito pode vir sobre os homens, mas não pode permanecer, porque todo o homem peca e não há neste mundo nenhum justo que faça o bem sem nunca cair: «Quem fará sair o puro do impuro? Ninguém, evidentemente!» (Jb 14,4). [...] O Espírito veio sobre muitos, mas não repousou sobre nenhum deles: «Então, o Senhor disse: "O meu Espírito não permanecerá indefinidamente no homem"» (Gn 6,3). [...]

João Batista viu um homem, um só, sobre o qual o Espírito pousou, e este era o sinal que Deus lhe havia dado: «Aquele sobre quem vires o Espírito Santo descer e permanecer [...] é o Filho de Deus».

117. Precursor de Cristo no nascimento e na morte

Homilia 27 sobre São Lucas, 2-4

Admiremos João Batista, sobretudo por causa do seguinte testemunho:

«Entre os nascidos de mulher, não há nenhum maior do que João» (Lc 7,28).

Ele teve o mérito de se elevar a tão grande fama de virtude que muitos pensavam que era o Cristo (cf Lc 3,15). Mas há outra

coisa ainda mais admirável. O tetrarca Herodes, que detinha o poder real, podia matá-lo quando quisesse. Ora, ele tinha cometido uma ação injusta e contrária à lei de Moisés, tomando para si a mulher de seu irmão. João, que não tinha medo dele nem fazia acepção de pessoas, que não temia o poder real nem receava a morte, embora tivesse consciência de todos estes perigos, repreendeu Herodes com liberdade de profeta, censurando-lhe aquele casamento. Preso por causa da sua audácia, não o preocupa a morte nem um julgamento de resultado incerto; apesar das correntes que o sujeitam, os seus pensamentos vão para o Cristo que tinha anunciado.

Não podendo ir pessoalmente ter com Ele, manda os seus discípulos perguntar-Lhe: «És Tu o que está para vir ou devemos esperar outro?»

(Lc 7,19). Repara bem como até na prisão João ensinava, até aqui tinha discípulos, até na prisão cumpria o seu dever de mestre, instruindo os seus discípulos com conversas sobre Deus. [...]

Os discípulos vêm dizer ao mestre o que o Salvador os tinha encarregado de anunciar, resposta que se torna, para João, uma arma para o combate: morre seguro, deixando-se decapitar de coração ao largo, confiado na palavra do próprio Senhor de que Aquele em quem havia acreditado era verdadeiramente o Filho de Deus. Tal foi a liberdade de João Batista e tal foi a loucura de Herodes, que aos seus numerosos crimes acrescentou, primeiro a prisão, depois o assassinio de João Batista.



Atanásio de Alexandria

118. «Jesus entrou, tomou a mão da menina e ela ergueu-se»

Sobre a Incarnação do Verbo, 8-9 (a partir da trad. breviário; cf SC 190, pp. 288ss.)

O Verbo, a Palavra de Deus, incorpórea, incorruptível e imaterial, veio habitar no meio de nós, ainda que antes não tivesse estado ausente. Com efeito, não deixara parte alguma da criação privada da Sua presença, pois Ele estava em todas as coisas e em toda a parte, Ele que mora junto do Pai. Mas tornou-Se presente humilhando-Se por causa do Seu amor por nós, e a nós Se manifestou [...]. Teve piedade da nossa espécie, teve compaixão da nossa fragilidade, condescendeu para com a nossa perecível condição. Não aceitou que a morte nos dominasse; não quis ver perecer o que tinha iniciado, nem que se malograsse a obra de Seu Pai ao criar o homem. Tomou, portanto, um corpo, e um corpo que não era diferente do nosso. Porque Ele não queria somente habitar um corpo nem somente manifestar-Se. Se tivesse apenas querido manifestar-Se, teria podido realizar essa teofania com outro e maior poder. Mas não: foi de facto um corpo igual ao nosso que Ele tomou [...].

O Verbo tomou um corpo capaz de morrer para que esse corpo, ao participar do Verbo que está acima de tudo [...], se tornasse imperecível pelo poder do Verbo que n'Ele existe, e para libertar da degradação definitiva todos os homens, pela graça da ressurreição. O Verbo ofereceu, pois, à morte o corpo que tinha tomado, como sacrifício e vítima isenta de toda a mácula; e logo

aniquilou a morte, dela libertando todos os homens Seus semelhantes, pela oferta desse corpo que se lhes assemelha.

O Verbo de Deus, a todos superior, que oferecia o Seu próprio templo, o Seu corpo, em expiação de todos, pagou a nossa dívida com a Sua morte, cumprindo a justiça de Seu Pai. Unido a todos os homens por um corpo semelhante, o Filho incorruptível de Deus a todos reveste de incorruptibilidade, com a promessa da ressurreição. A própria corrupção, implicada na morte, já não tem poder algum sobre os homens, por causa do Verbo que entre eles habita num único e mesmo corpo.

119. «Terás um tesouro no céu»

Vida de Antão

Após a morte de seus pais, tinha Antão entre dezoito e vinte anos [...], entrou certo dia numa igreja no momento da leitura do evangelho, e ouviu o Senhor dizer a um jovem rico: «Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-Me». Antão teve a impressão de que esta leitura tinha sido para ele. Saiu imediatamente do templo e entregou às gentes da aldeia as suas propriedades de família. Depois de ter vendido todos os seus bens móveis, distribuiu pelos pobres o dinheiro dessa venda, reservando apenas uma pequena parte para sua irmã.

Doutra vez em que entrou na igreja, ouviu o Senhor dizer no evangelho: «Não vos preocupeis com o dia de amanhã» (Mt 6, 34). Compreendendo que não podia reservar fosse o que fosse, também isso distribuiu pelos pobres. Confiou sua irmã ao cuidado de umas virgens conhecidas e fiéis, que viviam juntas numa casa, para nela ser educada. E consagrou-se desde então,

perto de sua casa, ao labor da vida ascética. Vigiando sobre si mesmo, perseverava numa vida austera. [...]

Trabalhava manualmente, porque tinha ouvido esta recomendação: «Se algum não quer trabalhar, que também não coma» (2 Tess 3, 10). Comprava o seu pão de cada dia com uma parte daquilo que ganhava, distribuindo o resto pelos indigentes. Rezava sem cessar, porque tinha aprendido que é preciso «orar sem desfalecer» (Lc 21, 36) em privado. Estava de tal maneira atento à leitura, que nada perdia da Escritura, antes dela tudo retendo; a seguir, substituí-a os livros pela memória. Todos os habitantes da aldeia, e as gentes de bem que a frequentavam habitualmente, vendo-o viver daquela maneira, lhe chamavam amigo de Deus. Uns amavam-no como filho, outros como irmão.

120. «Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria?»

Carta a Epicteto

O Verbo, a Palavra eterna de Deus, «veio em auxílio da descendência de Abraão; por isso, teve de assemelhar-Se em tudo aos Seus irmãos» (Hb 2, 16-17) e de tomar um corpo semelhante ao nosso. É por isso que Maria foi verdadeiramente necessária, para que Ele tomasse corpo nela, e o oferecesse por nós como sendo Seu. [...] Gabriel tinha-lhe anunciado em termos cuidadosamente escolhidos. Não disse apenas: «Aquele que vais nascer em ti» [...], disse: «Aquele que vai nascer de ti». [...]

Tudo isto se fez assim para que o Verbo, assumindo a nossa natureza e oferecendo-a em sacrifício, a fizesse totalmente Sua. Em seguida, quis revestir-nos da Sua própria natureza divina, razão pela qual São Paulo afirma: «É necessário que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade e que este corpo

mortal se revista de imortalidade» (1Cor 15, 53). E tal não aconteceu de forma simulada, como supõem certos heréticos: nem pensar nisso! O Salvador tornou-Se verdadeiramente homem, e foi daí que veio a salvação para todo o homem. [...] A nossa salvação não é uma aparência, não é apenas para o corpo, mas para o homem todo, alma e corpo, e esta salvação veio do próprio Verbo.

Aquele que veio de Maria era, pois, humano por natureza, segundo as Escrituras, e o corpo do Senhor era um verdadeiro corpo; sim, um verdadeiro corpo, porque era idêntico ao nosso, porque Maria é nossa irmã, visto que todos descendemos de Adão.

121. «Não vindes do mundo, pois fui eu que vos escolhi do meio do mundo».

Sobre a Encarnação do Verbo, 27-29; PG 25,143; SC

199

A morte, uma vez vencida pelo Salvador e fixada na cruz como que num pelourinho, será pisada por todos os que caminham em Cristo. Prestando homenagem a Cristo, estes zombam da morte, não lhe dão importância e repetem o que foi escrito sobre ela: «Morte, onde está a tua vitória? Inferno, onde está o teu ferrão?» (1Co 15,55; Os 13,14). [...] Será uma fraca demonstração da vitória obtida pelo Salvador sobre ela que os cristãos, crianças e raparigas, desprezem a vida presente e se preparem para morrer em vez de renegarem a sua fé? O homem teme naturalmente a morte e a dissolução do seu corpo; mas, coisa extraordinária, aquele que se revestiu da fé na cruz despreza este sentimento natural e, por Cristo, já não teme a morte. [...]

Se a morte, outrora tão forte e por isso mesmo tão temível, é agora desprezada após a vinda do Salvador, após a Sua morte corporal e a Sua ressurreição, é evidente que foi por Cristo na cruz que ela foi aniquilada e vencida. Quando, depois da noite, o Sol aparece e ilumina toda a superfície da terra, não há qualquer dúvida de que o sol que espalha a sua luz por todo o lado é o mesmo que afugentou as trevas e tudo iluminou. Assim, [...] é evidente que o Salvador manifestado no Seu corpo é precisamente Aquele que destruiu a morte e que todos os dias demonstra a Sua vitória sobre ela nos Seus discípulos. [...] Quando vemos homens, mulheres e crianças correrem a lançar-se para a morte pela fé em Cristo, quem seria tão tolo, quem seria tão incrédulo, quem seria tão cego que não compreendesse e pensasse que é Cristo, a Quem esses homens prestam homenagem, que consegue e dá a cada um a vitória sobre a morte, ao destruir o poder desta em todos os que têm fé n'Ele e ostentam o sinal da Sua cruz?

122. «Eu e o Pai somos Um»

Símbolo «Quicumque»,

A fé católica é esta: que veneremos um só Deus na Trindade e a Trindade na unidade, não confundindo as Pessoas, nem dividindo a substância. Porque uma é a Pessoa do Pai, outra a do Filho, e outra a do Espírito Santo; mas uma só é a divindade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, igual à Sua glória e coeterna à Sua majestade. Tal como o Pai, assim é o Filho e o Espírito Santo; incriado o Pai, incriado o Filho, incriado o Espírito Santo. [...] O Pai é Deus, o Filho é Deus, e o Espírito Santo é Deus; contudo, não são três deuses, mas um só Deus. [...]

A fé verdadeira consiste em que acreditemos e confessemos que Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é

Deus e homem. É Deus gerado da substância do Pai antes do início dos tempos; é homem nascido da substância de Sua Mãe no tempo. Perfeito Deus e perfeito homem, que subsiste com alma racional e carne humana, igual ao Pai segundo a divindade, menor que o Pai segundo a humanidade. E embora seja Deus e homem, não há dois cristos, mas um único Cristo; um, não porque a divindade se tenha dissolvido na carne, mas porque a humanidade foi assumida por Deus. Absolutamente uno, não por confusão das substâncias, mas pela unidade da Pessoa. Pois assim como a alma racional e o corpo constituem um só homem, assim também Deus e homem constituem um só Cristo. O Qual padeceu pela nossa salvação, desceu à mansão dos mortos e ao terceiro dia ressuscitou. Subiu aos céus, onde está sentado à direita de Deus Pai onipotente, de onde há-de vir a julgar os vivos e os mortos.

123. «Quem Te deu essa autoridade?»

Discurso contra os Arianos, 2, 78-79

A sabedoria pessoal de Deus, o seu único Filho, criou e realizou todas as coisas. Com efeito, diz o salmo: «Tudo fizeste com sabedoria» (103,24). [...] Tal como o nosso discurso humano é imagem desta Palavra que é o Filho de Deus (cf Jo 1,1), assim a nossa sabedoria é também imagem desta Palavra que é a Sabedoria em pessoa. Porque temos nela a capacidade de conhecer e de pensar, somos capazes de receber a Sabedoria criadora, por meio da qual podemos conhecer o Pai. «Porque aquele que tem o Filho tem também o Pai» (1Jo 2,23), e ainda: «Aquele que Me recebe, recebe Aquele que Me enviou» (Mt 10,40). [...]

«Pois, já que o mundo, com a sua sabedoria, não reconheceu a Deus na sabedoria divina, aprovou a Deus salvar os

crentes pela loucura da pregação» (1Cor 1,21). Ora, Deus já não quer, como nos tempos antigos, ser conhecido por meio de imagens e sombras da Sabedoria, mas quis que a verdadeira Sabedoria em pessoa adotasse carne, se tornasse homem e sofresse a morte de cruz, para que no futuro todos os crentes possam ser salvos pela fé nesta Sabedoria encarnada. É, portanto, ela que é a Sabedoria de Deus. Anteriormente, era conhecida pela sua imagem introduzida nas coisas criadas [...], e desta forma dava a conhecer o Pai. Depois disso, ela, que é a Palavra, tornou-se carne, como diz São João (1,14). Depois de ter «destruído a morte» (1Cor 15,26) e salvado a humanidade, manifestou-se a si mesma de forma mais clara e, por si mesma, manifestou o Pai. Razão pela qual pôde dizer: «Que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo» (Jo 17,3). A terra inteira ficou, portanto, cheia do seu conhecimento. Porque só há um conhecimento: o do Pai por meio do Filho, e o do Filho a partir do Pai. O Pai põe a sua alegria nele, e o Filho regozija-Se com a mesma alegria no Pai, como está dito: «Eu era o seu encanto todos os dias, e brincava o tempo todo na sua presença» (Prov 8,30).

124. «Uma cura ao sábado, símbolo da conclusão da criação»

Contra os pagãos, 40; SC 18

Este mundo é muito bom, tal como foi feito e tal como o vemos, porque Deus o quer assim: ninguém pode duvidar disso. Se a criação fosse desordenada, se o universo evoluísse ao acaso poder-se-ia pôr em causa esta afirmação. Mas como o mundo foi feito com sabedoria e ciência, de modo racional e lógico, posto que foi ornado de toda a beleza, é preciso que Aquele que a ele

preside e que o organizou não seja senão a Palavra de Deus, o seu Verbo, o seu Logos. [...]

Sendo a boa Palavra do Deus de bondade, foi esse Verbo que dispôs a ordem de todas as coisas, que reuniu os contrários com os contrários para com eles formar uma só harmonia. É Ele, «poder e sabedoria de Deus» (1Cor 1,24), que faz girar o céu, que tem a terra suspensa e que, sem que ela assente em nada, a mantém com a sua própria vontade (cf Heb 1,3). O sol ilumina a terra com a luz que recebe dele, e a lua recebe a sua medida da sua luz. Por Ele a água fica suspensa nas nuvens, as chuvas regam a terra, o mar mantém-se nos seus limites, a terra cobre-se de toda a espécie de plantas (cf Sl 103). [...]

A razão de esta Palavra, Verbo de Deus, ter vindo até às criaturas é verdadeiramente admirável. [...] A natureza dos seres criados é passageira, fraca, mortal; mas, sendo pela sua natureza bom e excelente, o Deus do universo ama os homens. [...] Assim, vendo que, entregue a si própria, toda a natureza criada se esvai e se dissolve, para evitar que isso aconteça e para que o universo não regresse ao nada [...], Deus não o abandona às flutuações da sua natureza. Na sua bondade, com o seu Verbo, Ele governa e mantém toda a criação, [...] que não sofre, portanto, o destino que teria se o Verbo não cuidasse dela, isto é, a aniquilação. «Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criatura; porque foi nele que todas as coisas foram criadas, no céu e na terra, as visíveis e as invisíveis, [...] tudo nele subsiste. [...] Ele é a cabeça do Corpo, que é a Igreja» (Col 1,15-18).

125. «Cristo é a imagem de Deus invisível; nele temos a redenção e a remissão dos pecados (Col 1,14.15)»

Sobre a Encarnação do Verbo, 13

Dado que os homens se tornaram insensatos e que o engano dos demônios lançou sobre eles uma sombra que escondeu o conhecimento do verdadeiro Deus, o que haveria Deus de fazer? Calar-Se perante uma situação destas? Aceitar que os homens se extraviassem e não O conhecessem? [...] Deus não podia permitir que as suas criaturas se extraviassem para longe dele e fossem sujeitas ao nada, sobretudo se este extravio se tornasse para eles causa de ruína e perdição, quando os seres que participaram na imagem de Deus (Gn 1,26) não devem perecer. Que é, pois, necessário que Deus faça? Que fazer, senão renovar neles a sua imagem, a fim de que os homens possam de novo conhecê-lo?

Mas como fazer isto, a não ser pela presença da imagem do próprio Deus (Col 1,15), o nosso Salvador Jesus Cristo? Tal não é realizável pelos homens, porque eles não são a imagem, mas criados segundo a imagem; também não é realizável pelos anjos, porque nem eles são imagens. Foi por isso que o Verbo de Deus, Ele que é a imagem do Pai, veio até nós, a fim de estar em condições de restaurar a imagem no fundo do ser dos homens. Por outro lado, tal não poderia produzir-se se a morte e a degradação que a segue não fossem destruídas. Foi por isso que Ele tomou um corpo mortal, a fim de poder destruir a morte e restaurar os homens, feitos à imagem de Deus. Assim, pois, a imagem do Pai, o seu santíssimo Filho, veio até nós para renovar o homem feito à sua semelhança e para vir ao encontro dele, que estava perdido, oferecendo-lhe a remissão dos seus pecados, como

Ele próprio disse: «Eu vim procurar e salvar o que estava perdido» (Lc 19,10).

126. «Não sois do mundo, pois a minha escolha vos separou do mundo»

Sobre a Encarnação do Verbo, 27-29; PG 25,143; SC 199.

A morte, uma vez vencida pelo Salvador e pregada na cruz como que num pelourinho, será pisada por todos os que caminham em Cristo. Prestando homenagem a Cristo, estes zombam da morte, não lhe dão importância e repetem o que foi escrito sobre ela: «Morte, onde está a tua vitória? Inferno, onde está o teu ferrão?» (1Cor 15,55; Os 13,14). [...] Será fraca demonstração da vitória obtida pelo Salvador sobre ela que os cristãos, crianças e jovens, desprezem a vida presente e prefiram morrer a renegar a sua fé? O homem teme naturalmente a morte e a dissolução do seu corpo; mas, coisa extraordinária, aquele que se revestiu da fé na cruz despreza este sentimento natural e, por Cristo, já não teme a morte. [...]

Se a morte, outrora tão forte e por isso mesmo tão temível, é desprezada após a vinda do Salvador, após a sua morte corporal e a sua ressurreição, é evidente que foi por Cristo na cruz que ela foi aniquilada e vencida. Quando, no final da noite, o Sol aparece e ilumina toda a superfície da Terra, não há qualquer dúvida de que o sol que difunde a sua luz por toda a parte é o mesmo que afugentou as trevas e tudo iluminou. Assim, [...] é evidente que o Salvador manifestado no seu corpo é precisamente Aquele que destruiu a morte e que todos os dias demonstra a sua vitória sobre ela nos seus discípulos. [...] Quando vemos homens, mulheres e crianças correrem a lançar-se para a morte pela sua fé em Cristo,

quem seria tão tolo, quem seria tão incrédulo, quem seria tão cego que não compreendesse e pensasse que é Cristo, a quem esses homens prestam homenagem, que dá a cada um a vitória sobre a morte, ao destruir o poder desta em todos os que têm fé n'Ele e ostentam o sinal da sua cruz?

127. «Sobre a encarnação do Verbo

Sobre a encarnação do Verbo, 8-9 (SC 190)

O Verbo, a Palavra de Deus incorpórea, incorruptível e imaterial, veio habitar no meio de nós, ainda que antes não tivesse estado ausente. Com efeito, não deixara parte alguma da criação privada da sua presença, pois Ele estava em todas as coisas e em toda a parte, Ele que mora junto do Pai. Mas tornou-Se presente humilhando-Se por causa do seu amor por nós, e a nós Se manifestou [...]. Teve piedade da nossa espécie, teve compaixão da nossa fragilidade, condescendeu para com a nossa perecível condição. Não aceitou que a morte nos dominasse; não quis ver perecer o que tinha iniciado, nem que se malograsse a obra de seu Pai ao criar o homem. Tomou, portanto, um corpo, e um corpo que não era diferente do nosso. Porque Ele não queria somente habitar um corpo nem somente manifestar-Se. Se tivesse apenas querido manifestar-Se, poderia ter realizado essa teofania com outro e maior poder. Mas não: foi de fato um corpo igual ao nosso que Ele tomou [...].

O Verbo tomou um corpo capaz de morrer para que esse corpo, ao participar do Verbo que está acima de tudo [...], se tornasse imperecível pelo poder do Verbo que nele existe, e para libertar da degradação definitiva todos os homens, pela graça da ressurreição. O Verbo ofereceu, pois, à morte o corpo que tinha tomado, como sacrifício e vítima isenta de toda a mácula; e logo

aniquilou a morte, dela libertando todos os homens seus semelhantes, pela oferta desse corpo que se lhes assemelha.

O Verbo de Deus, a todos superior, que ofereceu o seu próprio templo, o seu corpo, em expiação de todos, pagou a nossa dívida com a sua morte, cumprindo a justiça de seu Pai. Unido a todos os homens por um corpo semelhante, o Filho incorruptível de Deus a todos reveste de incorruptibilidade, com a promessa da ressurreição. A própria corrupção, implicada na morte, já não tem poder algum sobre os homens, por causa do Verbo que entre eles habita num único e mesmo corpo.

128. «Todos os que sofriam de algum padecimento corriam para Ele, a fim de Lhe tocarem»

Sobre a encarnação do Verbo, 8-9 (SC 190)

O Verbo de Deus, incorpóreo, incorruptível e imaterial, chegou à região que habitamos, embora nunca tivesse estado longe dela. Com efeito, não havia deixado nenhuma parte da criação privada da sua presença, dado que tudo preenchia, Ele que mora junto do Pai. Mas tornou-Se presente, abaixando-Se por causa do seu amor por nós, e manifestou-Se a nós. [...] Teve piedade da nossa raça, teve compaixão da nossa fraqueza, condescendeu com a nossa condição corruptível.

Não aceitou que a morte tivesse domínio sobre nós; não quis ver perecer aquilo que tinha começado, nem fracassar o que seu Pai tinha realizado ao criar os homens. Assumiu, pois, um corpo, e um corpo que não é diferente do nosso. [...] No seio da Virgem, construiu para Si mesmo o templo do seu corpo; fez dele um instrumento adaptado para Se dar a conhecer e para nele morar. Depois de ter tomado, entre os nossos corpos, um corpo

da mesma espécie, e dado que estamos todos submetidos à corrupção da morte, entregou-o à morte por todos nós, oferecendo-o a seu Pai. E fê-lo por amor aos homens.

129. «Restaurar a imagem de Deus no homem»

De que serve termos sido criados, se não conhecermos o nosso Criador? Como podem os homens ser lógicos sem conhecerem o Logos, o Verbo do Pai, no qual começaram a ser (Jo 1,18)? [...] Para que os teria Deus criado, se não quisesse ser conhecido por eles? E, para que tal coisa não acontecesse, fê-los participar, na sua bondade, daquele que é a sua própria imagem, Nosso Senhor Jesus Cristo (Hb 1,2; Cl 1,15), criando-os à sua imagem e semelhança (Gn 1,26). Graças a tal favor, eles haviam de conhecer a imagem, o Verbo do Pai, pelo qual poderiam fazer uma ideia do Pai e, conhecendo o seu Criador, viver uma vida de verdadeira felicidade.

Na sua desrazão, porém, os homens desprezaram este dom, desviaram-se de Deus e esqueceram-no. [...] O que havia Deus de fazer, senão renovar o «ser de imagem» destas criaturas, a fim de que os homens pudessem novamente conhecê-lo? E como o faria, senão pela própria presença da imagem de Deus, o nosso Salvador Jesus Cristo? Mas tal coisa não era realizável pelos homens, que apenas são feitos à imagem; nem pelos anjos, pois nem eles são imagem.

E foi assim que o próprio Verbo, que é a imagem do Pai, veio restaurar o «ser de imagem» que são os homens. Mas não era possível que isso acontecesse se a morte e a corrupção não fosse aniquiladas; por isso, Ele tomou um corpo mortal, a fim de aniquilar nele a morte e restaurar os homens, feitos à sua imagem.

130. «Para que todo o homem que acredita nele [...] tenha a vida eterna»

Sobre a encarnação do Verbo, 11, 2-3; 13, 7-9; SC 199

Insensatos, que não cessais de revelar-vos indiscretos na procura da Trindade, sem vos contentardes em acreditar tão-só que Ela existe, tal como vos orienta o Apóstolo, ao dizer: «quem se aproxima de Deus tem de acreditar que Ele existe e recompensa aqueles que O procuram» (Hb 11,6). Que ninguém se ocupe de questões supérfluas, mas se contente em apreender o conteúdo das Escrituras, [...] que dizem que o Pai é uma fonte — «o meu povo abandonou-Me, a Mim, nascente de águas vivas» (Jr 2,13); «abandonaste a fonte da sabedoria» (Br 3,12) — e é luz: «Deus é luz» (1Jo 1,5). O Filho, em relação a essa fonte, é um rio, de acordo com o salmo: «Enches, a transbordar, o rio caudaloso» (Sl 65,10), e em relação à luz é «resplendor da sua glória e imagem fiel da sua substância» (Hb 1,3). Assim sendo, o Pai é luz, e o Filho o seu resplendor. [...] E é no Filho que somos iluminados pelo Espírito, como diz também Paulo: «que o Pai vos dê o Espírito de sabedoria e vo-lo revele, para O conhecerdes, e sejam iluminados os olhos do vosso coração» (Ef 1,17-18). É, porém, Cristo quem nos ilumina nele quando somos iluminados pelo Espírito, pois a Escritura diz: «O Verbo era a Luz verdadeira que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina» (Jo 1,9). Para além disso, sendo o Pai fonte e Cristo rio, é dito igualmente que bebemos do Espírito: «e todos bebemos de um só Espírito» (1Cor 12,13). Dessedentados, pois, pelo Espírito, é de Cristo que bebemos, porquanto bebemos «de um rochedo espiritual que os seguia, e esse rochedo era Cristo» (1Cor 10,4).

Ora, sendo o Pai o «único Deus sábio» (Rom 16,27), o Filho é a sua sabedoria, porque «Cristo é poder e sabedoria de Deus»

(1Cor 1,24). Por conseguinte, ao recebermos o Espírito de sabedoria, recebemos o Filho e adquirimos a sua sabedoria. [...] O Filho é a vida, pois Ele disse: «Eu sou a Vida» (Jo 14,6). Mas também se diz na Escritura que somos vivificados pelo Espírito, quando Paulo afirma que «o Pai, que ressuscitou Cristo de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito que habita em vós» (Rom 8,11). Ao sermos vivificados pelo Espírito, é Cristo que Se faz vida em nós: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» (Gal 2,20).

Existindo assim no seio da Trindade uma tal correspondência e uma tal unidade, quem poderá separar o Filho do Pai, e o Espírito do Filho ou do Pai? [...] O mistério de Deus não é concedido ao nosso ser com discursos eloquentes, mas pela fé e por via de preces respeitosas.

131. «Quem Te deu autoridade para o fazeres?»

Discurso contra os Arianos, 2, 78–79

A sabedoria pessoal de Deus, o seu único Filho, criou e realizou todas as coisas. Com efeito, diz o salmo: «Tudo fizeste com sabedoria» (103,24). [...] Tal como o nosso discurso humano é imagem desta Palavra que é o Filho de Deus (cf Jo 1,1), assim também a nossa sabedoria é imagem deste Verbo que é a Sabedoria em pessoa. Porque temos nela a capacidade de conhecer e de pensar, somos capazes de receber a Sabedoria criadora, por meio da qual podemos conhecer o Pai: «Aquele que tem o Filho tem também o Pai» (1Jo 2,23), e ainda: «Quem Me recebe, recebe Aquele que Me enviou» (Mt 10,40). [...]

«Já que o mundo, com a sua sabedoria, não reconheceu a Deus na Sabedoria divina, aprouve a Deus salvar os crentes pela

loucura da pregação» (1Cor 1,21). Ora, Deus já não quer, como nos tempos antigos, ser conhecido por meio de imagens e sombras da Sabedoria, mas quis que a verdadeira Sabedoria em pessoa adotasse carne, Se tornasse homem e sofresse a morte de cruz, para que, no futuro, todos os crentes possam ser salvos pela fé nesta Sabedoria encarnada.

É ela, portanto, a Sabedoria de Deus. Anteriormente, era conhecida pela sua imagem nas coisas criadas [...], dando assim a conhecer o Pai; mas depois, tornou-Se carne, como diz São João (1,14), esta Sabedoria que é o Verbo. E, após ter «destruído a morte» (1Cor 15,26) e salvado a humanidade, manifestou-Se a Si mesma de forma mais clara e, por Si, manifestou o Pai; razão pela qual pôde dizer: «Que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e Aquele que enviaste, Jesus Cristo» (Jo 17,3). Toda a Terra ficou cheia do seu conhecimento, porque só há um conhecimento: o do Pai por meio do Filho, e o do Filho a partir do Pai. O Pai põe a sua alegria nele, e o Filho regozija-Se com a mesma alegria no Pai, como está dito: «Eu era o seu encanto todos os dias, e brincava o tempo todo na sua presença» (Prov 8,30).

132. «Terás um tesouro nos Céus»

Vida de Santo Antão, pai dos monges, 2-4

Após a morte de seus pais, tinha Antão entre dezoito e vinte anos [...], entrou certo dia numa igreja no momento da leitura do evangelho, e ouviu o Senhor dizer a um jovem rico: «Se queres ser perfeito, vende o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro nos Céus. Depois, vem e segue-Me». Antão teve a impressão de que esta leitura tinha sido para ele. Saiu imediatamente do templo e entregou às gentes da aldeia as suas propriedades de família. Depois de ter vendido todos os seus bens

móveis, distribuiu pelos pobres o dinheiro dessa venda, reservando apenas uma pequena parte para sua irmã.

Doutra vez em que entrou na igreja, ouviu o Senhor dizer no evangelho: «Não vos preocupeis com o dia de amanhã» (Mt 6,34). Compreendendo que não podia reservar fosse o que fosse, também isso distribuiu pelos pobres. Confiou sua irmã ao cuidado de umas virgens conhecidas e fiéis, que viviam juntas numa casa, para nela ser educada. E consagrou-se desde então, perto de sua casa, ao labor da vida ascética. Vigiando sobre si mesmo, perseverava numa vida austera. [...]

Trabalhava manualmente, porque tinha ouvido esta recomendação: «Se algum não quer trabalhar, que também não coma» (2Tess 3,10). Comprava o pão de cada dia com uma parte daquilo que ganhava, distribuindo o resto pelos indigentes. Rezava sem cessar, porque tinha aprendido que é preciso «orar sem desfalecer» (Lc 21,36) em privado. Estava de tal maneira atento à leitura que nada perdia da Escritura, mas tudo retinha; a seguir, substituí-a os livros pela memória. Todos os habitantes da aldeia, e as gentes de bem que a frequentavam habitualmente, vendo-o viver daquela maneira, lhe chamavam amigo de Deus. Uns amavam-no como filho, outros como irmão.

133. «O Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido»

Tratado sobre a Encarnação do Verbo 10,14; PG 25, 111-114, 119

O Verbo de Deus não abandonou os homens, suas criaturas, que corriam para a sua ruína, mas apagou a morte que os unia com a oferta do seu corpo, corrigiu as suas negligências

com a sua doutrina, e restaurou o gênero humano com o seu poder. [...]

Quando a figura de alguém foi pintada em madeira e depois apagada pelos elementos, é necessária a presença do retratado para que a sua imagem seja restaurada no mesmo material; e, se esse material não é rejeitado, é por causa da imagem que foi pintada nele e que queremos restaurar. Da mesma forma, o Filho Santíssimo do Pai, sendo a imagem do Pai, veio à nossa terra para renovar o homem que tinha sido feito à sua semelhança, para o encontrar, pois estava perdido, perdendo-lhe os seus pecados, como diz a Escritura: «O Filho do homem veio procurar e salvar o que estava perdido».

Assim, quando disse aos judeus: «se alguém não nascer de novo...» (cf Jo 3:5), Jesus não se referia ao nascimento de uma mulher, como eles pensavam, mas ao renascimento e à recriação do homem à sua imagem.

134. «Nascer com Cristo»

3ª contra os arianos

Agora que o Verbo Se fez homem e fez suas as nossas misérias, elas são destruídas por Ele. Os homens não morreram sob os seus pecados; mas, ressuscitados pelo poder do Verbo, permanecem incorruptíveis para sempre e imortais.

Quando a sua humanidade nasce de Maria, a Mãe de Deus, diz-se que é Ele que nasce. Na realidade, porém, Ele toma para Si o nosso nascimento, e nós deixamos de ser simplesmente da terra que terá de voltar à terra, e somos reunidos ao Verbo do Céu, que quer conduzir-nos ao Céu. Do mesmo modo, Ele tomou em Si as outras fraquezas do corpo para que nós já não fôssemos apenas

homens, mas, pertencendo doravante ao Verbo, participássemos da vida eterna.

Estamos, pois, perante o fim da morte que nos veio com o primeiro nascimento em Adão: este nascimento e todas as outras misérias da carne foram transferidos para o Verbo, e nós, ressuscitados da terra, vemos a maldição do pecado removida por Aquele que, em nós e por nós, Se tornou maldição. E é certo: da mesma maneira que, feitos da terra, morremos em Adão, assim também, regenerados pela água e pelo Espírito, somos vivificados em Cristo. A partir de agora, a carne já não é uma coisa terrena; foi feita Verbo, por causa do Verbo de Deus, que por nós Se fez carne.

Os homens viram as suas fraquezas transferidas e destruídas naquele que não está sujeito a elas; e tornaram-se fortes e livres para sempre. Porque, assim como o Verbo, tendo tomado um corpo, Se fez homem, assim também nós, homens, tomados pela carne do Verbo, somos divinizados por Ele e feitos herdeiros da vida eterna.

135. «André, a primeira planta do jardim apostólico»

Sermão em louvor de Santo André, 2-3

André foi o primeiro a reconhecer o Senhor como seu mestre; ele é o primogénito do colégio apostólico. O seu olhar penetrante pressentiu a vinda do Senhor, e ele trocou as instruções de João pelos ensinamentos de Cristo, selando as palavras do Batista. Ele era o discípulo estimado de João: à luz da lâmpada, procurava a verdade da luz; e, sob o seu brilho indeciso, habituou-se ao esplendor de Cristo.

«Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo», disse João (Jo 1, 29): eis Aquele que liberta da morte, eis Aquele que destrói o pecado; eu não fui enviado como o noivo, mas como aquele que acompanha o noivo, vim como servo e não como senhor.

Impressionado com estas palavras, André deixou o seu mestre e correu para Aquele que tinha sido anunciado; compreendendo o sentido desta linguagem, a sua língua tornou-se mais afiada do que a do Batista. Ele avança para o Senhor com um desejo patente nos seus passos e leva consigo João Evangelista. Ambos deixam a lâmpada e se encaminham para o Sol.

André é a primeira planta do jardim apostólico: é ele que abre as portas aos ensinamentos de Cristo e foi ele o primeiro a colher os frutos do campo cultivado pelos profetas. Adiantando-se às esperanças de todos, foi o primeiro a abraçar Aquele que todos esperavam.

136. Façamos aumentar todos os dias o nosso ardor na esperança da vida eterna!

Um dia em que os monges estavam todos reunidos junto de Antônio para ouvir as suas palavras, ele disse-lhes, com a segurança com que fala um profeta:

«As Sagradas Escrituras são suficientes para a nossa instrução; no entanto, é bom encorajarmo-nos mutuamente na fé e estimularmo-nos uns aos outros com palavras. Portanto, vós trazeis filialmente ao vosso pai o que sabeis; e eu, vosso irmão mais velho, transmito-vos aquilo de que tenho alguma experiência.

Em primeiro lugar, esforcemo-nos, todos juntos, por não abrandar, depois de termos começado bem, por não desanimar diante das dificuldades, dizendo: já vivemos há muito tempo na ascese. Pelo contrário, aumentemos todos os dias o nosso ardor, como se estivéssemos a começar. Pois a vida do homem é muito curta, comparada com os séculos vindouros, e o tempo presente nada é, em comparação com a vida eterna. Neste mundo, tudo se vende pelo seu valor ou se troca por outra coisa do mesmo preço; mas a promessa da vida eterna compra-se por pouco.

Tendo lutado na terra, não receberemos uma herança terrena, mas uma herança celestial; e, quando deixarmos este corpo corruptível, retomá-lo-emos, mas incorruptível. Portanto, filhos bem-amados, não desanimemos, nem achemos que ainda temos muito tempo, pensando que já fazemos muito, pois «os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há de revelar-se em nós» (Rm 8,18); mas permaneçamos firmes na ascese, fugindo da acédia, pois o Senhor colabora conosco, como está escrito: «Deus concorre em tudo para o bem daqueles que O amam» (Rm 8,28).



Cirilo de Alexandria

(380-444)

HOMILIAS

137. «Moisés e Elias [...] falavam da Sua morte, que ia acontecer em Jerusalém»

Sobre a Transfiguração

Jesus subiu à montanha com os três discípulos que escolheu. Depois foi transfigurado por uma luz fulgurante e divina, a ponto de as suas vestes parecerem brilhar como a luz. Seguidamente, Moisés e Elias envolveram Jesus, falaram entre eles da sua partida, que devia acontecer em Jerusalém, quer dizer, do mistério da sua encarnação e da sua Paixão salvadora, que devia concretizar-se na cruz. Porque é verdade que a Lei de Moisés e a pregação dos profetas tinham mostrado antecipadamente o mistério de Cristo. [...]

Esta presença de Moisés e de Elias e a conversa entre eles tinha como objetivo mostrar que a Lei e os Profetas formavam como que o cortejo de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Senhor que tinham profetizado. [...] Depois de terem aparecido não se calavam, falando da glória de que o Senhor ia ser cumulado em Jerusalém pela sua Paixão e pela sua Cruz e, sobretudo, pela sua Ressurreição.

Talvez o bem-aventurado Pedro, acreditando que tinha chegado o Reino de Deus, tenha desejado permanecer na

montanha, porque disse que deviam fazer «três tendas». [...]. Não sabia o que estava a dizer. Porque ainda não tinha chegado o momento do fim do mundo e não seria no tempo presente que os santos usufruiriam da esperança que lhes foi prometida. É que São Paulo afirma: «Ele transfigurará o nosso pobre corpo, conformando-o ao seu corpo glorioso» (Fil 3, 21).

Uma vez que o projeto da salvação ainda não estava completo, estando apenas no seu começo, não era possível que Cristo, que tinha vindo ao mundo por amor, renunciasse a querer sofrer por ele. Porque Ele manteve a natureza humana para sofrer a morte na sua carne, e para a destruir pela sua ressurreição de entre os mortos.

138. «De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações»

Concílio de Éfeso (431)

Nós te saudamos, Maria, Mãe de Deus, tesouro escondido de todo o universo, astro sem declínio, coroa da virgindade, cetro da fé ortodoxa, templo indestrutível, morada do incomensurável, Mãe e Virgem, por quem é chamado «bendito», nos santos evangelhos, «Aquele que vem em nome do Senhor» (Mt 9; Sl 117, 26).

Saudamos-te, a ti que levaste no teu seio virginal Aquele que os céus não podem conter. Graças a ti, a Trindade é glorificada e adorada em toda a terra; graças a ti, o céu exulta, os anjos e os arcanjos se alegram, os demônios são afugentados, o tentador caiu do céu, os homens decaídos são elevados ao céu. Graças a ti, o mundo inteiro, cativo da idolatria, chegou ao conhecimento da verdade, o santo Batismo é dado, com o «óleo

da alegria» (Sl 45, 8), àqueles que acreditam, foram fundadas igrejas em todo o mundo, as nações pagãs foram levadas à conversão.

E que mais poderei dizer? Foi graças a ti que a luz do Filho único de Deus brilhou para «aqueles que viviam nas trevas e nas sombras da morte» (Lc 1, 79; Is 42, 7). [...] Quem poderá celebrar dignamente os louvores a Maria? Ela é ao mesmo tempo mãe e virgem. Que maravilha! Quem jamais ouviu dizer que o construtor pudesse ser impedido de morar no templo que ele mesmo construiu? Quem ousaria criticar Aquele que dá à sua serva (cf. Lc 1, 48) o título de mãe? Eis que assim o mundo inteiro se alegra. [...]

Que nos seja permitido, isto é, à santa Igreja, venerar e honrar a Trindade indivisa cantando louvores a Maria sempre Virgem e ao seu Filho e seu Esposo imaculado.

139. «Hosana! Bendito seja O que vem em nome do Senhor!» (Mc 11, 9-10)

Sobre a Entrada em Jerusalém

Irmãos, celebremos hoje a vinda do nosso Rei, vamos ao seu encontro, porque Ele também é o nosso Deus. [...] Elevemos o coração até Deus, não apaguemos o Espírito (1Ts 5, 19), aprontemos alegremente as candeias (Mt 25, 7), mudemos as vestes da alma. Quais vencedores, peguemos em palmas e, quais pessoas simples, aclamemo-Lo com o povo. Com as crianças, cantemos, com um coração infantil: «Hosana! Bendito seja O que vem em nome do Senhor!» (Mt 21, 15). [...]

Hoje mesmo Ele entra em Jerusalém, de novo se prepara a cruz, o documento de acusação de Adão foi abolido (Col 2, 14); de

novo se abre o Paraíso, e o ladrão nele entra (Lc 23, 43); de novo a Igreja está em festa. [...]

Ele não vem acompanhado pelas forças invisíveis do céu e pelas legiões de anjos; não está sentado num trono alto e sublime, protegido pelas asas dos serafins, por um carro de fogo e por seres vivos de múltiplos olhos, que tudo fazem tremer com prodígios e com o som das trombetas (Ez 1, 4ss). Ele vem escondido na natureza humana. É uma exaltação de bondade, não de justiça; de perdão, não de vingança. Ele não aparece na glória de seu Pai (Ex 19, 16ss), mas na humildade de sua mãe.

Já outrora o profeta Zacarias nos anunciara esta aparição; e convidava toda a criação ao júbilo [...]: «Exulta de alegria, filha de Sião!» (Zc 9, 9). As mesmas palavras que o anjo Gabriel pronunciara à Virgem: «Salve, ó cheia de graça» (Lc 1, 28), e a mesma mensagem que o Salvador anunciou às santas mulheres após a sua ressurreição: «Salve!» (Mt 28, 9). [...]

«Exulta de alegria, filha de Jerusalém! Aí vem o teu Rei, ao teu encontro, manso e montado num jumentinho, filho de uma jumenta». [...]

Que significa isto? Ele não vem com pompa e esplendor, como é próprio dos reis. Vem na condição de servo (Fl 2, 7), de esposo cheio de ternura, de Cordeiro dulcíssimo (Jo 1, 29), fresco orvalho no seu velo (Jz 6, 36ss), ovelha que é levada ao matadouro (Jr 11, 19), manso cordeiro arrastado para o sacrifício (Is 53, 7). [...]

Hoje, os filhos dos hebreus correm à sua frente, oferecendo ramos de oliveira Àquele que é misericordioso e, em júbilo, recebem com palmas o Vencedor da morte.

«Hosana! Bendito seja O que vem em nome do Senhor!»

140. «Aqui está o meu servo»

Sermão 15

O mistério da nossa salvação é tão vasto, tão profundo, tão admirável, que os próprios anjos aspiram a compreendê-lo (1Pe 1,12). [...] Pois, sendo Deus por natureza, o Verbo verdadeiro de Deus Pai (Jo 1,1), da mesma substância e com Ele coeterno, brilhando no mais alto da sua glória «na condição e na igualdade com Deus», Cristo «não Se valeu dessa igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio, assumindo a condição de servo» e, nascendo de Santa Maria, «apareceu como homem e rebaixou-Se até à morte, e morte de cruz» (Fil 2,6-8).

Humilha-Se assim, para nossa humildade, Aquele que dá a todos os homens da sua própria plenitude. Rebaixa-Se por nós, não por constrangimento, mas de sua própria vontade. Por nós toma a condição de escravo Aquele que é a liberdade em pessoa. Torna-Se um como nós Aquele que está acima de toda a Criação. Submete-Se à morte Aquele que dá a vida ao mundo. [...]

Como nós, torna-Se sujeito à Lei (Gl 4,4) Aquele que, sendo Deus, transcende toda a Lei. Pelo seu nascimento torna-Se um homem como os outros. Começa a existir Aquele que precede todos os séculos e todas as épocas, mais, Aquele que é o próprio Criador e origem do tempo [...]. Aquele que foi gerado em Maria [...] é da nossa natureza e da nossa substância e da mesma descendência de Abraão. Mas é também, no plano divino, da mesma natureza que Deus Pai.

141. «O meu tempo está próximo. É em tua casa que Eu quero celebrar a Páscoa»

CATEQUESES

Catequese Batismal 13

Queres que te demonstre que Cristo sofreu a sua Paixão voluntariamente? Os outros homens morrem de má vontade, pois morrem nas trevas; mas Ele dizia antes da sua Paixão:

«Eis que o Filho do Homem Se entregou para ser crucificado»
(Mt 26,2).

Sabes por que foi que este misericordioso não fugiu à morte? Para evitar que o mundo inteiro sucumbisse nos seus pecados.

«Eis que subimos a Jerusalém e o Filho do Homem vai ser entregue e crucificado» (Mt 20,13)

e ainda:

«Ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém» (Lc 9,51).

Queres também ficar com a segurança de que a cruz é, para Jesus, uma glória? É Ele que te diz, e não eu. Judas, cheio de ingratidão, preparava-se para O entregar; saindo da mesa depois de beber o cálice da bênção, em jeito de agradecimento por esta bebida da salvação, decidiu verter sangue inocente. Ele que comera o pão do seu Mestre, agradeceu-Lhe de modo vergonhoso entregando-O. [...]

Depois Jesus disse:

«É chegada a hora em que o Filho do Homem será glorificado»
(Jo 12,23).

Vês como Ele sabe que a cruz é a sua glória? [...] Não que antes tenha existido sem glória, pois fora glorificado «com a glória que tinha antes da fundação do mundo» (Jo 17,5). Mas então era glorificado eternamente como Deus, enquanto agora o era por ter merecido a coroa pela sua constância na prova.

Ele não foi obrigado a deixar a sua vida, não foi forçado a imolar-Se, mas avançou livremente. Escuta as suas palavras:

«Tenho o poder de entregar a minha vida e tenho o poder de a retomar» (Jo 10,18);

É por minha inteira vontade que cedo aos meus inimigos, pois se Eu não quisesse, nada aconteceria. Ele veio, portanto, voluntariamente para a Paixão, contente com esse ato, sorrindo à coroa, feliz por salvar a humanidade.

142. «Para congregar na unidade todos os filhos de Deus, que andavam dispersos»

COMENTÁRIOS BÍBLICOS

Comentário à Carta aos Romanos

Está escrito:

«Nós, que somos muitos, constituímos um só corpo em Cristo»
(Rm 12,5),

Porque Cristo nos congrega na unidade, pelos laços do amor,

«Ele que, de dois povos, fez um só, destruindo o muro de inimizade que os separava, anulando pela sua carne a Lei, os preceitos e as prescrições» (Ef 2,14-15).

Temos, pois, de ter os mesmos sentimentos recíprocos:

«Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele» (1Cor 12,26).

Por isso, prossegue São Paulo,

«acolhei-vos uns aos outros, como Cristo também vos acolheu, para glória de Deus» (Rm 15,7).

Acolhamo-nos uns aos outros, se queremos ter os mesmos sentimentos,

«suportando-nos uns aos outros com caridade, solícitos em conservar a unidade de espírito, mediante o vínculo da paz» (Ef 4,2-3).

Foi assim que Deus nos acolheu em Cristo, que disse:

«Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único» (Jo 3,16).

Com efeito, o Filho foi dado em resgate pela vida de todos nós, e nós fomos libertados da morte, resgatados da morte e do pecado.

São Paulo esclarece as perspectivas deste plano de salvação quando afirma que

«Cristo Se fez servidor dos circuncisos, a fim de mostrar a veracidade de Deus» (Rm 15,8).

Porque Deus tinha prometido aos patriarcas, pais dos judeus, que abençoaria a sua descendência, que seria tão numerosa como as estrelas do céu. Foi por isso que o Verbo, que é Deus, Se manifestou na carne e Se fez homem. Ele mantém na existência toda a criação e assegura o bem de tudo quanto existe, pois é Deus. Mas veio a este mundo e encarnou, «não para ser servido, mas», como Ele próprio afirmou, «para servir e dar a vida em resgate pela multidão» (Mc 10,45).

143. Vós também haveis de dar testemunho

Comentário ao Evangelho de João

A missão de Cristo na terra estava cumprida, mas era necessário que nos tornássemos «participantes da natureza divina» do Verbo (2Ped 1, 4), isto é, que a nossa vida anterior fosse abandonada para se transformar numa nova [...]. De fato, enquanto viveu visivelmente entre os seus, Cristo surgia-lhes, segundo julgo, como o dispensador de todos os bens. Mas quando chegou o momento em que teve de subir ao Pai celeste, foi necessário que Ele continuasse presente entre os seus fiéis por meio do Espírito e que habitasse pela fé nos nossos corações (Ef 3, 17).

Aqueles em quem habita o Espírito são transformados e recebem d'Ele uma vida nova, como facilmente podemos demonstrar pelos exemplos tanto do Antigo como do Novo Testamento. Samuel, dirigindo-se a Saul, diz:

«O espírito do Senhor virá então sobre ti» (1Sm 10, 6).

E São Paulo afirma:

«E nós todos que, com o rosto descoberto, refletimos a glória do Senhor, somos transfigurados na sua própria imagem, de glória em glória, pelo Senhor que é Espírito» (2Cor 3, 18).

Vês como o Espírito transforma noutra imagem aqueles em quem habita? Facilmente os faz passar da consideração das coisas terrenas ao olhar voltado unicamente para as realidades celestes, e os conduz da tibieza à vida heroica. Foi o que sucedeu com os discípulos: fortalecidos pelo Espírito, não se deixaram intimidar pelos seus perseguidores, permanecendo unidos a Cristo pelo vínculo de um amor invencível. Fato indubitável. É, pois, verdade o que nos diz o Salvador: «É melhor para vós que Eu vá» (Jo 16, 7). Pois esse é o momento da descida do Espírito Santo.

144. «Se acreditásseis em Moisés, acreditaríeis em Mim, pois ele escreveu a meu respeito»

Comentário sobre o Evangelho de João

Moisés disse:

«O Senhor, teu Deus, suscitará em teu favor um profeta saído das tuas fileiras, um dos teus irmãos, como eu: é a ele que escutarás» (Dt 18,15).

O próprio Moisés explica [...] o que acabou de anunciar:

«Foi o que pediste ao Senhor teu Deus no monte Horeb, no dia da assembleia, quando Lhe disseste: 'Não quero mais ouvir a voz do Senhor, meu Deus, nem tornar a ver este fogo intenso, pois tenho medo de morrer'» (v. 16).

Moisés afirma veementemente que lhe foi então atribuído um papel de mediador, uma vez que a assembleia dos judeus ainda

estava incapaz de contemplar as realidades que a excediam: uma visão de Deus extraordinária e aterradora para os olhos, sons de trombeta estranhos e intoleráveis para os ouvidos (cf Ex 19,16). O povo tinha, portanto, a prudência de renunciar ao que excedia as suas forças, e a mediação de Moisés auxiliava a fraqueza dos homens da sua geração: ele estava encarregado de transmitir os mandamentos divinos ao povo reunido.

Mas, se procurares descobrir sob este símbolo a realidade prefigurada, compreenderás que ela visa Cristo, «Mediador entre Deus e os homens» (1Tm 2,5): é Ele que, com a sua voz humana, a voz que recebeu quando nasceu para nós de uma mulher, transmite aos corações dóceis a vontade sublime de Deus Pai, que só Ele conhece, enquanto Filho de Deus e Sabedoria de Deus, «perscrutando tudo, mesmo as profundezas de Deus» (1Cor 2,10).

Com os nossos olhos de carne, não podíamos atingir a glória inexprimível, pura e nua, daquele que está para lá de tudo - «o homem não pode ver o meu rosto, disse Deus, e ficar vivo» (Ex 33,20).

Por isso, o Verbo, o Filho único de Deus, amoldou-Se à nossa fraqueza, revestindo um corpo humano [...] segundo o desígnio redentor, para nos revelar a vontade de Deus Pai, como Ele próprio disse:

«Tudo o que ouvi de Meu Pai, vo-lo dei a conhecer» (Jo 15,15),

e ainda:

«Não falei por Mim mesmo; foi o Pai, que Me enviou, que determinou o que devo dizer e anunciar» (Jo 12,49).

145. «Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto»

Comentário sobre o Evangelho de João

O Senhor afirma [...] que é a videira, para nos ensinar a unirmo-nos ao seu amor e nos mostrar a quantidade de graças que recebemos por estarmos unidos a Ele. E compara a ramos os que estão unidos a Ele, presos e fixos nele de alguma forma, afirmando que são já «participantes da natureza divina» (2 Pd 1,4), porque receberam o Espírito Santo.

De fato, o que nos une a Cristo Salvador é o Espírito Santo. [...] Recebemos o novo nascimento dele e nele, no Espírito, para dar frutos de vida; não da vida anterior e ultrapassada, mas da vida renovada pela fé e pelo amor a Ele. Permanecemos neste estado, enxertados em certa medida em Cristo, unidos custe o que custar ao mandamento sagrado que nos foi dado.

Esforcemo-nos por conservar os benefícios desta nobreza, ou seja, por não «ofender o Espírito Santo» (Ef 4,30), que fez de nós sua morada e através de quem sabemos que Deus permanece em nós. [...]

Assim como a cepa da vinha fornece e distribui aos ramos a sua qualidade natural e própria, assim o Verbo, Filho Único de Deus Pai, introduz nos santos um parentesco com a sua natureza, dando-lhes o Espírito, sobretudo aos que estão unidos a Ele pela fé e pela santidade perfeita. Ele alimenta-os e faz crescer o seu fervor; e desenvolve neles a capacidade para as virtudes e para a bondade total.

146. «Quantos O tocavam ficavam curados»

Comentário sobre o Evangelho de João

Mesmo para ressuscitar os mortos, o Salvador não Se contenta em agir pela sua palavra, apesar de portadora das ordens divinas. Para esta magnífica obra, toma em cooperação, se assim se pode dizer, a sua própria carne, para mostrar que esta tem o poder de dar a Vida, e para que se perceba que forma uma só coisa com Ele: que é realmente a sua própria carne e não um corpo estranho a Ele.

Foi o que se passou quando Ele ressuscitou a filha do chefe da sinagoga, ao dizer-lhe: «Levanta-te, minha filha!» (Mc 5, 41). Tomou-lhe a mão, segundo o que está escrito. Devolveu-a à vida, como Deus que era, com uma ordem toda-poderosa, e também lhe deu vida pelo contacto com a sua santa carne – testemunhando assim que, tanto no seu corpo, como na sua palavra, se processava uma nova energia divina.

E ainda, quando chegou a uma vila chamada Naim, onde o filho único de uma viúva ia a sepultar, Ele tocou no caixão e disse: «Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te!» (Lc 7, 14).

Assim, não só confere à sua Palavra o poder de ressuscitar os mortos, mas também, para mostrar que o seu corpo está vivo, toca nos mortos, e pela sua carne faz passar a vida para os cadáveres. Se, apenas com o contacto da sua carne sagrada, devolve a vida a um corpo em decomposição, qual não será o proveito que encontraremos na sua Eucaristia viva quando fizermos dela o nosso alimento? Ela transformará totalmente no seu bem próprio, que é a imortalidade, todos os que nela participarem.

147. «Pai, tenho manifestado o Teu nome aos homens»

Comentário sobre o Evangelho de João

O Filho não manifestou o nome do Pai apenas revelando-o e dando-nos uma instrução exata sobre a sua divindade, uma vez que tudo isso tinha sido proclamado antes da vinda do Filho, pela Escritura inspirada. O Filho também nos ensinou, não só que Ele é verdadeiramente Deus, mas que é também verdadeiramente Pai, e que é assim verdadeiramente chamado, pois tem em Si mesmo e produz para fora de Si mesmo o Filho, que é coeterno com a sua natureza.

O nome de Pai é mais apropriado a Deus do que o nome de Deus: este é um nome de dignidade, aquele significa uma propriedade substancial. Porque quem diz Deus diz o Senhor do universo. Mas quem nomeia o Pai especifica a característica da pessoa: mostra que é Ele que gera.

Que o nome de Pai é mais verdadeiro e mais apropriado que o de Deus mostra-nos o próprio Filho pelo modo como o usa. Pois Ele não dizia: «Eu e Deus», mas: «Eu e o Pai somos um» (Jo 10, 30). E dizia também:

«Foi a Ele, ao Filho, que Deus marcou com o seu selo» (Jo 6, 27).

Mas, quando mandou os seus discípulos batizarem todos os povos, ordenou expressamente que o fizessem, não em nome de Deus, mas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28, 19).

148. «Vede as minhas mãos e os meus pés: sou Eu mesmo»

Comentário sobre o Evangelho de João

Ao entrar no Cenáculo com as portas trancadas, Cristo mostrou, uma vez mais, que é Deus por natureza, embora não seja diferente daquele que anteriormente vivia com os seus discípulos. Ao descobrir-lhes o lado, mostrando-lhes as marcas dos cravos, mostrou-lhes claramente que tinha reconstruído o templo do seu corpo, que fora suspenso da cruz (cf Jo 2,19), destruindo a morte física, uma vez que Ele é, por natureza, a vida e é Deus. [...]

Mesmo que Cristo tivesse querido tornar visível aos discípulos a glória do seu corpo antes de subir para o Pai, os nossos olhos não teriam tido capacidade de suportar tal visão. Percebemos que assim é recordando a transfiguração que teve lugar no alto da montanha (Mt 17,1s).

Foi por isso que, observando com precisão os planos divinos, Nosso Senhor Jesus apareceu no Cenáculo ainda com a forma que tivera no passado, e não segundo a glória que é devida e que convém ao seu templo transfigurado. Ele não queria que a fé na ressurreição dissesse respeito a um aspeto e a um corpo diferentes daqueles que tinha recebido da Santíssima Virgem e nos quais morreu, depois de ter sido crucificado, segundo as Escrituras. [...]

O Senhor saúda os seus discípulos dizendo-lhes: «A paz esteja convosco». Deste modo, declara que Ele próprio é a paz, porque quantos usufruem da sua presença usufruem também de um espírito perfeitamente pacificado.

149. Cristo abre-nos o caminho

Comentário sobre o Evangelho de João

«Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, como teria Eu dito que vos vou preparar um lugar?» (Jo 14,2).

O Senhor sabia que muitas dessas moradas já estavam preparadas e esperavam a chegada dos amigos de Deus.

Atribui, portanto, outro motivo à sua partida: preparar o caminho para a nossa ascensão a esses lugares no Céu, abrindo uma passagem, visto que, até então, ele nos era inacessível. Porque o Céu estava completamente fechado aos homens, e nunca um ser de carne tinha penetrado nesse santíssimo e puríssimo domínio dos anjos.

É Cristo quem nos inaugura esse caminho rumo às alturas. Ao oferecer-Se a si mesmo ao Pai como primícias dos que dormem nos túmulos da terra, permite à carne subir ao Céu, e Ele próprio é o primeiro homem a aparecer aos seus habitantes.

Os anjos, que não conheciam o mistério grandioso de uma entronização celeste da carne, contemplaram com assombro e admiração essa ascensão de Cristo. Quase perturbados perante esse espetáculo inaudito, exclamaram: «Quem é Este que vem de Edom?» (Is 63,1), isto é, da terra.

Mas o Espírito não lhes permite que permaneçam na ignorância, e [...] ordena que se abram as portas diante do Rei e Senhor do universo:

«Levantai, ó portas, os vossos umbrais, alteai-vos, pórticos antigos, e entrará o Rei da glória» (Sl 23,7).

Portanto, nosso Senhor Jesus Cristo inaugurou para nós «um caminho novo e vivo»; como diz São Paulo,

«Ele não entrou num santuário feito por mão humana [...], mas entrou no próprio Céu, para Se apresentar agora diante de Deus em nosso favor» (Hb 10,20; 9,24).

150. O discípulo bem formado será como o mestre

Comentário ao Evangelho de Lucas

«O discípulo não está acima do seu mestre.» Porque julgas, se o Mestre não o faz? Ele não veio para condenar o mundo, mas para o salvar (Jo 12, 47). Entendida neste sentido, a palavra de Cristo significa: «Se Eu não julgo, não julgues tu também, que és meu discípulo. Pode ser que tenhas culpas mais graves do que aquele que estás a julgar, e como te sentirás envergonhado ao tomares consciência disso!»

O Senhor ensina-nos o mesmo na parábola em que diz: «Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão?», aconselhando-nos com argumentos irrefutáveis a não julgarmos os outros, mas a perscrutarmos o nosso coração. Seguidamente incentiva-nos a libertarmo-nos dos desejos desregrados que nele estão instalados, pedindo a Deus essa graça. Efetivamente, é Ele que cura os que têm o coração abalado e nos liberta das nossas doenças espirituais. Porque, se os pecados que te esmagam são maiores e mais graves do que os dos demais, por que os censuras sem te preocupares com os teus?

Todos os que desejam viver devotamente, e sobretudo aqueles que estão encarregados de formar os outros, tirarão certamente proveito deste preceito. Se forem virtuosos e sóbrios,

vivendo de acordo com o Evangelho, acolherão com brandura os que ainda não agem do mesmo modo.

151. «E o pão que Eu hei-de dar é a Minha carne, pela vida do mundo»

Comentário ao Evangelho de Lucas

Como podia o homem, inexoravelmente preso à terra e submetido à morte, ter de novo acesso à imortalidade? Era preciso que a sua carne se tornasse participante da força vivificadora que é Deus. Ora, a força vivificadora de Deus nosso Pai é a sua Palavra, é o Filho Único; foi Ele que Deus nos enviou como Salvador e Redentor. [...]

Se deitares um pedacinho de pão em azeite, água ou vinho, impregnar-se-á das propriedades destes. Se o ferro estiver em contato com o fogo, será tomado pela energia deste e, ainda que de fato o ferro seja por natureza ferro somente, tornar-se-á semelhante ao fogo. Do mesmo modo, portanto, o Verbo vivificador de Deus, ao unir-Se à carne de que Se apropriou, tornou-a vivificadora.

Disse, com efeito:

«Aquele que crê tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida».

E ainda:

«Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu; se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar, é a minha carne. Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes mesmo a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós».

Do mesmo modo, portanto, ao comermos a carne de Cristo, Salvador de todos nós, e ao bebermos o Seu sangue, temos em nós a vida, tornamo-nos um com Ele, e Ele permanece em nós.

Ele tinha de vir até nós da maneira que convém a Deus, pelo Espírito Santo, e de integrar-Se de alguma forma nos nossos corpos, pela sua santa carne e pelo seu precioso sangue que, em bênção vivificadora, recebemos no pão e no vinho. De fato [...], Deus usou de condescendência para com a nossa fragilidade e pôs toda a força da sua vida nos elementos do pão e do vinho, que estão, assim, dotados da energia da sua própria vida. Não hesiteis, pois, em crer, pois o próprio Senhor claramente o disse: «Isto é o Meu corpo» e «Isto é o Meu sangue».

152. Se o grão de trigo morrer, dá muito fruto

Comentário ao Livro dos Números

Cristo, primícias da nova criação [...], depois de ter vencido a morte, ressuscitou e sobe para o Pai como oferta magnífica e esplendorosa, como as primícias do gênero humano, renovado e incorruptível. [...] Podemos considerá-Lo o símbolo do feixe das primícias da colheita que o Senhor exigiu a Israel que oferecesse no Templo (Lv 23, 9). O que representa este sinal?

Podemos comparar o gênero humano às espigas de um campo, que nascem da terra, ficam à espera de crescer e, depois de amadurecerem, são apanhadas pela morte. Era por isso que Cristo dizia aos Seus discípulos:

«Não dizeis vós que, dentro de quatro meses, chegará o tempo da ceifa? Pois bem, Eu digo-vos: erguei os olhos e vede. Os campos estão brancos para a ceifa. O ceifeiro já recebe o salário e recolhe o fruto para a vida eterna» (Jo 4, 35-36).

Ora, Cristo nasceu entre nós, nasceu da Virgem Santa como as espigas brotam da terra. Aliás, não hesita em dizer de Si próprio que é o grão de trigo:

«*Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto.*»

Deste modo, ofereceu-Se por nós ao Pai, à maneira de um feixe e como primícias da terra.

Porque a espiga de trigo, como aliás nós próprios, não pode ser considerada isoladamente. Vemo-la num feixe, constituído por numerosas espigas de um mesmo braçado. Cristo Jesus é único, mas aparece-nos como um feixe, e constitui efetivamente uma espécie de braçado, no sentido em que contém em Si todos os crentes, em união espiritual, evidentemente. Se assim não fosse, como poderia São Paulo escrever:

«*Com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar lá nos céus*» (Ef 2, 6)?

Com efeito, uma vez que Se fez um de nós, nós formamos com Ele um mesmo corpo (Ef 3, 6). [...] Aliás, é Ele quem dirige estas palavras a seu Pai:

«*Que todos sejam um como Tu, ó Pai, estás em Mim e Eu em Ti*» (Jo 17, 21).

O Senhor constitui, pois, as primícias da humanidade, que está destinada a ser armazenada nos celeiros do céu.

153. Quando estas coisas começarem a acontecer, cobrai ânimo... (Lc 21, 28)

Sobre Isaías

«Reduzistes a cidade a um montão de pedras; a cidadela dos orgulhosos está aniquilada, jamais será reedificada. Por isso um povo forte vos glorifica» (Is 25, 2-3).

Pertence ao desígnio constante de Deus onipotente e aos seus conselhos irrepreensíveis reduzir as «cidadelas» a «montões de pedra», abalá-las desde os fundamentos, sem esperança de voltarem a erguer-se. «Jamais será reedificada», diz o texto.

Estas cidades destruídas não são, a nosso ver, aquelas que são perceptíveis pelos sentidos, nem os homens que nelas vivem. Parece-nos que se trata antes das potências más e hostis, e sobretudo de Satanás, aqui chamado cidade e «cidadela». [...]

Quando o Emanuel apareceu e brilhou neste mundo, a tropa ímpia das potências adversas foi derrubada, Satanás foi abalado nos seus fundamentos e caiu, enfraquecido para sempre, sem esperança de voltar a erguer-se, de levantar de novo a cabeça.

É por isso que o povo pobre e a cidade dos homens oprimidos bendirá o Senhor. Israel foi chamado ao conhecimento de Deus pela pedagogia da Lei, foi cumulado de todos os bens por Deus. Sim, Israel foi salvo e obteve em herança a terra da promessa. Mas a multidão das nações que estão sob o céu estava privada destes bens espirituais. [...] Quando Cristo apareceu em pessoa e, destruindo a tirania do demônio, as conduziu a seu Deus e seu Pai, foram enriquecidas com a luz da verdade pela participação na glória divina, pela grandeza da vida do Evangelho. É por isso que cantam hinos de ação de graças a Deus Pai: «Tu realizaste os teus maravilhosos desígnios» (v. 1), tudo

recapitulando em Cristo. Tu iluminaste aqueles que se encontravam nas trevas (cf. Lc 1, 79), derrubando as potências que dominam o mundo (cf. Ef 6, 12) como se derrubam cidadelas. «Por isso um povo forte te glorifica».

154. Preparai o caminho do Senhor

Sobre Isaías

«O deserto e a terra árida alegrar-se-ão, a terra desolada exultará e florescerá» (Is 35, 1).

Aquela a quem a Escritura inspirada chama em geral desértica e estéril é a Igreja vinda dos pagãos. Ela já existia entre os povos, mas não tinha recebido do céu o seu Esposo místico, quer dizer, o Cristo. [...]

Mas Cristo veio a ela: foi cativado pela sua fé, enriqueceu-a com o rio divino que jorra d'Ele, e jorra porque Ele é «fonte de vida, torrente de delícias» (Sl 35, 10.9). [...] Assim que Ele Se tornou presente, a Igreja deixou de ser estéril e deserta; ela encontrou o seu Esposo, trouxe ao mundo inumeráveis filhos, cobriu-se de flores místicas. [...]

Isaías continua:

«O deserto será atravessado por um caminho puro, que se chamará Caminho Sagrado» (Is 35, 8).

O caminho puro é a força do Evangelho, penetrando a vida, ou, dizendo de outro modo, é a purificação do Espírito. Porque o Espírito retira a mancha impressa na alma humana, liberta-a dos pecados e destrói qualquer nódoa. Este caminho é, pois, justamente chamado santo e puro; ele é inacessível a quem não está purificado.

Com efeito, ninguém pode viver segundo o Evangelho se não foi primeiro purificado pelo santo batismo; portanto, ninguém o pode sem a fé. [...]

Só os que foram libertados da tirania do demônio poderão ter a vida gloriosa que o profeta ilustra com estas imagens: «Aí não haverá leões, nem animal feroz por aí passará» (Is 35, 9), por esse caminho puro. Anteriormente, com efeito, como um animal feroz, o diabo, esse inventor do pecado, atacava, com os espíritos maus, os habitantes da terra. Mas foi reduzido por Cristo ao puro nada, afastado para longe do rebanho dos crentes, despojado do domínio que exercia sobre eles. É por isso que, resgatados por Cristo e reunidos na fé, eles caminharão num só coração por este caminho puro (v. 9). Abandonando os seus antigos caminhos, «chegarão a Sião», quer dizer, à Igreja, «com uma alegria que não terá fim» (v. 10) nem na terra, nem nos céus, e darão glória a Deus, seu Salvador.

155. Assim «renovas a face da terra» (Sl 103, 30)

Sobre Isaías

Cristo quis trazer a Si o mundo inteiro e conduzir a Deus Pai todos os habitantes da terra. Quis restabelecer todas as coisas num estado melhor e renovar, por assim dizer, a face da terra. Eis por que, mesmo sendo o Senhor do Universo, tomou «a condição de servo» (Fil 2, 7). Por isso, anunciou a Boa Nova aos pobres, afirmando que tinha sido enviado com esse objetivo (Lc 4, 18).

Os pobres, ou antes, as pessoas que podemos considerar como pobres, são as que sofrem por se verem privadas de todo o bem, as «sem esperança e sem Deus no mundo» (Ef 2, 12), como diz a Escritura. São, parece-nos, as pessoas vindas do paganismo

e que, enriquecidas pela fé em Cristo, beneficiaram deste tesouro divino: a proclamação que trouxe a Salvação. Por ela, tornaram-se participantes do Reino dos céus e concidadãos dos santos, herdeiros das realidades que o homem não pode compreender nem exprimir – daquilo que, segundo o apóstolo Paulo,

«os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso Deus preparou para aqueles que O amam» (1Cor 2, 9). [...]

Também os descendentes de Israel tinham o coração ferido, eram pobres e como que prisioneiros, estavam cheios de trevas. [...] Cristo veio anunciar os benefícios da sua vinda precisamente aos descendentes de Israel, antes dos outros, e ao mesmo tempo proclamar o ano da graça do Senhor (Lc 4, 19) e o dia da recompensa.

156. É meu Pai que vos dá o verdadeiro pão que vem do céu

Sobre Isaías

«Cantai ao Senhor um cântico novo!» (Sl 95, 1).

Novo é o cântico, para se ajustar a realidades novas; Paulo escreveu:

«Se alguém está em Cristo é uma criatura nova; o mundo antigo passou, foi feito um mundo novo» (2Cor 5, 17).

Os que eram israelitas pelo sangue foram libertados da tirania dos egípcios graças ao mediador desse tempo, o muito sábio Moisés; foram libertados do trabalho penoso dos tijolos, dos suores inúteis das tarefas terrenas [...], da crueldade dos

supervisores, da dureza inumana do faraó. Atravessaram o mar; no deserto comeram o maná; beberam água que jorrou do rochedo; passaram o Jordão a pé enxuto; foram introduzidos na Terra da promessa.

Ora, por nós, tudo isso foi renovado, e o mundo novo é incomparavelmente melhor que o antigo. Nós fomos libertados de uma escravidão, não terrena, mas espiritual; fomos libertados, não só das tarefas desta terra, mas da mancha dos prazeres carnavais. Escapamos, não aos contramestres egípcios ou ao tirano ímpio e impiedoso, homem como nós, mas aos demônios malignos e impuros que incitam a pecar, e ao chefe da sua raça, Satanás.

Atravessamos as ondas da vida presente, como um mar, com o seu tumulto e as suas loucas agitações. Comemos o maná espiritual, o pão descido do céu, que dá a vida ao mundo. Bebemos a água que jorra da rocha, fazendo das águas vivas de Cristo as nossas delícias. Atravessámos o Jordão graças ao santo batismo que fomos julgados dignos de receber. Entramos na Terra prometida aos santos e preparada para eles, esta terra que o Senhor recorda ao dizer:

«Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra» (Mt 5, 4).



Eusébio de Alexandria

157. «O Sábado torna-se o primeiro dia da nova criação»

Sermões sobre o domingo, 16, 1-2; PG 86, 416-421.

A semana comporta evidentemente sete dias: Deus deu-nos seis para trabalharmos, e deu-nos um para rezarmos, repousarmos e para nos libertarmos dos nossos pecados... Vou expor-te as razões pelas quais a tradição de guardarmos o domingo e de nos abstermos de trabalhar nos foi transmitida.

Quando o Senhor confiou o sacramento aos discípulos, «tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: “Tomai e comei, este é o meu corpo entregue por vós em remissão dos pecados”». Da mesma forma, deu-lhes o cálice dizendo: «Bebei todos, este é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança, derramado por vós e pela multidão em remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim» (Mt 26, 26s; 1Co 11,24)

O dia santo de domingo é, pois, aquele em que se faz memória do Senhor. Por isso é que se lhe chama «o dia do Senhor». E ele é como o senhor dos dias.

Com efeito, antes da Paixão do Senhor, não era chamado «Dia do Senhor», mas «primeiro dia». Nesse dia, o Senhor estabeleceu o fundamento da ressurreição, quer dizer que empreendeu a criação; nesse dia, deu ao mundo as primícias da ressurreição; nesse dia, como dissemos, mandou celebrar os santos mistérios. Esse dia foi, pois, o começo de toda a graça: início da criação do mundo, início da ressurreição, início da semana. Esse

dia que comporta em si próprio três começos, prefigura a primazia da Santíssima Trindade.

158. «Não devia libertar-se desse jugo no dia de sábado?»

Sermões sobre o domingo, 16, 1–2.

A semana contém, evidentemente, sete dias: Deus deu-nos seis para trabalhar e um para orar, repousar e nos libertarmos dos nossos pecados. Portanto, se tivermos cometido faltas nesses seis dias, podemos repará-las no domingo, reconciliando-nos com Deus.

Vai, pois, de manhã, à igreja de Deus, aproxima-te do Senhor para Lhe confessares os teus pecados, entrega-Lhe a tua oração e o arrependimento de um coração contrito. Assiste à sagrada e divina liturgia, termina as tuas preces, não saias antes do envio da assembleia. Contempla o teu Senhor quando Ele estiver a ser partilhado e distribuído sem ser destruído. E, se a tua consciência estiver pura e sem pecado, avança e comunga o corpo e sangue do Senhor. [...] Se, pelo contrário, ela te condenar por atos culpáveis e maus, não ouses comungar até que a tenhas purificado pelo arrependimento.

Este dia foi-te oferecido para a oração e para o repouso. «Este é o dia da vitória do Senhor: cantemos e alegremo-nos nele!» (Sl 118,24). Glorifiquemos Aquele que ressuscitou neste dia, bem como o Pai e o Espírito Santo, agora e sempre, pelos séculos dos séculos.

